

OS ARQUIVOS SECRETOS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA

Total da documentação: 108 documentos – 1197 páginas

10 DOCUMENTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - PCdoB

10

DOCUMENTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - PCdoB

Documentos apreendidos pelos militares na região do conflito e no "aparelho" do partido na Lapa, em São Paulo, alguns deles manuscritos, transcritos e analisados pelo Centro de Informações do Exército - CIE

33 documentos – 238 páginas

Sumário

Documento 1 – Palestra do CIE sobre as ações das Forças Armadas na Amazônia, no combate à guerrilha. – 8 páginas.

Documento 2 – Coletânea de documentos sobre o Pcdob (índice). – 2 páginas.

Documento 3 – Levantamento da Região Norte do Estado do Amazonas, por membro do Pcdob. – 3 páginas.

Documento 4 – Análise do Pcdob sobre a guerrilha do Araguaia (1976). – 17 páginas.

Documento 5 – Fases da contra guerrilha na selva – Análise do CIE (1977). – 7 páginas.

Documento 6 – A Guerra Popular no Araguaia. – 7 páginas.

Documento 7 – Planejamento Estratégico do Pcdob para o "LUAR" – Análise do CIE (1977). – 9 páginas.

Documento 8 – Análise do Pcdob sobre a guerrilha rural. – 7 páginas.

Documento 9 – Documento do Pcdob sobre os três anos da guerrilha (1975). – 18 páginas.

Documento 10 – Registros manuscritos da reunião do Pcdob em 7 de maio de 1976. – 7 páginas.

Documento 11 – Registros manuscritos da reunião do Comitê Central do Pcdob em 14 de dezembro de 1976. – 13 páginas.

Documento 12 – Relatório do Comitê Central do Pcdob sobre contatos mantidos na Albânia e China. – 6 páginas.

Documento 13 – Relatório do comandante guerrilheiro Ângelo Arroyo – 10 de julho de 1975. – 3 páginas.

Documento 14 – Viagem de 27 a 10 de outubro de 1976 – Ângelo Arroyo. – 7 páginas.

Documento 15 – Críticas – manuscritas – dos membros do Comitê Central do Pcdob sobre a guerrilha do Araguaia. – 23 páginas.

Documento 16 – Idéias para o ano de 1977 – Manuscrito. – 5 páginas.

Documento 17 – Análise do Pcdob – novembro de 1976 – sobre a guerrilha do Araguaia. – 4 páginas.

Documento 18 – Registro de discussão – registrada em manuscrito – dos membros do Comitê Central do Pcdob sobre a guerrilha do Araguaia. – 8 páginas.

Documento 19 – Ensinaamentos sobre a guerrilha do Araguaia (manuscrito). – 7 páginas.

Documento 20 – Transcrição de manuscrito com registros de discussão sobre a guerrilha. – 4 páginas.

Documento 21 – Transcrição de manuscrito com registros de discussão sobre estruturação do partido. – 2 páginas.

Documento 22 – Transcrição de manuscrito com registros de discussão sobre a estruturação do partido. – 2 páginas.

Documento 23 – Transcrição de manuscrito com registros de discussão sobre a situação política no Brasil. – 2 páginas.

Documento 24 – Comunicado Nº 1 da Guerrilha do Araguaia – 25-5-1972. – 3 páginas.

Documento 25 – Em defesa do povo pobre e pelo progresso do interior – Sem data. – 9 páginas.

Documento 26 – Carta a um amigo – assinada por “Oswaldo” – 15-7-1972. – 2 páginas.

Documento 27 – Regulamento Militar e Regulamento da Justiça Revolucionária. – 7 páginas.

Documento 28 – Esquema do plano militar. – 4 páginas.

Documento 29 – Aos amigos de Porto Franco, Tocantinópolis e Estreito – carta do médico e guerrilheiro João Carlos Haas Sobrinho. – 4 páginas.

Documento 30 – Normas de segurança no trabalho de massas – assinado por “Oswaldo” – 15-7-1972. – 3 páginas.

Documento 31 – Documento da Justiça Militar Revolucionária. – 3 páginas.

Documento 32 – Carta a meus pais – Carta do guerrilheiro “Flávio” aos pais, comunicando o início da guerrilha. – 6 páginas.

Documento 33 – Documento do Pcdob sobre a guerrilha do Araguaia (folheto mimeografado). – 30 páginas.

PALESTRA

1 - INTRODUÇÃO

O objetivo da nossa exposição é apresentar aos senhores o trabalho que o CIE vem desenvolvendo na AMAZÔNIA, com a finalidade de levantar o TRABAHO DE CAMPO de Organizações subversivas, mais precisamente a implantação da GUERRILHA RURAL. Assessorando os Comandos de Áreas no combate a estas Organizações terroristas - com OPERAÇÕES DE INFORMAÇÕES - DE COMBATE e TRABALHO DE CONQUISTA E CONSCIENTIZAÇÃO DAS POPULAÇÕES nas áreas em tensão.

Para atingirmos este objetivo, é necessário fazermos um retrospecto da atuação do inimigo, comparando sua atuação no passado, no presente (com / correções introduzidas) e o que pretende para o futuro.

- (transparência) 1 - ANTECEDENTES
- TENTATIVAS DE IMPLANTAÇÃO DA GUERRILHA RURAL
 - ARAGUAIA
 - PINDARÉ
- 2 - COMO SE COMBATEU O INIMIGO
- 3 - REARTICULAÇÃO DO INIMIGO
- TRABALHO DO CLERO
 - ECLOSÃO DOS FOCOS DE TENSÃO SOCIAL - ÁREA POLARIZADA
 - NOVA DOUTRINA DO PARTIDO
- 4 - REINÍCIO DOS TRABALHOS DE INFORMAÇÕES NA ÁREA
- OP "W"
 - OP GUARIBA
 - OP "OP-3"
- 5 - SITUAÇÃO ATUAL DOS TRABALHOS NA CHAMADA ÁREA PRIORITÁRIA
- NOVA DOUTRINA DO INIMIGO
 - TRABALHO DOS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA

6 - CONCLUSÃO

Seguiremos este Sumário, em termos práticos, citando fatos vividos por nós no terreno, sem vaidade e, sem o menor constrangimento pela implicação dos fatos ocorridos.

1 - ANTECEDENTES

Com o objetivo de implantar no BRASIL o Marxismo Leninismo, através da LUTA ARMADA, (objetivo permanente do MCI), Organizações subversivas tentaram organizar no País ÁREAS DE CAMPO (Guerrilha Rural).

Assim foi que surgiram a PAJUSSARA com LAMARCA - CAPARAÓ - VALE DA RIBEIRA - TROMBA/FORMOSO - ARAGUAIA - PINDARE e tantas outras,

Abordaremos o ARAGUAIA e o PINDARÉ, que são mais atuais, e se situam no quadro da AMAZÔNIA, o que pretendemos enfocar,

(slaid)

a - ARAGUAIA

Apresentamos alguns aspectos da SELVA AMAZÔNICA. Uma forte razão fisiográfica, que levou o inimigo a escolher esta área para a sua LUTA DE GUERRILHAS,

(slaid)

Esta é a sua gente, o seu povo, então, com sérios problemas de sobrevivência:

TERRA - SAÚDE - ENSINO - OPRESSÕES DE GRUPOS ECONÔMICOS PODEROSOS E INESCRUPULOSOS - AUSÊNCIA DOS PODERES CONSTITUÍDOS - ESCOAMENTO DE SEUS PRODUTOS - FINANCIAMENTO DA PRODUÇÃO, CRÉDITO RURAL, ETC.

Estes foram os aspectos POLÍTICOS - ECONÔMICOS E PSICOSSOCIAIS explorados pelo inimigo, em cuja Bandeira Desfladada, levaram de arrastão algumas dezenas de inocentes famílias.

Coerente com a linha maoísta do Partido, o PC do B resolveu interiorizar-se, estabelecendo bases para a Guerrilha Rural na área compreendida pelo triângulo MARABÁ/PA - ARAGUAIA/GO e XAMBIOÁ/GO ou seja pela Grande Região constituída, pelo Sul do PARÁ, Norte de GOIÁS e Oeste Maranhense.

(slaid)

(transparência)

Eram os seguintes os objetivos do Partido:

- FORMAÇÃO E TREINAMENTO DE GUERRILHAS RURAIS
- COMPROVAÇÃO DA VIABILIDADE DA GUERRILHA RURAL
- ESTABELECIMENTO DE UM FOCO GUERRILHEIRO E POSTERIORMENTE DE UMA COLUNA GUERRILHEIRA
- OBTENÇÃO DE APOIO EXTERNO, COM A CONSEQUENTE REPERCUSSÃO INTERNACIONAL
- ADESÃO DE OUTRAS ORGANIZAÇÕES SUBVERSIVAS
- EXPLORAÇÃO DOS ANTAGONISMOS EXISTENTES NA ÁREA
- CRIAÇÃO DE UMA REDE DE APOIO.

Para alcançar tais objetivos suas operações obedeciam ao seguinte fascamento:

(transparência)

- 1a. Fase: Estabelecimento de bases e contatos com a população local, sem idéia, contudo, de doutrinação marxista ou subversiva.
- 2a. Fase: Arregimentação de habitantes através de doutrinação política e exploração de problemas ligados a posse de terra.
- 3a. Fase: Tomada Violenta de propriedades rurais e desencadeamento de Guerrilha Rural.

Da concretização dos objetivos propostos adviriam as seguintes consequências:

(transparência)

- CONTROLAR A TRANSAMAZÔNICA E A BELÉM/BRASÍLIA
- OCUPAR PEQUENAS LOCALIDADES POR CURTO ESPAÇO DE TEMPO, A FIM DE DAR IDÉIA DE CRIAÇÃO DE UMA ÁREA LIBERADA
- PROMOVER O DESGASTE DA AUTORIDADE E FORÇAS GOVERNAMENTAIS
- PROVOCAR O DESCRÉDITO POLÍTICO DO PAÍS NO EXTERIOR, COM A CONSEQUENTE REPERCUSSÃO NEGATIVA NO CAMPO ECONÔMICO INTERNACIONAL
- OBTER APOIO MATERIAL DO EXTERIOR.

(slaid)

COMO AGIAM

HISTORIAR

- Deslocamento para a área
- Estabelecimento de PA
- Interiorização
- Conquista da confiança da população
- Trabalho de massa
- Veículos do trabalho de Massa
- Áreas Superpostas

2 - COMO SE COMBATEU O INIMIGO

- Citar as 2 campanhas iniciais
Na 2a. campanha ida ao XINGÚ
- Citar Op SUCURI
Na SUCURI Grupos em Redenção
- Citar 3a. campanha Op MARAJOARA
PAULO ASSUNÇÃO - Grupos ao Sul
- Citar exemplos de abnegação e coragem do inimigo
ELENIRA - SONIA - M. DINÁ
- Abandono da Área após a Op MARAJOARA
(Maio de 74 a Maio de 75)

(slaid)

PINDARÉ

- Situação Geográfica
- Finalidade Política
- Correções introduzidas.

3 - REARTICULAÇÃO DO INIMIGO

a - Trabalho do CLERO

- Citar a organização das Comunidades Eclesiais de Base ORGANIZAÇÃO - TREINAMENTOS MILITARES.

(Episcópio
croquis)

b - Eclosão dos Focos de Tensão Social

Assim foi que surgiram:

(Episcópio
2P)

- SÃO PEDRO
HISTORIAR

(Episcópio
3P)

- CAPAZ
HISTORLAR

(Episcópio
Slaid) 3P

- ACARÁ
HISTORLAR

(Slaid)

- OP - 3
HISTORLAR
- TUCURUÍ - BAIÃO - JOANA PERES.

(transparência)

- c - Nova doutrina do Partido
COMENTAR

(Episcópio
Croquis)

- 4 - REINÍCIO DOS TRABALHOS DE INFORMAÇÕES
 - Op "W"
 - Op GUARIBA COMENTAR
 - Op "OP 3"

- 5 - SITUAÇÃO ATUAL DOS TRABALHOS NA CHAMADA ÁREA PRIORITÁRIA

Em dezembro de 1976, quando praticamente terminávamos o Vasculhamento da Área Polarizada, e partíamos para o XINGÚ, na esperança de encontrarmos a área de luta do Partido.

Caiam em SÃO PAULO elementos de Cúpula do PC do B, com estouro do "Aparelho" da Rua Pio XI, seria a oportunidade para derrubarmos a Regional do PARÁ, cérebro do trabalho de Campo na área Prioritária. No entanto, não logramos êxito dado a ampla divulgação pela imprensa das ações desenvolvidas.

De posse da farta documentação ali apreendida, tivemos mais dados, para confirmar aquilo que buscávamos.

- a - NOVA DOCTRINA DO INIMIGO

(transparência)

- DOCTRINA PARA PREPARAÇÃO E CONDUÇÃO DA GUERRILHA
- COMENTAR OS RELATÓRIOS DO CIE -

(transparência
episcópio
croquis)

- OBSERVAÇÃO
- MILITAR
- PLANO

(transparência)
(transparência
slaid)

(manter slaid L. At do
PC do B)

- TRABALHO ATUAL DO INIMIGO
- REARTICULAÇÃO DO PINDARÉ

Seria seguindo o PLANO anteriormente mos-
trado - Área de Flanco.

- ÁREA POLARIZADA

Persistem alguns Focos:

- SÃO PEDRO - CAPAZ - ACARÁ.

(episcópio)

- XINGÚ
HISTORLAR

PROJETAR CROQUIS

b - TRABALHO DOS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA

Entrosamento CIE - Cmd^{os} de Área e demais Ór-
gãos.

- Op "W" - XINGÚ
- Op GUARIBA
- Op OP3
- Op DOCEGEO - Foco atual de tensão social

(slaid)

(episcópio)
OP

6 - CONCLUSÃO

Tentamos fazer em nossa exposição, uma conotação en-
tre o trabalho do inimigo no passado, no presente e o que
pretende para o futuro.

Sabemos que os objetivos do MCI são permanentes.

A CONQUISTA DO PODER

No BRASIL empregarão sem dúvida, todos os seus meios
para alcançar este objetivo. Como já fizeram em inúmeras ou-
tras partes do mundo, com pleno êxito.

A derrubada de elementos de direção Nacional do PC do
B, no "aparelho" de SÃO PAULO, não significa a derrocada
do Partido, e nem tão pouco interrupção de seus planos. Por
experiência do ARAGUAIA, descentralizaram seus Coman-
dos.

(episcópio
degoia)

(slaid
Guevara)

(proj. 1 slaid)

Os focos de tensão social, criados e ainda existentes, em
estado ativo ou latente, que constituem a chamada Área Pola-
rizada, por nós batizada, confirma a execução das diretri-

zes emanadas do CC,

(proj. 1 slaid)

O surgimento das Áreas secundárias de Apoio ou de Flanco - PINDARÉ - Polarizada, confirmam a estrutura que se monta no terreno, em perfeita consonância com a Nova Doutrina preconizada.

O surgimento dos grupos armados no médio XINGÚ, complementarão com o trabalho Militar, a estrutura acima.

Acreditamos não ter o inimigo possibilidades de desencadear uma luta armada naquela área, a curto prazo, mas o terá a longo ou, talvez a médio, e para isto, sem dúvida se prepara.

Julgamos necessário, o prosseguimento de nosso trabalho e, mesmo aprofundarmos as infiltrações do médio XINGÚ onde se requer, sem dúvida, mais meios materiais.

(1 slaid MABONI)

O Clero tenta através do Prelado de MARABÁ e CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, neutralizar nosso trabalho de conscientização e recrutamento da população camponesa e, o conseguirá, se não agirmos com firmeza, porém com cautela e discreção.

O XINGÚ segundo nos parece, será sem dúvida, palco de novas tentativas de implantação de Guerrilha Rural e, para tanto, julgamos necessário acompanhar de perto os passos do inimigo, para que não sejamos apanhados novamente desprevenidos, e mesmo despreparados. Para tanto, mantemos na área uma rede consistente de informantes, através da Op GUARIBA, como também, uma Operação de Informações, através de infiltrados - Op "W".

(2 slaid OP-3)

Mas, o mais importante talvez, são as Operações de Conquista das Populações, nas áreas de tensão Social, onde levamos um pouco de segurança e bem estar, através dos diferentes Órgãos do Governo.

A par deste trabalho Assistencial, ganhamos a confiança da População, a conscientizamos Politicamente, mantendo-a imune às tentativas de penetração do Comunismo.

Somente através deste trabalho, que o inimigo tão bem sabe fazer, é que, de fato o neutralizamos - Pela Consciência - Pelo Exemplo e sobretudo pelo Apoio.

Se no ARAGUAIA tivemos dificuldades de toda ordem para enfrentarmos um inimigo, embora consciente, mas militarmente despreparado, como nos sentiríamos enfrentando-o em condições que lhe fossem mais favoráveis, técnica e materialmente ?

(2 slides)

Que a nossa Bandeira - Verde-Amarela permaneça in substituível na AMAZÔNIA.

COLETÂNEA DE DOCUMENTOS SOBRE O PC DO B

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa reunir em um só documento o seguinte:

- uma série de publicações, análises, resoluções, críticas, etc, elaboradas por elementos do CC/PC do B, apreendidas no "aparelho" do "partido", em SÃO PAULO, em Dez 76;
- uma análise dessa documentação, que nos indica a constituição de um PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO PC DO B para a implantação da "luta armada" (LUAR) no BRASIL;
- a apresentação das fases, para o combate da guerrilha rural no nosso País.

A fim de que o documento não fique prolixo, não serão feitas considerações sobre cada anexo, ficando a cargo de cada usuário, analisar detalhadamente cada documento e tirar conclusões sobre os mesmos.

Deve-se levar em conta que os dados e fatos constantes da documentação apreendida, foram fornecidos por subversivos-terroristas no aconchego de seu "aparelho", de livre e espontânea vontade, escrevendo o que sentem e o que pensam, realmente.

2. RELAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO EM ANEXO

- ANEXO Nº 1 - Reconhecimentos realizados em 1976 por elementos do CC/PC do B no Norte do País;
- ANEXO Nº 2 - Ensinamentos colhidos pelo PC do B sobre a guerrilha do SE-PARÁ;
- ANEXO Nº 3 - Estudo do PC do B para a implantação da guerrilha rural no ARAGUAIA;
- ANEXO Nº 4 - Análise do "partido" sobre a guerrilha do ARAGUAIA - CONCLUSÕES;
- ANEXO Nº 5 - Fases da Contra guerrilha na SELVA (Experiência + Anexo 3 e 4);

- ANEXO Nº 6 - Planejamento Estratégico do PC do B para a Luta Armada;
- ANEXO Nº 7 - Trabalho no meio rural - Método de Conduta;
- ANEXO Nº 8 - Documento elaborado pelo "partido", em 1975, a fim de divulgar a "luta armada" no ARA-GUALA;
- ANEXO Nº 9 - Relatórios de reunião do CC/PC do B em 1976;
- ANEXO Nº 10 - Ligação do PC do B com o PC CHINÊS - época de MAO TSE TUNG;
- ANEXO Nº 11 - Cópias de manuscritos encontrados no Aparelho da Rua PIO XI - S, PAULO.

3

Levantamento da Região Norte do Est do AMAZONAS

- ② - Rio Missanga
- Foz do Araguaia - pororoca (Obs: considera o Tocantins como Araguaia)
 - De.....(de Toarcelos) - missão que faz.....
 - Cucui fronteira Bolívia, Colombia, Venezuela
 - Negro se chama..... (Guariama?)
 - Tapuruquara - missão: 3 h de Manaus
 -(Inharuclê?)
 - Rios cheias de pedra
 - Uaupés
 - S. Gabriel da Cachoeira
 - Montanhas da margem direita.....
 - (camamoar ?)
 - Montes Curicuriari - 1200 m altitude
 - Serra da Bela Adormecida, partes do Uaupés
 - Rio Curicuriari desagua no Negro e a vila
 - Estrada Manaus - Uaupés
 - Colina
 - Cachoeira do Ipanoré "onde nasce a vida"
 - Iamaretê = "salto da onça"
 - Pari - cachoeira à margem do rio Tiquiô

Obs: Ver anexo nº 8.

- ③ - Sit - Pretinho - | 5 | 20 | 25 | 19 hs - Paes ? (P. A.)
- Tref - Jaci - a Jequié - Atuou Movimento Estudantil em SALVADOR, PEROSA
prima de 2 amigos do Ar; Pai tem Fazenda na PA-70
 - Crist. José Arag - Foi Al ligar-se ao ANL
 - 1 moça Santa Inês ou casal
 - 1 moça para arredores SANTA LUZIA - fazenda
 - 1 moça para enfermeira no BURITI TORTO
 - 1 aprendiz administrador fazenda
 - Else - Luta ficou entre SAN e VF no MARANHÃO
- PARÁ - derrota em BELÉM, apesar de ter 4 ARENA e 3 MDB - acordo tácito -
Part - Vigia novas possibilidades.
- Comp. terras - Problema envolve todo mundo - Projeto do Meireles .
- CONCEIÇÃO ARAGUAIA
P - P 17 - 2 grupos intelectuais

- ④ Quem é.....?
- Foto Zez. Desp.
 - Carta saída
 - Nomeou Cia quem ligou ?
 - Relatório sigiloso
 - ANDRÉ: informante &
 - DRECO
 -
 -
 - Viagens do Zé NE (Repetidas)

1

- "bride mais a vida"
 - "bonheur" = "well-being"
 - "pauvre"
 - "l'ami - l'adieu" = "the friend - the goodbye"
 - "le rio Inguiré"

2

- "le rio Inguiré"
 - "l'ami - l'adieu"
 - "pauvre"
 - "bonheur"
 - "bride mais a vida"
 - "le rio Inguiré"

4

3

- "le rio Inguiré"
 - "l'ami - l'adieu"
 - "pauvre"
 - "bonheur"
 - "bride mais a vida"
 - "le rio Inguiré"

4

102

CÓPIA DA DOCUMENTAÇÃO APREENDIDA NO APARELHO DO PC DO B DA
RUA PIO XI/SP - DEZ. 76

ANÁLISE DO PARTIDO SOBRE A GUERRILHA DO ARAGUAIA

11 Camaradas

Na última reunião do CC foi apresentado um relato objetivo do trabalho de preparação da luta armada em várias regiões do BRASIL, após a reorganização do Partido. Deu-se particular atenção aos preparativos, desencadecamento e desenvolvimento da resistência armada no ARAGUAIA. Nesta reunião, se discutirá essa experiência.

A guerrilha no Sul do PARÁ sobrevive há mais de 3 anos. Nenhuma luta com esse caráter em nosso país sustentou-se durante tanto tempo. As tentativas depois do golpe de 1964 fracassaram em poucos dias. É o caso do levante do Coronel CARDIM, no RIO GRANDE DO SUL, a preparação armada na Serra do CAPARAÓ, a guerrilha do VALE DA RIBEIRA, a guerrilha urbana dirigida por MARIGHELA, etc.

IMPORTÂNCIA POLÍTICA DA LUTA NO ARAGUAIA

A resistência armada no ARAGUAIA verificou-se quando a ditadura já imperava há oito anos no país. Na época, os militares consideravam como liquidada a oposição ao regime fascista. Acendeu-se então uma chama que ilumina a estrada que deve ser trilhada pelo nosso povo na busca de sua libertação. Este exemplo é um poderoso estímulo para todos os patriotas e revolucionários. O PC do BRASIL, à frente dessa luta, coloca-se como a força mais conseqüente na luta contra a ditadura. Com isto aumenta seu prestígio no seio das correntes progressistas do país e no exterior.

Fato político a assinalar é que na área onde se desenvolve a luta guerrilheira, mais de 90% da população passou a apoiar os combatentes do povo. A princípio, Apoio Moral. A massa mostrava-se simpática aos guerrilheiros, apesar de todo o trabalho realizado pelo inimigo com o objetivo de amedrontá-la e enganá-la. A seguir, a ajuda passou a ser mais ativa. Além dos alimentos, auxílio na transmissão de informações e na aquisição de objetos necessários. Era comum, a massa colocar sua roça à disposição dos guerrilheiros. Sua integração com os guerrilheiros cresceu a tal ponto que estes realizavam trabalho produtivo junto com os moradores em suas roças. Populares faziam propaganda da guerrilha. O povo local to-

combatentes. Numa fase mais adiantada da luta, organizaram-se núcleos da ULDP; alguns posseiros ingressam nas forças guerrilheiras e cerca de 40 elementos haviam se comprometido a isto fazer, quando os militares iniciassem a 3a. campanha. Nove participam de ações guerrilheiras sem pertencer aos Destacamentos.

"O povo mata" uniu em torno de si pessoas de todas as crenças e camadas sociais; católicos, crentes, terecozeiros, posseiros pobres, camponeses médios, comerciantes, alguns fazendeiros e mesmo donos de castanhais. A luta elevou a consciência política das massas, ajudou-a a ver quem são seus amigos e seus inimigos, despertou-a para as causas da situação de miséria em que vive. A ditadura não conseguiu mobilizar e organizar o povo no combate à guerrilha. Tiveram imensas dificuldades em conseguir guias. Todas as tentativas de ganhar as massas com o ... INCRA e Operações Aciso fracassaram.

Foi, portanto, no terreno político, fundamentalmente no trabalho de massas, que residiu o êxito principal da resistência armada no Sul do PARÁ.

Constitui fato relevante a guerrilha ter resistido longo período, apesar do Exército ter realizado três campanhas militares, empregando cerca de 20 mil homens. Os Destacamentos armados fizeram algumas ações militares que tiveram grande repercussão política na região. Conseguiram algumas armas, provisões e liquidaram soldados e bate-paus.

No ARAGUAIA forjaram-se verdadeiros revolucionários. A alta consciência política, as dificuldades da luta, fizeram surgir combatentes firmes, Leais ao Partido e ao Povo, dispostos aos maiores sacrifícios. Com raras exceções, quase todos avançaram na sua formação revolucionária, dando exemplos de coragem, abnegação, firmeza e disciplina. O ARAGUAIA constituiu-se numa escola de quadros. Destaque especial merecem as mulheres que em todas as tarefas se igualavam aos homens. Os que ali tombaram são mártires da luta para que o nosso povo tenha um futuro mais feliz. Cumpriram com honra seu dever de comunistas. Os que ainda mantêm a chama acesa da luta no ARAGUAIA merecem a nossa grande admiração, respeito, solidariedade proletária.

Grande importância política teve a luta do ARAGUAIA no conjunto do país. Ela é inseparável do esforço de nosso povo para se ver livre da ditadura. Como forma mais alta de luta, onde se torna conhecida, ganha adeptos e é saudada com entusiasmo. Pode-se considerá-la como um golpe potente sobre o regime dos militares fascistas.

Também no exterior, a resistência armada teve uma grande repercussão. Foi encarada como parte da grande luta dos povos oprimidos por sua verdadeira eman-

O QUE NOS ENSINA O ARAGUAIA

Camaradas. O ARAGUAIA, qualquer que seja a sua sorte, traz inúmeros ensinamentos para o nosso povo e para o nosso Partido que é a sua vanguarda. Durante a luta tivemos êxitos significativos e também erros e deficiências. Até o início da 3a. campanha já havíamos notado diversas falhas, embora, no conjunto, fosse bastante positivo os resultados alcançados. Os insucessos mais graves ocorreram no curso da 3a. campanha. Sofremos uma derrota temporária. Devemos aqui fazer um exame crítico e autocrítico de toda a nossa atuação no ARAGUAIA, aprender com as experiências tanto positivas como negativas. A discussão se faz baseada numa experiência vivida. Entretanto, os dados que temos referem-se ao período que vai até janeiro de 1974. De lá para cá, as informações que possuímos são precárias. Não sabemos qual foi a consequência do ataque do inimigo sobre o acampamento em que se encontrava a CM e elementos de dois destacamentos, o B e o C, ataque realizado em 25 de dezembro de 1973. Tampouco sabemos como reagiu a massa diante da ofensiva do Exército. As notícias recentes dizem que o Exército continua na área realizando operações antiguerrilha. E o General GEISEL, em março, tornou pública a existência das guerrilhas de MARABÁ-XAMBIOÁ. Deduzimos, pelo que sabemos, que a luta continua, apesar dos sérios golpes que sofremos.

A luta no Sul do PARÁ iniciou-se por iniciativa do inimigo. As Forças Guerrilheiras ainda não haviam terminado sua preparação em todos os terrenos, quando foram atacadas. Diante da agressão, tínhamos duas opções: a) abandonar a área; b) resistir de armas nas mãos. Preferiu-se a segunda pelo fato de que já havia um mínimo de preparação e a luta se iniciava politicamente de maneira favorável. Os resistentes apareciam como vítimas da violência da ditadura e os militares apresentavam-se perante o povo com sua verdadeira face de instrumento dos mais poderosos e do regime fascista.

Por que a luta armada no ARAGUAIA manteve-se acesa durante os vinte primeiros meses? Por que ganhou o apoio de mais de 90% da população? Isto foi possível por uma série de fatores dos quais destacamos os seguintes:

1 - INTEGRAÇÃO COM AS MASSAS

Realizou-se um bom trabalho de integração com os moradores da região. Os guerrilheiros não eram estranhos ao povo, não caíram de paraquedas. Alguns viviam lá há uns 6 ou 7 anos. Os laços de amizade entre os combatentes e as massas eram estreitos. Efetuou-se um trabalho de servir o povo através de atividades de assistência médica, farmacêutica, dentária, alfabetização, comércio, trabalho produtivo em comum, visitas, etc. O trabalho político não era aberto antes de

começar a luta e se o fosse não há dúvida de que sofreríamos golpes antes de nos firmar na área. A maioria da população conhecia bem os nossos camaradas os quais eram respeitados e queridos pelo povo. Por isso, a ditadura não conseguiu mobilizar as massas contra os guerrilheiros.

2 - ORIENTAÇÃO POLÍTICA CORRETA

A orientação política foi certa desde o período da preparação, início e desenvolvimento da luta armada. Baseava-se na orientação programática e tática do Partido e que se expressava, na região, no documento "EM DEFESA DO POVO POBRE E PELO PROGRESSO DO INTERIOR". O conflito armado apresentou-se como resistência dos moradores às arbitrariedades do Exército. O povo era vítima da ação militar e apelava para as armas como o único recurso para defender seus direitos. O comunicado nº 1 das FF.GG. esclarece às massas sobre o motivo da luta, seus objetivos e apela para que estas se unam, se organizem e enfrentem o inimigo. Toda a propaganda verbal e escrita concentrava-se no ataque à ditadura militar, contra os grileiros e também contra os imperialistas norte-americanos. Ligou-se a luta pelas reivindicações locais com a luta pelas reivindicações nacionais. Denunciou-se as manobras do INCRA, da Operação ACISO, a venda de grandes extensões de terra aos americanos, a entrega do minério da Serra dos CARAJÁS, etc. Nas relações com as massas, respeitávamos seus costumes e suas crenças, não se discutia religião e se tomava parte nas suas sessões de rezas, respeitávamos as mulheres e as filhas dos camponeses, tudo que se comprava se pagava. Essa nossa conduta nos distinguia dos militares que, por onde passavam, cometiam as maiores brutalidades. Nossa política foi uma política de massas, que se apoiava no princípio de unir todos os que possam ser unidos, neutralizar os que possam ser neutralizados, e atacar os que devem ser atacados. O resultado dessa orientação correta foi a criação de uma base política na região, embora elementar, o ingresso de elementos de massa na guerrilha, a organização de núcleos da ULDP e o apoio de mais de 90% dos moradores.

3 - A REGIÃO BEM ESCOLHIDA

A região escolhida para se preparar e desencadear a luta armada era boa, do ponto de vista de massa, mata e recursos naturais. Houve uma justa combinação do fator mata e massa. A população é constituída por posseiros, sendo que mais de 80% era gente pobre. Alguns vieram para ali, expulsos de outras regiões. Embora fosse uma população politicamente atrasada, odiava os grileiros, a polícia e procurava ter a sua terra. Potencialmente é uma massa favorável à Revolução democrática e antiimperialista. Na área e na periferia ocorriam choques com os grileiros, por motivo de terras. A densidade populacional era regular, incluindo-se a perife-

ria. As maiores concentrações estão na beira do ARAGUAIA, diminuindo à medida em que dela se afasta para o interior da mata. A região liga-se com GOIÁS e MARRANHÃO, também com MATO GROSSO, podendo por isso ecoar nesses Estados a luta travada no ARAGUAIA. É toda coberta de mata. Esta foi um aliado poderoso da guerrilha, sobretudo na primeira e segunda campanhas. A área tinha poucas estradas, muita caça, frutos, palmito e era autosuficiente em produtos agrícolas. O fato de a guerrilha estar localizada numa área coberta de mata, com poucas estradas, com recursos naturais e alimentícios foi fator favorável a sua sobrevivência. Na fase inicial, tratando-se de uma força pequena, com pouca experiência e armas ineficientes, a mata tem enorme importância. Protege a guerrilha dos ataques aéreos, dos blindados e da artilharia. A existência de poucas estradas dificulta o cerco do inimigo.

4 - ORIENTAÇÃO MILITAR, NO FUNDAMENTAL, CORRETA (Até o início da 3a. campanha).

A orientação partia do fato de que a guerrilha era uma força pequena, com pouca experiência militar, mal armada, responsável pelo único foco de luta armada no país. E o inimigo era forte militarmente. Toda a ação militar foi examinada de um ponto-de-vista político: se contribuiria ou não para maior ligação da guerrilha com as massas. Em síntese a orientação foi a seguinte: quando o inimigo entrava na zona da guerrilha, devíamos recuar e concentrar nossa força em cada Destacamento; a partir de informações concretas, adotar a linha de ação. Se o inimigo realizasse uma grande operação, devíamos ficar recuados nos refúgios. Se a operação é de menor envergadura, se devia realizar algumas ações militares e trabalho de massa. Admitimos como princípio estratégico fundamental - a sobrevivência. Esta significava não realizar ações que levassem a perda desnecessária de companheiros, evitar combates frontais, conhecer bem o terreno e ter áreas de refúgio. O princípio da sobrevivência estava ligado à perspectiva de que a luta seria prolongada e que a existência de um foco armado jogava papel relevante na situação nacional. Como forma principal de luta armada, adotou-se a propaganda armada. Fez-se mais propaganda política e menos ações militares. A propaganda visava explicar às massas os objetivos da luta, elevar a sua consciência política, ganhar o seu apoio, estender a nossa influência e criar uma base política na região. A criação dessa base tinha enorme importância na ampliação da luta armada. Pode-se afirmar que criamos uma base política, pois contávamos com o apoio e a imensa simpatia do povo.

5 - PREPARAÇÃO DOS COMBATENTES

Os combatentes tinham uma razoável preparação política, ideológica e

militar. Todos conheciam a orientação do Partido e esforçavam-se para aplicá-la na região. Os documentos partidários eram discutidos, tendo-se o máximo de cuidado com a segurança. Faziam-se debates sobre problemas nacionais e internacionais. A Rádio prestou uma grande ajuda na formação política dos combatentes. O preparo ideológico era encarado como fundamental para os guerrilheiros. Na seleção do pessoal, considerava-se em primeiro lugar o aspecto ideológico. Cerca de 90% dos que foram para o ARAGUAIA comportaram-se dignamente e honraram a tarefa que receberam. Embora em sua imensa maioria não tivessem conhecimentos militares, quando lá chegaram, esforçaram-se para adquirí-los. Todos aprenderam a atirar, alguns chegaram a ser bons atiradores, aprenderam a caminhar bem na mata, a orientar-se, sobreviver, etc. O Curso Militar que foi ali elaborado e ministrado, contribuiu muito para o aperfeiçoamento do pessoal. E depois a luta ensinou mais ainda. Sem esse mínimo de preparação militar e de conhecimento do terreno, seria muito difícil enfrentar o inimigo.

6 - A RESERVA DE PROVISÕES

Havia uma certa preparação logística. Ainda que na região houvesse recursos alimentícios, organizaram-se, antes da luta, vários depósitos com medicamentos, alimentos, roupas, pólvora, etc. Isto serviu de apoio aos guerrilheiros quando foram atacados pelos militares. A guerrilha recuou para áreas de refúgio e durante algumas semanas evitou de ter que se aproximar da casa dos posseiros a procura de comida, o que seria perigoso, porque o inimigo vigiava esses locais. No desenvolvimento da luta, foram criados novos depósitos de alimentos que desempenharam importante papel. Se faltasse esse mínimo de provisão a sobrevivência da guerrilha tornar-se-ia difícil. Há momento em que a pressão do inimigo é grande, obrigando a guerrilha a sumir durante meses para escapar aos golpes do adversário. Por isso são necessários a criação de depósitos clandestinos e pontos de apoio clandestinos que ajudem no abastecimento. A luta armada no BRASIL não conta com países vizinhos amigos. Daí a necessidade de cuidar atentamente de uma rede interna de abastecimentos.

7 - INIMIGO CARENTE DE EXPERIÊNCIA

Por último, a guerrilha enfrentou nas duas primeiras campanhas, um adversário mal preparado e com pouca experiência para a luta na selva. A maioria dos soldados eram recrutas, tinham moral baixo. O Exército não dispunha de bons guias. Por isso, a sua movimentação limitava-se mais a andar nas estradas, caminhos, roças, abrindo picadas ou beirando as grotas. As informações que eles tinham sobre as nossas forças, nossa movimentação, nossas áreas de atuação e refúgios eram precárias. Tendo se retirado da área e permanecido unicamente em

periferia, permitindo certa liberdade de ação dos guerrilheiros. Sem a pressão imediata do inimigo, a massa sentia-se mais confiante. A guerrilha aparecia, no local, como autoridade. Assim pôde ligar-se mais às massas e expandir sua influência.

Em linhas gerais, foram estes os fatores principais que atuaram positivamente e permitiram os êxitos alcançados pela guerrilha até o início da 3a. campanha.

ERROS E DEFICIÊNCIAS

Apesar de a guerrilha ter conseguido, particularmente, entre a primeira e a terceira campanha, importantes êxitos, registraram-se também falhas, deficiências e erros que devemos analisar, os quais nos conduziam a sofrer uma derrota temporária no curso da terceira campanha.

O principal erro foi não ter expandido a base guerrilheira e sim tê-la restringido. Ter concentrado demais nossas forças ao invés de disperçá-las. Desde o início da luta era grande o número de combatentes em relação ao terreno e à massa. Haviam cerca de 70 elementos numa extensão de 130 quilômetros por 50 de fundo. No decorrer da luta, a área foi ainda mais reduzida, em consequência das baixas sofridas pelo Destacamento "C". Este, a partir de março de 1973 aproximou-se mais da área do Destacamento B, restringindo-se assim a sua área de atuação. A partir de agosto, passou a atuar junto com o B. O Destacamento A também ficou muito tempo preso à área de FORTALEZA, quando podia ter ampliado mais seu campo de incursões. Ficou-se demasiado amarrado ao território já trabalhado politicamente. Neste já não seria necessário ficar tanta gente, uma vez que as massas nos apoiavam abertamente. Tratava-se de deixar alguns elementos para consolidar o trabalho de massas e organizar mais o povo. Outros elementos podiam deslocar-se para outras áreas tendo em vista a abertura de novas frentes guerrilheiras. Esta hipótese já vinha sendo discutida mas não foi levada à prática. Achava-se que era necessário consolidar mais o trabalho de massa, pois muitos moradores ainda não tinham sido atingidos com a nossa propaganda. Havia também a perspectiva de que o Exército podia voltar a qualquer momento e era necessário ter o pessoal à mão. Além disto, haviam as promessas da entrada de cerca de 40 elementos depois da volta do Exército. O deslocamento para outras áreas seria inteiramente correto, porque estenderia ainda mais nossa influência política, nosso campo de manobra tornar-se-ia maior, obrigando o inimigo a dispersar mais suas forças.

Este erro se agravou com a decisão da CM, em novembro de 1973, de fundir os 3 destacamentos. A idéia da fusão partiu do fato de que, reunidos, os 3 teriam mais poder de fogo, melhores condições para realizar ações armadas e um comando mais

atuante e eficiente. Além disso, as forças dos Destacamentos B e C tinham-se reduzidos com as baixas sofridas. O C contava somente com 14 elementos e o B com 12 elementos. A decisão de fundir os 3 não chegou a se concretizar. Apesar disto, a CM ficou "amarrada" a essa resolução. Quando o inimigo, na 3a. campanha acossou fortemente os guerrilheiros, a CM manteve unidos os destacamentos B e C e rumou para a área de A com vista a unir toda a força. Com isto, reduziu-se enormemente a área de manobra, facilitando a perseguição do inimigo. Cometeu-se um erro tático ao manter as forças concentradas numa pequena área ao invés de dispersá-las numa grande área. Em consequência, no dia 25 de dezembro sofremos um sério golpe. O inimigo atacou com grande superioridade de força o agrupamento guerrilheiro de 15 elementos, onde se encontrava a CM. Não sabemos o que ocorreu com onze dos companheiros que aí estavam, inclusive três elementos da CM. Depois dessa ação, o Exército concentrou mais força na área do A, criando problemas sérios para o Destacamento que há mais de dois meses não mantinha contato com o inimigo.

É admissível a concentração de vários destacamentos para ações de maior vulto, mas esta concentração deve ser esporádica e não permanente. Naquela situação concreta, essa decisão foi incorreta. Em face da ofensiva inimiga, o certo seria a dispersão. Um grupo grande torna-se mais vulnerável, mais lento, deixa mais rastros, tem maiores dificuldades para se abastecer. Dispondo de tropas móveis e bem armados, o inimigo tem maior facilidade para obter contato com os destacamentos, particularmente seguindo os rastros, o que ocorreu várias vezes.

A experiência mostrou que, se tivéssemos ampliado mais a nossa área de atuação e dispersado nossas forças teríamos evitado ou pelo menos diminuído os golpes sofridos.

Outro erro, pode ser considerado o de não termos nos prevenido com refúgios distantes para a hipótese de ter que sair da área no caso de forte pressão inimiga. Embora tivéssemos vários refúgios dentro da área guerrilheira, não cuidamos de prepará-los em lugares bem afastados da zona onde atuávamos e que poderiam ser usados nos casos de extrema necessidade. A criação desses refúgios distantes foi discutida, mas não chegou a ser concretizada porque se acreditava que os refúgios existentes seriam suficientes. Acontece que o Exército na 3a. campanha vasculhou toda a área, inclusive as de refúgio, espalhou patrulhas em todas as direções prucurando estabelecer contato com a guerrilha. Nestas condições tornou-se difícil a situação dos combatentes que ficaram sem locais seguros onde se refugiar.

Outras falhas se verificaram. Entre estas a de não termos liquidado alguns bate-paus conhecidos e expulsado da área elementos suspeitos de que para lá foram

enviados pelo inimigo. Embora tivessem os liquidado três bate-paus, outros bem conhecidos não o foram, apesar de praticamente terem estado em nossas mãos. Esses bate-paus, que conheciam muito bem a região, acabaram criando sérios problemas para nós. Eles eram guias e colaboradores efetivos do Exército. Quanto aos elementos suspeitos, eles estavam localizados dentro da área e serviriam de ponto de apoio ao inimigo. Nossa política com eles foi tolerante. Devíamos tê-los expulsados. Chegou-se a tomar uma decisão a esse respeito, mas muito tardiamente.

Consideramos também que nem sempre fizemos um justo aproveitamento dos elementos de massa na guerrilha. Houve de nossa parte precipitação em trazer para o grupo armado certos elementos que poderiam prestar maior serviço fora dos destacamentos. Podiam ter ficado, aparentemente neutros, a fim de ajudar diversos tipos de trabalho; prestariam maior colaboração na infra-estrutura, por exemplo. A luta mostrou que com uma política correta ganha-se muitos combatentes locais. É necessário tratá-los sem discriminações, levar em conta seu nível de consciência, ajudá-los a se tornar bons combatentes em todos os sentidos. Isto aconteceu com vários elementos. Aprenderam a ler, e avançaram politicamente e ajudaram bastante com sua experiência de mata e de roça. Outros, porém, não aprovaram plenamente. É o caso de três jovens recrutados. Eles vieram no período da trégua e na base do entusiasmo. Mas diante das dificuldades, surgidas na 3a. campanha, desistiram de continuar. No Destacamento B, a deserção de um desses jovens criou sérios problemas pois conhecia a área, alguns amigos e os depósitos. Foi erro deixá-lo conhecer depósitos. Além disto, a deserção pode repercutir mal no meio da população e ser aproveitada pelo inimigo. Há necessidade de trazer os jovens, mas convém, primeiro, conhecê-los melhor e fazê-los passar por certo estágio de preparação. Na fase mais avançada, será mais fácil a entrada sem preparação desses jovens. Mas na fase inicial, é preciso fazer melhor seleção.

A resistência armada revelou, igualmente, deficiências. Um^s existiam já antes da luta; outras manifestaram-se no curso da resistência. Vejamos algumas:

1) VIGILÂNCIA E ESPÍRITO MILITAR

A maioria dos companheiros tombados na luta, morreram por falta de vigilância. Na mata, o campo de visão é pequeno, a surpresa está presente a cada momento. Na sua maior parte os choques se dão de modo repentino. Por isso, impõe-se uma aguda vigilância. Qualquer descuido, cochilo ou ruído pode significar a morte de combatentes. Quando se iniciou a 3a. campanha, perdemos 5 bons companheiros no destacamento A, por falta de vigilância. Já durante a 1a, e a 2a. campanhas tínhamos perdidos vários elementos no Destacamento C pelo mesmo motivo. Nem todos os combatentes tinham a vigilância aguçada. Esta exige que o guerrilheir

ro esteja sempre atento e nunca esqueça que está em guerra e que quem é surpreendido leva desvantagens. Tivemos exemplos positivos, como o de OSVALDO e de MUNDICO que, por estarem vigilantes e atentos, liquidaram o inimigo de surpresa.

Isto se forja principalmente na luta, ainda que o treinamento ajude a adquiri-lo. Os longos períodos de trégua, em certo sentido descondiciona o combatente, se não houver constante exercício. Compreendemos que ter espírito militar é estar sempre pronto para o combate, com a arma na mão ou próxima, em condições de usar; é estar todo tempo de olhos abertos e ouvidos atentos; falar baixo e quando houver necessidade, não fazer ruído no acampamento ou quando em marcha; não deixar rastro. É obedecer imediatamente ordens do comando, ter reflexos rápidos, atirar com rapidez, andar ligeiro quando a situação exigir, é ter coragem ao enfrentar o inimigo, etc. Nossos companheiros vinham adquirindo todas estas qualidades guerrilheiras, porém ainda faltava muito para se tornarem mais qualificados.

2) CARÊNCIA DE REDE DE INFORMAÇÕES

É sabido que o êxito das ações guerrilheiras depende de informações precisas e oportunas. A sobrevivência da guerrilha subordina-se em parte a um bom serviço de informações capaz de fornecer dados sobre o movimento e se possível dos planos do inimigo. Nossas informações eram fornecidas pela massa, de maneira esporádica. Não tínhamos uma rede de informações organizada. Na periferia somente pouco antes da 3a. campanha é que obtivemos algumas informações sobre o inimigo. A CM talvez tivesse adotado outra tática se tivesse notícias mais precisas sobre a movimentação e o número de soldados inimigos. Pensava-se que o número de soldados era pequeno. Atuar sem informações ou com informações tardias é o mesmo que agir no escuro, sem segurança. A experiência indicou que o serviço de informações organizado é essencial para a guerrilha. Dela muito depende a sobrevivência e seus êxitos nas ações militares.

3) REDE DE COMUNICAÇÕES

Em abril de 72, quando fomos atacados, estávamos dando os primeiros passos para a organização de uma rede de comunicações. O que existia era muito precário. Por isso, a resistência ficou sem contato com o CC durante a maior parte do tempo, e hoje sofremos as consequências disto. Esta falta de maior contato impediu que a guerrilha recebesse mais ajuda política e material. Havia pouco dinheiro em mãos dos combatentes. A massa ajudava com alimentos, roupas, redes, etc, mas ela é muito pobre. Na terceira campanha, havia carência de bússolas, roupas, sapatos, plásticos e alguns remédios. Esse desligamento também não permitiu que

novos combatentes chegassem das cidades, os quais poderiam contribuir para ampliar mais a área da luta e preencher os lugares vazios deixados pelos que morreram. Tivemos um ano de trégua no qual poderíamos ter completado o que não foi feito na fase preparatória. Infelizmente os golpes sofridos pelo Partido nas cidades também contribuiu para isso. O contato com a direção possibilitaria a esta receber maiores informações sobre a luta, permitiria maior e melhor propaganda. De outra parte, convém destacar que nossas comunicações internas na área eram feitas por mensageiros a pé, a cada 20 ou 25 dias havia contato entre os destacamentos e a CM. Os mensageiros levavam, ida e volta, de 4 a 8 dias. Nesses contatos havia o risco de haver choques com soldados. A demora nas comunicações dificultava o recebimento de informes valiosos e a coordenação de nossas forças. O inimigo, porém, dispunha de comunicações rápidas e eficientes, usando rádios e outros recursos. A experiência mostrou que necessitamos de meios de comunicação rápidos, eficientes e seguros, tanto internos como com o exterior. É necessário cuidar atentamente desse problema pois a tática do inimigo visa em primeiro lugar a isolar a guerrilha da massa e dos centros de sustentação. Sabe que impedindo essas comunicações, a tarefa de liquidar a guerrilha torna-se mais fácil.

4) ARMAS E EXPLOSIVOS DEFICIENTES

Nossas armas de um modo geral não eram boas e seu poder de fogo bem pequeno. Enquanto davamos um tiro, o inimigo podia dar 20 no mesmo tempo. O combatente com uma arma boa tem mais confiança em si. Uma boa metralhadora pode paralisar um grupo inimigo, porém, uma espingarda não. Várias vezes não se liquidou soldados por defeito da arma. O inimigo sabia que nossas armas eram precárias. Se recebessem algumas rajadas de metralhadoras, viriam com mais cuidado. Tinhamos alguns fuzis e no assalto ao Posto Policial conseguimos mais seis. Eram antigos e a maior parte se perdeu na luta. A arma não é o fator decisivo, mas joga um papel importantíssimo. Vale muito mais um guerrilheiro preparado ideologicamente e armado de fuzil FAL do que com uma espingarda de cartucho. A orientação atual do Exército é atacar em resposta ao tiro que recebe e não imobilizar-se, isto porque possuem armas automáticas. A falta de explosivos, pólvora, dinamite, etc, impediu que fabricássemos minas. O uso de minas criaria sérias dificuldades ao inimigo. Tinhamos pouca pólvora, em geral, reservada para cartuchos de espingarda. Poucas foram as armas que conseguimos no curso da luta. Não pegamos uma só metralhadora.

5) O PARTIDO NA PERIFERIA

Não havia Partido no Estado de GOIÁS, PARÁ e no MARANHÃO, existia somente um pequeno núcleo. Durante a preparação não foram criadas organizações

partidárias nas cidades periféricas da zona guerrilheira. Do ponto de vista orgânico, a guerrilha ficou isolada do conjunto do Partido. A ausência de organizações do Partido nas proximidades da área, refletiu negativamente na ampliação da luta, no terreno de massas e em todos os sentidos. A existência do Partido poderia ajudar nas informações, comunicações, esclarecimento do povo, elevação de sua consciência política, recrutamento para a guerrilha e na abertura de outras frentes. Com um trabalho do Partido entre o povo, a ajuda deste seria maior e também a repercussão da luta na periferia. A experiência mostra que é necessário a organização do Partido nessas áreas nevrálgicas, sem a existência delas o inimigo tem mais facilidade de isolar a guerrilha, territorialmente.

Essas, em linhas gerais, foram nossas deficiências principais e que influenciaram negativamente no desenvolvimento da luta armada no Sul do PARÁ.

Camaradas, Porque cometeram-se esses erros ? Quais as suas causas ? A derrota era inevitável ?

Pensamos que não era inevitável. Os golpes poderiam ter sido evitados se a CM não cometesse algumas faltas sérias. Os erros se devem a algumas concepções falsas em nosso meio e a nossa falta de experiência militar. Houve grande subestimação do inimigo. Esta subestimação aumentou com o fracasso das duas primeiras campanhas do Exército nas quais os soldados somente andavam nas estradas, caminhos, roças ou beirando grotas, campanhas de curta duração, no período da seca. Tínhamos a compreensão de que o Exército não entraria a fundo na mata e que nesta estaríamos seguros, que não entrariam na época da chuva, que não poderiam fazer longas campanhas por dificuldades logística, que seria muito difícil realizar o cerco, pois nosso campo de manobra era favorável. Estes pontos de vistas que avaliavam de maneira incorreta as possibilidades do inimigo, influenciaram na tomada de algumas medidas que a vida mostrou serem indispensáveis, conduziram ao relaxamento da vigilância e a cometer algumas facilidades. A tática empregada pelo inimigo na 3a. campanha nos surpreendeu. Além disto, a campanha estendeu-se por todo o período das chuvas.

Houve de parte da CM certa tendência à centralização o que tolhia um pouco a iniciativa dos destacamentos. Os contatos de 20 e 25 dias amarravam demais os destacamentos à CM. A centralização é necessária, mas deve ser flexível. A nossa falta de experiência militar também nos levou a cometer erros. A resistência do ARAGUAIA foi a nossa primeira experiência prática, o nosso primeiro ensaio, e nesse sentido muitos erros são inevitáveis.

SOBRE A TÁTICA DO INIMIGO

tática usada pelo inimigo.

O Exército iniciou a primeira campanha atacando os pontos de apoio com pelotões efetivos. Tinha, porém, mobilizado na zona efetivos de cerca de 5 mil homens. Queimava as moradias, os paióis de arroz e milho, cortava árvores frutíferas, etc. Propagou na região que os guerrilheiros eram terroristas, assaltantes de bancos, maconheiros, cubanos, russos, etc. Montaram bases em fazendas, sedes de castanhais e nas cidades e povoados da periferia. Prenderam algumas dezenas de moradores como suspeitos de ligação com os guerrilheiros. Soltou-os depois de alguns dias. Essa campanha durou cerca de 3 meses. Ao lado das medidas militares, proibiu a difusão de qualquer notícia sobre a luta (na imprensa, rádio, televisão).

Em setembro de 72, começou a 2a. campanha. Os efetivos empregados aumentaram para cerca de 10 mil. Em sua maioria eram recrutas de vários Estados. A tropa especializada em luta na selva não era predominante. A campanha durou cerca de 3 meses. O Exército retirou-se da mata, deixando na periferia soldados do Exército da PM, em operações tipo polícia.

Levaram quase um ano preparando a nova ofensiva, a 3a. campanha. Nesse período, a ditadura lançou-se contra o Partido nas cidades, visando com isso interditar o apoio externo à guerrilha. O CC foi seriamente golpeado com a morte de 4 companheiros. Os Comitês do Partido no CEARÁ, ESPÍRITO SANTO, GUANABARA, SÃO PAULO e BAHIA foram gravemente atingidos. Na região, o Exército intensificou o trabalho com o INCRA, procurando legalizar alguns títulos de posse e realizou Operações ACISO com o atendimento médico, dentário, distribuição de remédios gratuitos, etc, com o objetivo de ganhar apoio de massa. Prepararam tropas de combate nas selvas. Recrutaram e treinaram bons guias. Montaram infra-estrutura na periferia e iniciaram esse trabalho dentro da área. Construíram quartéis para alojar Batalhões de Infantaria da Selva nas cidades de MARABÁ, IMPERATRIZ, ITAITUBA, ALTAMIRA e HUMAITÁ. Dentro da área de guerrilha, alargaram e construíram novas estradas. Infiltraram várias pessoas na região com a cobertura de "fazendeiros", objetivando colher informações sobre a massa e as forças guerrilheiras.

Dia 7 de outubro de 73, iniciaram a 3a. campanha. Penetraram na área por S. GERALDO, SÃO DOMINGOS e TRANSAMAZÔNICA, com pouca tropa. Mantiveram na periferia alguns milhares. A seguir foi crescendo o número de soldados deslocados para a mata. Uma das primeiras medidas que tomaram foi a prisão de centenas de moradores e, em especial, os melhores amigos dos guerrilheiros. As prisões também se estenderam nas cidades periféricas. Desta vez os presos não foram sol-

tos. Muitos permaneceram vários meses. O Exército criou um clima de terror na região com o objetivo de amedrontar a massa, afastá-la da guerrilha, impedindo seu apoio e seu ingresso nas Forças Guerrilheiras. Obrigaram alguns moradores a servir de guia sob ameaça física. Queimaram todas as casas e paióis onde não encontraram moradores. Através do terror procuraram manter o controle sobre a população. Outra medida foi a instalação de bases de operações dentro e fora da área. Utilizaram as antigas e criaram novas. Fala-se em 5 mil o número de soldados mobilizados. Nas bases dispunham de helicópteros e em algumas desciam aviões. O Exército espalhou dezenas de patrulhas de combate nas selvas em todas as direções com objetivo de buscar contato com a guerrilha e conseguir informações. Armaram emboscadas nas roças, capoeiras, estradas. Evitavam andar pelas estradas. Entraram nas matas com bons rastreadores, em grupos de 10, sendo que havia também alguns bem maiores. Estavam bem armados com metralhadoras e fuzis FAL. Usavam roupa civil na mata, tenis e mochilas. Levavam ração para passar vários dias na mata, sem depender da base de operações. Empregaram em grande escala o helicóptero e o avião. Geralmente, os dois tipos de aparelhos operavam juntos e coordenados com as forças terrestres. Esses aparelhos eram usados para o transporte, deslocamento de tropas, comunicação com patrulhas na mata, inquietação, etc. De modo geral, no local em que os helicópteros voavam haviam tropas em baixo, ou esquadrinharão a área. Houve casos também em que onde não havia helicópteros voando, existia tropa se movimentando. O helicóptero, em certo sentido, inquietava a tropa guerrilheira pois esta nunca sabia ao certo se tinha ou não tropa onde ele voava ou se era uma operação de despistamento.

Pelos dados que conhecemos, podemos resumir, no seguinte, a orientação empregada pelo Exército: a) isolamento da área onde surgiu a luta guerrilheira, realizando para isso operações tipos polícia, controlando a população, fazendo censura rigorosa na imprensa e outros meios de comunicação; b) apresentar os guerrilheiros como terroristas, assaltantes de bancos, maconheiros, etc.; c) combater a guerrilha em todos os campos: político, econômico, militar e psicológico; e) procurar separar a guerrilha da população civil, tomando medidas severas como prisões de moradores, violências e assassinatos e também medidas demagógicas de atendimentos de reivindicações do povo; f) lançar sobre as guerrilhas grupos pequenos espalhados pela mata, usando os mesmos métodos de atuação dos guerrilheiros, com boas armas, bons mateiros, procurando estabelecer contatos com a guerrilha através dos rastros ou preparando emboscadas; g) uso intensivo do helicóptero e do avião; h) organização de um sistema de informação dentro da zo-

paração física dos elementos da guerrilha entre si, da sua base de apoio na população local e do Partido; j) pressão contínua sobre a guerrilha durante vários meses, não considerar a campanha terminada enquanto não liquidar totalmente o movimento.

NOSSAS TAREFAS ATUAIS

No ARAGUAIA, nosso Partido procurou aplicar a orientação traçada no seu Documento sobre o CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL. Cometeram-se erros e acertos. A guerrilha sofreu uma derrota temporária, o que não invalida o caminho traçado pelo nosso Partido para a conquista do Poder. A derrota se deve a erros na condução da luta e às deficiências que já foram assinaladas. Nas condições atuais do BRASIL, a conquista do Poder pelas forças revolucionárias se fará através da luta armada no campo, ou seja, o caminho do cerco das cidades pelo campo. As particularidades da situação brasileira que indicavam esse caminho não mudaram, mas ao contrário se aprofundaram. A ditadura se tornou mais feroz, a dependência ao imperialismo cresceu. O interior continua a ser o ponto mais débil da reação. Aí as forças revolucionárias têm mais campo de manobra, melhores condições para sobreviver, se desenvolver e criar seu Exército revolucionário. Devido ao desenvolvimento desigual de nosso país, tanto no plano político como econômico, a revolução também se desenvolverá de maneira desigual, não amadureceram simultaneamente as condições para a revolução em todo o conjunto do país. No campo, crescem os choques entre os camponeses que querem terra para trabalhar, de um lado, e do outro os grileiros e latifundiários, e as empresas agro-pastoril. A situação no campo é grave do ponto de vista econômico e social. É necessário aproveitar essas condições favoráveis à revolução para se ligar mais aos camponeses e criar base política no campo. A luta armada nessa região fará com que amadureçam mais rapidamente as condições para a revolução no resto do país. A luta não será fácil, terá vitórias e derrotas e será prolongada. A par da luta armada no campo, é preciso desenvolver a luta de massas nas cidades e também no campo; concentrar esforços na classe operária, mobilizar os estudantes, pôr em movimento os camponeses e assalariados agrícolas. O crescimento e o fortalecimento do Partido é uma condição necessária para conseguir êxito na luta, tanto na cidade como no campo. Mas a revolução não é obra somente do Partido - a revolução é obra das massas, se as massas não estiverem convencidas da necessidade da revolução, se elas não se preparam, não se mobilizam e não se organizam, nenhuma revolução pode triunfar. É necessário dar atenção especial ao trabalho no campo. procurar estabelecer contato com as

bases camponesas, para recrutar camponeses para o Partido.

Camaradas. Como prosseguir no caminho da preparação e desencadeamento da luta armada? A experiência do ARAGUAIA tem ou não validade? Em suas linhas gerais tem validade. É preciso aproveitar a experiência positiva do ARAGUAIA, corrigir os erros e as deficiências. Nas condições atuais do BRASIL, com o inimigo a tento, esse é o caminho mais indicado. Isto não significa ser o único caminho viável. É possível que no esforço para levar à prática a orientação da guerra popular apareçam novas experiências.

Sugerimos ao CC que se deve pôr em prática medidas tais como:

1) Escolher áreas boas do ponto de vista político, massas e mata que ofereçam cobertura e abrigo aos combatentes, que tenha recursos naturais e seja auto-suficiente em alimentos. Estas áreas devem estar localizadas de maneira que o inimigo não consiga isolá-las e que tenham possibilidades de exercer influência sobre áreas vizinhas. De preferência, áreas onde haja disputas de terras ou atritos locais.

2) A preparação na sua primeira fase deve ser feita de maneira clandestina. Os companheiros que realizam esse trabalho especial devem ter ótima cobertura e não devem fazer trabalho político aberto. Nesta fase a integração com as massas da região se deve fazer através do trabalho de amizade, respeito aos camponeses, aos seus costumes, religião, etc., assim como trabalho produtivo em comum. Deve-se aplicar o princípio de SERVIR O POVO, em tudo. A tarefa deve ser realizada com prudência e sem chamar a atenção do inimigo. Faz-se necessário conhecer bem a população, suas reivindicações, o terreno onde operarão no futuro, etc. Na fase seguinte, as tarefas serão realizadas de acordo com a situação concreta. Desde que estejam asseguradas as condições para a sobrevivência e a resistência no caso de ataque do inimigo, é possível se fazer um trabalho mais aberto. É preferível que a luta se inicie com a participação da massa, ou seja, em torno de problemas que ela sente.

3) A disposição dos companheiros no terreno deve ser mais dispersa do que foi no ARAGUAIA. Os grupos podem ser menores e espalhados numa área maior. Já no deslocamento dos companheiros, ir definindo com clareza as tarefas de cada um, isto é, quem vai para os grupos armados e os que ficarão na infra-estrutura. Estas diferentes tarefas devem ser realizadas simultaneamente.

4) Dar atenção a criação de organizações do Partido no campo, principalmente nas áreas nevrálgicas. O Partido deve ser organizado em rigorosa clandestinidade, de maneira que possa atuar em qualquer circunstância. Nestas áreas não se deve fazer propaganda escrita de materiais do Partido. A atuação deve ter o máxi-

ximo de cobertura. Isto exige métodos corretos de atuação. O trabalho do Partido deve ser compartimentado do trabalho especial.

5) É preciso dar atenção à mobilização de companheiros que poderão ser utilizados para o trabalho especial e de campo. Na seleção, o critério deve ser fundamentalmente, político, ideológico e físico (os combatentes). É preciso dar atenção ao trabalho de ganhar médicos, enfermeiros, técnicos de rádio, explosivos, etc.

6) Desenvolver o estudo da arte militar, esforçar-se por formar quadros militares que dominem a técnica da guerra popular.

Quanto ao ARAGUAIA, devemos continuar nos esforçando para manter acesa a chama, buscando restabelecer o contato e criando condições para o seu desenvolvimento. Continuar a fazer a propaganda política da luta, sem no entanto exagerá-la."

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
GABINETE DO MINISTRO
- C I E -
SEÇÃO DE OPERAÇÕES

BRASÍLIA, DF, 30 de agosto de 1977.

FASES DA CONTRAGUERRILHA NA SELVA

A. INTRODUÇÃO

Da leitura do MANUAL DE CONTRAGUERRILHA elaborado pelo CIE, em 1975, e da análise da documentação apreendida no "aparelho" do PC do B, em SÃO PAULO, sobre a guerrilha no ARAGUAIA, depreendemos que o combate à guerrilha na selva só terá pleno êxito, se for executado, paulatinamente, dentro de uma sequência lógica e objetiva, que chamaremos de FASES DA CONTRAGUERRILHA NA SELVA, cuja sequência deverá ser a seguinte:

- 1a. fase: - LOCALIZAÇÃO DA PROVÁVEL ÁREA DE ATUAÇÃO DA GUERRILHA;
- 2a. fase: - PROCESSAMENTO DOS INDÍCIOS E TRABALHO DE INFILTRAÇÃO NA ÁREA;
- 3a. fase: - CERCO ESTRATÉGICO DA GUERRILHA;
- 4a. fase: - CERCO TÁTICO DA GUERRILHA;
- 5a. fase: - EMPREGO DE TROPA ESPECIALIZADA;
- 6a. fase: - AÇÃO PSICOLÓGICA;
- 7a. fase: - AÇÃO DO GOVERNO. ...

Essas fases deverão ser executadas na sequência apresentada, embora algumas possam ser realizadas simultaneamente, dependendo da situação em que se apresenta o inimigo. Assim, a 3a. fase poderá ser executada juntamente com a 4a. fase, ou a 4a. fase juntamente com a 5a. ou etc.

B. CONSIDERAÇÕES SOBRE CADA FASE

- 1. LOCALIZAÇÃO DA PROVÁVEL ÁREA DE ATUAÇÃO DA GUERRILHA -
(1a. fase)
 - a. Operações de levantamento

As Operações de Levantamento constituem um conjunto de ações, postas em execução por um Órgão de Segurança, com a finalidade de levantar as atividades subversivo-terroristas em uma determinada área.

Não visam a captura ou neutralização de guerrilheiros e sim, a busca de informes. Somente uma contínua vigilância, realizada pelos Órgãos de Segurança, poderá detetar, em prazo útil, os indícios de formação de uma guerrilha na selva, permitindo, de tal forma, a adoção de medidas que possibilitem neutralizá-la no nascedouro.

Há necessidade do Órgão de Segurança, utilizar vários agentes, que trabalham coordenados no mesmo caso, embora com missões diferentes. Eles constituem uma REDE DE LEVANTAMENTO.

b. Indícios de ÁREA DE GUERRILHA

Os indícios da organização de um núcleo de guerrilha na selva podem surgir através das seguintes formas:

- prisão de militantes de uma organização;
- depoimentos de presos;
- apreensão de documentos em aparelhos;
- falta de segurança, sob diversas formas, por parte dos integrantes do núcleo de guerrilha ou da direção da organização;
- atividades incomum na área selecionada, ou nas suas proximidades, que chegue ao conhecimento de um Órgão de Informações, através de moradores ou de organismos governamentais ou privados;
- aparecimento na área de pessoas de nível cultural superior aos moradores locais, procurando viver da mesma forma que estes e interessando-se demasiadamente por seus problemas.

2. PROCESSAMENTO DOS INDÍCIOS E TRABALHO DE INFILTRAÇÃO - (2a. fase)

De posse dos indícios o Órgão de Informações, procurará processar os informes recebidos e ampliar os conhecimentos sobre o fato. Deverá identificar, ou confirmar, a(s) organização(ões) subversiva(s) que está(ão) preparando a guerrilha. Esta fase compreenderá as seguintes ações:

- implantação na região de uma rede de informantes (1a. fase); implantação de uma rede de agentes (2a. fase) - (trabalho de infiltração).

- coleta de dados;
- reconhecimento da área;
- avaliação do núcleo guerrilheiro (valor e organização provável);
- seleção e treinamento de agentes;
- análise dos dados obtidos.

OBS: O trabalho a ser feito em cada uma dessas ações poderá ser encontrado no MANUAL DE CONTRAGUERRILHA NA SELVA, organizado pelo CIE, em 1975.

3. CERCO ESTRATÉGICO DA GUERRILHA - (3a. fase)

Após ter sido processado os dados, confirmando a existência da guerrilha, e que tenha sido identificada a organização subversiva que a está patrocinando, inicia-se nesta fase o "CERCO ESTRATÉGICO", com a finalidade de quebrar o apoio do "Partido" à área de guerrilha.

Esse trabalho é realizado em todo Território Nacional, antes do início das operações na área de guerrilha. Conta com a participação simultânea de todos os Órgãos de Informações, coordenados pelo Escalão Superior.

O CERCO ESTRATÉGICO é a ação que visa capturar o maior número possível de quadros e dirigentes do "Partido" ou da "Organização", particularmente aqueles que tenham ligação com a guerrilha. A prisão desses elementos visa:

- eliminar o intercâmbio, a ligação, a assessoria e o apoio que os órgãos de direção do partido proporcionam aos guerrilheiros;
- assegurar, através do interrogatório dos presos, novos conhecimentos sobre a situação da guerrilha;
- desorientar a força de guerrilha que deverá permanecer privada de orientação externa;
- impedir o reforço de quadros e o apoio aos guerrilheiros.

4. CERCO TÁTICO - (4a. fase)

Após a realização do CERCO ESTRATÉGICO, ou simultaneamente, e já na iminência do emprego da tropa (operação), materializa-se o CERCO TÁTICO da área de guerrilha.

Participam desse cerco:

- as Forças Policiais (Polícias Militares, Polícia Federal, Polícia

Rodoviária), devidamente instruídas;

- Unidades do Exército aquarteladas nas proximidades e em suas respectivas áreas de responsabilidades de segurança interna.

Finalidades do CERCO TÁTICO:

- isolar a área de guerrilha;
- impedir a entrada e saída de elementos;
- impedir o reforço e o apoio aos guerrilheiros;
- capturar os guerrilheiros.

5. EMPREGO DE TROPA ESPECIALIZADA - OPERAÇÕES DE CONTRA--
GUERRILHA - (5a. fasc)

Logo após o CERCO TÁTICO, ou simultaneamente, inicia-se as operações de contraguerrilha, que visam destruir a guerrilha.

a. MEIOS UTILIZADOS NAS OPERAÇÕES

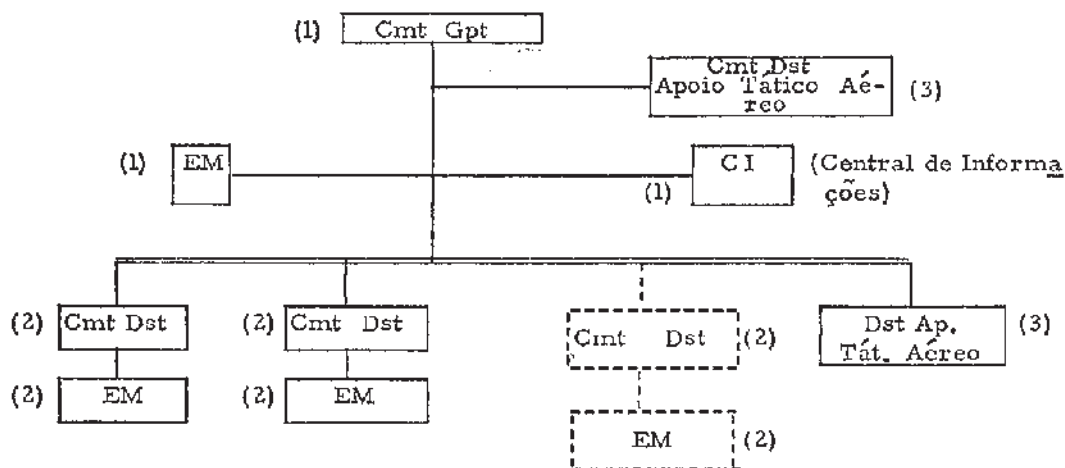
Nas operações deveremos contar com os seguintes meios:

1). Tropa de combate à guerrilha

Essa tropa deverá ser empregada descaracterizada (como guerrilheiro) e deverá ser constituída de militares profissionais bem treinados, existentes nos BIS, Tropa Aeroterrestre, Unidades Especializadas, FAB, etc.

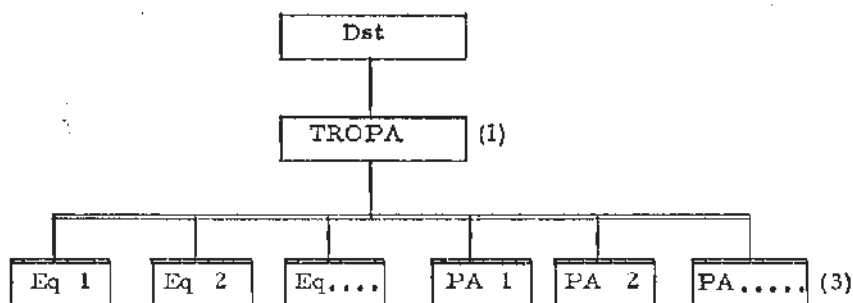
Deverá ser constituída da seguinte maneira:

- Comando do Grupamento e dos Destacamentos



OBSERVAÇÕES: (1) - Instalado no PC do Gpt

- Organização da tropa do Destacamento



- OBSERVAÇÃO: (1) - Instalada na Base do Dst.
(2) - Equipes móveis de busca e neutralização do inimigo (de 5 a 10 homens aproximadamente)
(3) - Turmas de 2 a 4 homens instaladas em uma sub-base (Posto Avançado).

2). Apoios, que poderão ser considerados

- Polícias Militares
- Polícia Rodoviária
- Polícia Federal
- Força Aérea
- Órgãos Federais, Estaduais e Municipais
- Mateiros, guias e rastreadores.

3). Meios de transporte

Os meios de transportes deverão ser também descaracterizados. O meio principal deverá ser o helicóptero.

4). Meios de comunicações

Deverão ser utilizados meios de comunicações sem fio, compatíveis com a região e a operação. O tipo e a quantidade de redes-rádio a ser estabelecidas podem variar com a amplitude e a organização da operação.

Em cada área de atuação, supondo um Grupamento encarregado, devem ser estabelecidas as seguintes ligações (em tese):

- Do Escalão Superior ao Comando do Gpt;
- Entre os Comandos de Gpt vizinhos (se houver mais de uma área);
- Do Comando do Gpt às suas bases fixas e entre elas;
- Das bases fixas aos seus destacamentos móveis e entre eles;

- Das aeronaves de apoio ao Comando do Gpt, às bases fixas e aos elementos móveis.

Essas ligações podem ser proporcionadas por diversas configurações de redes fixas e móveis.

5). Apoio administrativo

O apoio administrativo deve, em princípio, explorar os recursos locais, tendo em vista que, em geral, a área de operações dificulta esse apoio. Deve-se evitar pesadas infra-estruturas administrativas por prejudicarem a mobilidade e a flexibilidade da Força e, também, a ativação ou desativação de bases.

Nestas condições, o volume de suprimentos aos combatentes é muito reduzido. O problema da alimentação é resolvido, em grande parte, com o pagamento de diárias.

Quando o homem não estiver em ação na mata, a alimentação ou é feita nas pensões existentes nas proximidades da base ou através de um rancho tipo cooperativa.

Ao ir para a mata (em ação), deverá levar na sua mochila uma ração para 5 dias. Após esse período o suprimento será feito pelo helicóptero ou pelo "paquera" (avião de ligação e observação).

b. FASES DAS OPERAÇÕES

1). Fase inicial:

- desembarque na área;
- tomada do dispositivo na área;
- instalação das bases;
- prisão e interrogatórios dos "apoios" do inimigo (simultaneamente em toda a área);
- cerco aproximado;
- golpes de mão sobre as áreas "quentes";
- destruição dos depósitos do inimigo;
- conquista de informantes e apoios.

2). Fase de prosseguimento:

- operação tipo gato x rato (perseguição);

- ocupação relativa de áreas;
- vasculhamento de áreas (equipes controladas pelo "paquera");
- caçada em áreas determinadas;
- fintas;
- montagem dos PA (Posto Avançado);
- ações isoladas;
- rastreamento;
- tocaia;
- emboscadas em "pontos", casas e áreas de reunião;
- montagem de rede de informantes locais;
- trabalho de massa (ação psicológica);
- acionamento de equipes ZEBRAS (mateiros).

6. AÇÃO PSICOLÓGICA - (6a. fase)

O trabalho de ação psicológica deverá iniciar depois da prisão e interrogatório dos "apoios". Inicialmente, deverá ser executado sobre esses elementos e posteriormente sobre a população de um modo geral.

O apoio da população é fator principal no sucesso de qualquer operação contraguerrilha. Pelas características da mata e pouco conhecimento do terreno, a cooperação dos elementos locais torna-se indispensável a uma boa execução das operações. Sem o guia, sem o rastreador e sem os informes da população é praticamente impossível eliminar terroristas de qualquer área de selva.

7. AÇÃO DO GOVERNO - (7a. fase)

Após ter sido sufocado o movimento terrorista-subversivo na área, há necessidade de que o Governo resolva os problemas cruciantes, que afligem a população do local escolhido pelos terroristas para a guerrilha. Isso porque, as ações repressivas atemorizarão a população, mas não derubarão a bandeira da subversão, nem tampouco conscientizarão essa população, se, a par das mesmas, não for realizado uma Ação por parte dos Órgãos de Governo, honesta e eficiente.

CÓPIA DO ESTUDO DO PC DO B PARA A IMPLANTAÇÃO DA GUERRILHA
RURAL NO ARAGUAIA
(1968-1972)

"A GUERRA POPULAR NO ARAGUAIA

SUMÁRIO

- PORQUE A REGIÃO FOI ESCOLHIDA
- CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO
- OBJETIVO DAS FORÇAS ARMADAS REVOLUCIONÁRIAS NA REGIÃO
- PROVÁVEL DESENVOLVIMENTO DA LUTA ARMADA DA REGIÃO.

1. PORQUE A REGIÃO FOI ESCOLHIDA

A guerra popular no BRASIL tem como um de seus aspectos básicos o princípio de que o cenário principal da luta armada do povo é o interior. E, no interior, as forças combatentes populares escolhem as regiões mais propícias ao surgimento e ao desenvolvimento da guerra popular, tendo principalmente em conta o terreno e a população.

Por isso a escolha da região não foi espontânea nem realizada empiricamente. Resultou de um profundo trabalho de pesquisa e de estudo minucioso, objetivando a determinar uma área em que a luta armada pudesse ser iniciada e em que fosse assegurada a sobrevivência dos núcleos combatentes.

A região satisfaz plenamente as exigências para o início e o desenvolvimento da guerra popular, particularmente da guerra de guerrilha. A região escolhida é um terreno grandemente adverso ao inimigo e cria imensas dificuldades à sua atividade militar.

Ao mesmo tempo, a situação topográfica é profundamente favorável aos combatentes do povo. Estes, nessa região, poderão se alimentar, encontrar refúgios para descansar, treinar e reorganizar suas forças. O terreno possui condições ideais para a utilização da tática de guerrilhas.

Na região vive uma população camponesa bastante pobre, completamente abandonada pelo Governo e vítima de toda sorte de arbitrariedades por parte da polícia e autoridades locais. Os guerrilheiros tem boas possibilidades de contar com a simpatia, apoio e ajuda das massas.

Assim a região serve plenamente aos objetivos a que as forças guerrilheiras se propõem.

2. CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A área onde operarão as forças guerrilheiras se situa em uma zona limítrofe de três Estados - MARANHÃO, GOIÁS e PARÁ (mostrar no mapa). Qualquer ação guerrilheira nela realizada repercutirá em todo o país e se fará sentir mais diretamente nestes Estados. A influência das forças guerrilheiras, atuando nesta área, pode ainda se estender rapidamente no PIAUÍ, CEARÁ e Estados do Nordeste. Isto porque existe uma relativa proximidade geográfica entre a região e aqueles Estados e porque boa parte da população é constituída de piauienses, cearenses e nordestinos.

De um modo geral esta região é coberta de matas e, portanto, bastante favorável ao início e desenvolvimento da guerra de guerrilha. Tal afirmativa é comprovada pelo fato de que, na atualidade, outros povos utilizam com sucesso as florestas como palco de suas operações guerrilheiras, a exemplo do que ocorre no VIETNAME, MALÁSIA, ANGOLA e outros países.

A selva da região é uma fonte de alimentos, tanto de natureza animal como vegetal. É perfeitamente habitável, serve de abrigo seguro e nela é impossível ao inimigo empregar meios modernos de locomoção e de combate. O principal acidente geográfico da região, o rio ARACUAIA é bastante extenso e largo, margeado por densas matas e rico em peixes das mais variadas espécies e tamanhos. Este rio pode, em certas circunstâncias, constituir uma barreira às forças do inimigo.

A região caracteriza-se pela precariedade dos meios de transporte, os mais primitivos - animais e o próprio homem e pelo emaranhado de caminhos difíceis e tortuosos (descrever e mostrar, nos "croquis" e mapas, os caminhos na área do Destacamento). A construção de uma estrada de rodagem de grande porte, a TRANSAMAZÔNICA, não altera fundamentalmente o quadro da região. Se, de um lado, ela traz certos inconvenientes para as forças armadas populares, uma vez que possibilita a rápida aproximação do inimigo da zona de atuação dos guerrilheiros, por outro lado apresenta certas vantagens para os revolucionários, porque o adversário ficará exposto a seus ataques de surpresa ao longo de uma extensa rodovia localizada dentro da mata.

A região está situada muito distante dos grandes centros urbanos, tendo na sua periferia pequenas cidades e povoados (mostrar, nos "croquis" e mapas, as cidades, vilas e corrutelas na área do Destacamento). A população camponesa é paupérrima. Encontra-se inteiramente desprezada e sem qualquer espécie de assistência. Vive em roças dispersas na mata ou pequenas concentrações, nas corrutelas. A situação da maioria dos habitantes das pe-

quenas cidades não é muito melhor. A quase totalidade da população é de outros Estados e, ultimamente, a imigração vem aumentando de modo progressivo. Os chegantes vem, tangidos pela fome, de outras regiões onde a luta de classes é mais aguda e aqui chegam desprovidos, literalmente, de qualquer recurso. O grosso da população é constituído de camponeses do MARANHÃO, PIAUÍ, CEARÁ, BAHIA, GOIÁS e de Estados do Nordeste, regiões estas onde impera o latifúndio. À medida em que a massa camponesa vai desbravando a mata, surgem também os grileiros que procuram expulsá-la da terra, provocando choques de classes (dar exemplos da área do Destacamento). Os habitantes da região não tem outra saída para solucionar os seus problemas a não ser a revolução.

A economia da região é fundamentalmente de subsistência. O camponês, usando métodos e instrumentos de trabalho os mais primitivos, planta arroz, mandioca, milho, feijão, fava e outros produtos para seu próprio sustento. Somente uma pequena parte do arroz e da farinha vai para o mercado. Assim, a economia da região é, principalmente, uma economia natural. Ao lado desta economia existe a exploração de grandes castanhais, a extração da madeira e algumas grandes fazendas de pecuária extensiva. Nestas atividades trabalham, por temporadas, assalariados agrícolas, que são brutalmente explorados. Outra atividade econômica importante é a extração do babaçú. Esta extração, embora destinada ao mercado, é feita por processos bastante rudimentares, utilizando-se principalmente o trabalho das mulheres. Enfim, esta é uma região economicamente bastante atrasada.

1. OBJETIVO DAS FORÇAS ARMADAS REVOLUCIONÁRIAS NA REGIÃO

As forças guerrilheiras terão como tarefas estratégicas na região:

- a) assegurar a sua sobrevivência;
- b) garantir um crescimento constante.

A sobrevivência das forças guerrilheiras no início da guerra popular constitui, por si só, um êxito estratégico. Por sua vez, o crescimento contínuo de tais forças possibilita a formação de áreas libertadas e, no decorrer da luta, a organização de um exército regular, condições básicas para que se alcance a vitória na guerra popular.

É possível realizar estas tarefas estratégicas ?

Sim, é possível. Por que ?

Em primeiro lugar, porque existe um terreno extremamente favorável à guerra de guerrilhas. A imensa selva, cortada por numerosos caminhos e

picadas numa extensa faixa próxima ao rio ARAGUAIA, abrigará os combatentes do povo. Por estes caminhos, verdadeiro labirinto, circularão com relativa segurança os guerrilheiros. Detrás desta faixa estende-se a selva compacta e virgem, quase sem fim, constituindo uma segura retaguarda.

Nã faixa de mata ao longo do rio, onde se situa a população, os guerrilheiros farão a propaganda revolucionária entre os camponeses e realizarão as mais diferentes ações contra o inimigo. Aí, onde se encontram, entremados, extensos trechos de mata, capoeiras, roças e corrutelas, existe excelente campo de manobra para as forças revolucionárias. Mesmo que o inimigo coloque em muitos pontos desta área postos fixos e realize o patrulhamento, não conseguirá impedir que os guerrilheiros ali vivam, combatam, organizem a massa e se fortaleçam continuamente. O próprio rio ARAGUAIA poderá ser atingido pelas forças guerrilheiras que o utilizarão para surpreender o inimigo, como via de transporte e como fonte de abastecimento.

Nos períodos difíceis, em que o inimigo realize ofensivas poderosas e coloque em dificuldades as forças guerrilheiras, estas tem, na imensidão da mata não habitada, amplo espaço para desaparecer das vistas do adversário, encontrar refúgio seguro. Neste refúgio podem descansar, refazer e reorganizar suas forças, treinar novos combatentes, curar seus feridos e preparar-se para novas ações.

Em tais condições de terreno, a guerrilha pode sobreviver, aumentar seu poderio e expulsar o inimigo de determinadas áreas, colocando-as sob seu controle.

Em segundo lugar, a luta de guerrilhas tem possibilidades de crescer na região devido ao fato de a população ser pobre e sofrida; sensível à propaganda das idéias revolucionárias. Muitos moradores podem se incorporar aos destacamentos guerrilheiros, aumentando suas fileiras. Podem também abastecer e alimentar os combatentes do povo na medida de suas disponibilidades. A região, rica em recursos minerais de alimentação e em terras férteis permite a organização de todo um serviço de logística para uma força irregular relativamente numerosa. Dependendo das circunstâncias da luta, afluirão para a região revolucionárias de todas as partes do país a fim de ingressar nas forças guerrilheiras.

Nesta situação de terreno favorável e de população potencialmente partidária da revolução, a guerrilha poderá acumular forças, realizar intenso trabalho político, engrossar suas forças combatentes, mantendo-se com os recursos locais.

Em terceiro lugar, a guerrilha, apoiando-se no terreno favorável e conhecendo-o relativamente bem, estando mais ou menos adaptada à região e tendo estreitos vínculos com seus habitantes, combaterá o inimigo em condições muito vantajosas. Os guerrilheiros evitarão, assim, o cerco do inimigo e se este ocorrer terão amplas possibilidades de assestar golpes nas forças militares da reação, adquirir experiência e apresar armas, equipamentos e mantimentos do adversário.

Em quarto lugar, acresce ainda que para o inimigo a região é hostil e desconhecida. Suas tropas serão trazidas de fora. A mata, embora generosa com os guerrilheiros, adaptados à região e que a conhece bem, será madras para o soldado da reação, acostumado à placidez dos quartéis, desconhecedor dos segredos da selva. A vida na mata apresenta dificuldades. Para enfrentar as doenças, os mosquitos, as intempéries, é necessário elevada consciência e espírito de abnegação que somente o guerrilheiro possui.

Na mata, o inimigo não poderá usar grandes efetivos para combater os guerrilheiros, nem utilizar armas de alto poder de destruição, como a artilharia e os blindados. Quanto à aviação, sua eficiência é reduzida. Mesmo despejando toneladas de napalm ou de bombas, nada conseguirá além da destruição de alguns trechos de mata. Também o helicóptero e os paraquedistas não podem ser empregados com eficiência na selva. Neste caso os helicópteros servem apenas para o transporte de tropas e os paraquedistas como simples soldados de infantaria.

Para o inimigo esta região é também adversa porque nela não existem fontes de abastecimento capazes de atender as necessidades de forças regulares numerosas. A maior parte do abastecimento das tropas da reação terá de ser trazida de lugares distantes, como ANÁPOLIS, BELÉM, GOIÂNIA, BRASÍLIA, etc.. Assim as Forças Armadas da reação terão de estabelecer extensas e precárias linhas de abastecimento, guardadas por numerosos contingentes militares. No entanto, diante da existência de intensa atividade de sabotagem guerrilheira ao longo das linhas de abastecimento, estas serão frequentemente interrompidas.

Defensores da ditadura, da exploração e da opressão do povo, o Exército e as demais Forças Armadas não conseguirão jamais ganhar a simpatia e, muito menos, o apoio das massas da região e da periferia. Embora, no início, possam realizar certa demagogia, acabarão inevitavelmente cometendo toda sorte de violências e arbitrariedades contra as massas. As Forças Armadas ficarão isoladas e cercadas pelo ódio do povo.

Em uma região adversa, defrontando-se com dificuldades de abastecimento, tendo diante de si uma população hostil e combatendo forças guerrilheiras bem situadas, ágeis e dispostas à luta, as Forças Armadas da ditadura irão se debilitando e perdendo paulatinamente terreno.

Tudo indica, portanto, que através de uma luta dura, persistente e prolongada, as forças guerrilheiras, aplicando corretamente as leis da guerra popular e uma política justa, conseguirão criar áreas libertadas e transformar-se-ão em exército regular.

4. PROVÁVEL DESENVOLVIMENTO DA LUTA ARMADA NA REGIÃO

O inimigo, para enfrentar as forças guerrilheiras na região, elaborará sua estratégia e sua tática. Tentará fazer o cerco estratégico dos destacamentos revolucionários armados. Tudo indica que se orientará nas seguintes direções:

- a) Possivelmente ocupará todas as cidades, povoados e corrutelas da região e da periferia, IMPERATRIZ, MARABÁ, TOCANTINÓPOLIS, PORTO FRANCO, ESTREITO, ARAGUAINA, ARAGUATINS, XAMBIOÁ e outras cidades serão ocupadas por contingentes armados relativamente fortes e nelas, provavelmente, serão instalados os principais comandos das forças repressivas.
- b) Possivelmente ocupará as rodovias TRANSAMAZÔNICA, BELÉM-BRASILIA e outras estradas secundárias, instalando postos militares de controle em diversos pontos, colocando guardas nas pontes e obras de arte.
- c) Possivelmente ocupará o rio ARAGUAIA, instalando postos militares fixos em suas margens e realizando patrulhamento com lanchas a motores.
- d) Possivelmente procurará instalar bases fixas dentro da mata em pontos que ofereçam condições para isso.

As Forças Armadas da reação terão como objetivo estratégico cercar e aniquilar as forças guerrilheiras e sua tática estará a serviço de tal objetivo. Neste sentido farão provavelmente o reconhecimento da região visando a conhecer o terreno, tentarão organizar seus serviços de informação e procurarão localizar as forças guerrilheiras. Com esta finalidade se esforçarão para mobilizar bate-paus e elementos de massa da região. Tentarão isolar os guerrilheiros do povo, fazendo promessas demagógicas e dando pequenas migalhas à população. Ao mesmo tempo empenhar-se-ão em desarmar o povo e prenderão as pessoas suspeitas de simpatizar com a causa guerrilheira.

É de se esperar que o inimigo centralize sua atividade militar no envio de numerosas patrulhas de reconhecimento e busca dentro da região. As Forças Armadas reacionárias, diante de um terreno hostil a elas e favorável às forças guerrilheiras sem nenhum contacto com os combatentes do povo, ficarão circulando a esmo pela região ou estacionadas em diferentes pontos. Deste modo tornar-se-ão alvo fácil de emboscadas e assaltos dos guerrilheiros. As patrulhas poderão ser atacadas a qualquer momento. Os postos fixos do inimigo nas rodovias, nas pequenas cidades ou nos rios poderão ser assaltados. É possível que isto se verifique num período mais ou menos longo, dependendo das circunstâncias, tanto militares como políticas.

Os Destacamentos guerrilheiros farão seu planejamento operacional de acordo com a disposição das forças inimigas na região. Aplicando corretamente a tática de guerrilhas, emboscando e assaltando o adversário, fustigando-o e inquietando-o permanentemente, realizando ações militares de rápida decisão, sabendo concentrar e dispersar flexivelmente suas forças, irão destruindo as forças vivas do inimigo e estendendo seu domínio territorial e sua influência.

No decorrer do tempo, adquirindo mais experiência, as forças guerrilheiras poderão se propor a atingir objetivos de maior envergadura, tanto na região como na retaguarda do inimigo, no MANTANHÃO em COLÁS e no PARÁ.

À medida em que se fortalecerem as forças guerrilheiras, crescerá sua área de influência e de ação. Assim poderão ser abertas novas frentes guerrilheiras. Neste processo, os combatentes do povo irão se aproximando mais e mais dos objetivos que se propõem a alcançar nesta região.¹¹

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO PC do B PARA O "JUAR"

1. INTRODUÇÃO

Da análise da documentação apreendida no "aparelho" da rua PIO XI/SP (relatórios nºs 1 e 2/S-104) e das declarações prestadas por alguns membros do CC/PC do B - ALDO S. ARANTES, HAROLDO BORGES R. LIMA, WLADIMIR POMAR, FERNANDO AUGUSTO FIUZA DE MELO, etc - observa-se que o "PARTIDO", após algumas tentativas isoladas e mal sucedidas, de implantar a "guerrilha rural" no BRASIL, elaborou uma doutrina estratégica, baseado nas experiências anteriores e que daria condições à "organização" de desencadear a "luta armada" no País.

A análise acima mencionada, nos permite, também, levantar os prováveis locais de atuação do PC do B e a "nova doutrina do partido" para a implantação da "guerrilha rural" no BRASIL.

O presente trabalho é sucinto e constituído de deduções lógicas e racionais, que a leitura da documentação retro mencionada nos apresenta.

2. ESTRATÉGIA (doutrina)

No seu objetivo de implantar no BRASIL o marxismo-leninismo, através da LUTA ARMADA prolongada até a conquista do Poder, o PC do B, através dos anos, a partir de 1962, realizou algumas tentativas de implantar no País áreas de "guerrilha rural". Houve por parte do Partido, tentativas de implantar "guerrilhas" nos seguintes locais: SUL da BAHIA; GOLÁS (TROMBA/FORMOSO); PARANÁ (VALE DA RIBEIRA); MARANHÃO (ALTO TURI); CEARÁ (CRATEÚS/PARAMBU); PARÁ (ARAGUALA); etc.

No entanto, essas tentativas foram isoladas e não faziam parte de um PLANEJAMENTO, traçado pelo Partido (CC), pois era um assunto restrito à CM/CC (Comissão Militar do Comitê Central), e não era apoiado pelos diferentes "Comitês Regionais", pois o fator segurança (sigilo) era considerado prioritário.

Após a derrota no ARAGUAIA o Partido (CC) se viu forçado a realizar novos estudos sobre o assunto e a traçar uma nova estratégia de guerra, baseada nas experiências adquiridas.

Dentre os componentes de sua nova estratégia, dois são ressaltados ao ler-se a documentação apreendida: uma DOCTRINA PARA A PREPARAÇÃO E CONDUÇÃO DA GUERRILHA e um PLANO ESTRATÉGICO de atuação.

a. DOCTRINA PARA PREPARAÇÃO E CONDUÇÃO DA GUERRILHA

Essa "doutrina" contaria com os seguintes princípios:

- Atuar em uma área maior que a do ARAGUAIA;
- Preparar a luta em vários locais;
- Evitar a concentração de forças na 1.ª fase - Dispersar os elementos;
- Preparar áreas de refúgio, fora da zona de guerrilha;
- Não subestimar o "inimigo";
- Manter sempre a vigilância;
- Liquidar os suspeitos que trabalhem para o "inimigo";
- Utilizar os elementos da massa que queiram ingressar na guerrilha;
- Criar uma rede de informações apoiada no "partido" e na massa;
- Ter uma rede de comunicações com o exterior da área. Ter uma rede de comunicações interna;
- Ter bom armamento, explosivos e meios;
- Ter boa base logística;
- Organizar o Partido na periferia da área de guerrilha;
- Executar trabalho no seio do "inimigo" (infiltração, sabotagem, etc).

b. PLANO ESTRATÉGICO

O "plano estratégico" visaria a conquista do Norte do País, dividindo o BRASIL em duas partes na altura do Paralelo de 15º, a exemplo do que foi feito na CORÉIA e VIETNAME.

Ao Norte desse Paralelo seria criada uma Área Estratégica, que posteriormente se alastraria para toda a região Norte e quiçá para o resto do País. Nessa Área Estratégica seriam criadas: "áreas prioritárias para a luta armada", "áreas de apoio" às áreas prioritárias e "áreas secundárias", que ficariam dentro e fora da área estratégica.

3. ÁREA ESTRATÉGICA

A Área Estratégica foi escolhida, baseada nas experiências anteriores do

Partido, e considerando os fatores fisiográficos e psicossociais (mata, massa e problemas sociais), tão necessários para a consecução da "guerrilha". A região eleita foi o Centro Oeste e o Norte do País, abrangendo principalmente: o Norte de MATO GROSSO, o Estado de GOIÁS, o Estado do PARÁ (AMAZÔNIA ORIENTAL) e o NW do Estado do MARANHÃO.

Dentro da Área Estratégica seriam estabelecidas ÁREAS ESPECÍFICAS DE APOIO e ÁREAS ESPECÍFICAS DE LUTA ARMADA. Na primeira o Partido desenvolveria um trabalho intenso e complexo junto as populações, para futuramente, obter um apoio maciço nas ÁREAS DE LUTA ARMADA. Na segunda seriam formados os "exércitos revolucionários".

4. ÁREAS ESPECÍFICAS DE APOIO (doutrina)

O Partido concentraria meios e pessoal militante nas áreas de apoio, e um intenso trabalho de arregimentação e de proselitismo seria desencadado, de uma maneira clandestina, não mencionando o Partido e sim através de uma frente única, a "ULDP" - UNIÃO PELA LIBERDADE E DIREITOS DO POVO - que congregaria todas as forças locais (organizações de classe, igreja progressista, movimento estudantil, sindicatos, etc), na conscientização da população de seus direitos e pseudos direitos.

Nessas áreas de apoio seriam realizados os treinamentos da arte militar para os elementos arregimentados para a guerrilha e "lutas de massa" seriam provocadas com a finalidade de motivar a população para a luta e de criar elementos fugitivos da ação de "repressão do Governo", que se hominizariam nas áreas de luta armada, na situação de "guerrilheiros".

5. ÁREAS ESPECÍFICAS DE LUTA ARMADA (doutrina)

Nas Áreas de Luta Armada o Partido desenvolveria um trabalho clandestino de preparação da área, fazendo reconhecimentos, preparando depósitos, e arregimentando no seu interior militantes treinados na arte militar e elementos das áreas de apoio que ali ingressassem na situação de "guerrilheiros".

Essas "áreas" seriam, inicialmente, locais de refúgio (homizão) dos elementos que fossem expulsos dos locais de "luta de massa", devido a ação da repressão, e onde encontrariam os "chefes militares" e o material necessário para se constituírem em um "exército revolucionário", que partiria, então, para a conquista das cidades.

6. ÁREAS SECUNDÁRIAS

Além das Áreas de Luta Armada e de Apoio, o Partido desenvolveria

riam escolhidas, com a finalidade de dividir a atuação da repressão e de servir de ação diversionária, podendo, também, seus elementos serem transferidos na situação de "guerrilheiros" para as "áreas de luta armada". Essas áreas poderiam ser estabelecidas dentro da "área estratégica" e fora dela.

Do levantamento feito dos locais onde atuou e atua o PC do B, fora da ÁREA ESTRATÉGICA, que foi mencionada no item nº 3, constatou-se os seguintes Estados, que poderiam ser utilizados como "áreas secundárias": BAHIA, CEARÁ, PIAUÍ e Território de RONDÔNIA.

OBSERVAÇÃO: A estratégia da criação desses três tipos de "áreas" foi debatido em uma reunião do "CC/PC do B" (anexo nº 1), quando HAROLDO BORGES RODRIGUES DE LIMA propôs:

- "1) O Partido deve orientar os seus esforços no sentido de fazer com que a luta armada introduza-se no cenário brasileiro, gradativamente, com caráter de massa, numa situação de conflitos generalizados. Deve ser estabelecido um sistema de áreas prioritárias de 3 (três) tipos diferentes:
 - (a) áreas de prioridade "1" (um) - que corresponda as que temos trabalhado como tais - umas 3 (três) distintas, a virem a ser base de guerrilha;
 - (b) áreas de prioridade "2" (dois) - áreas camponesas de tensão social profunda e de tradição de luta - preparar 5 ou 6;
 - (c) áreas de prioridade "3" (três) - aglomerações urbanas de grande porte e estradas situadas - 5 a 6 cidades mais importantes.
- 2) O Partido deve fazer com que o conjunto de seus membros se preocupem e se preparem mais, para a luta armada. Todos os Comitê Regionais, devem organizar e desenvolver tarefas militares específicas, a partir de já. Todos devem ter um Secretaria do Militar e até se orientar para ter Comissão Militar".

- continua -

7. TÁTICA GERAL NA ÁREA ESTRATÉGICA

A tática a ser utilizada pelo Partido dentro da ÁREA ESTRATÉGICA e posta em execução a partir de 1977, consta do anexo nº 2 e resumidamente seria a seguinte:

- a. concentrar meios e pessoal no CENTRO e SUDOESTE do MARANHÃO, onde há uma certa base, massa e Partido a fim de servir como área de irradiação para o CENTRO ARAGUAIA-TOCANTINS e mesmo para reforçar outras áreas;
- b. reforçar paulatinamente o trabalho nos eixos SANTARÉM-CUIABÁ; BELÉM-BRAGANÇA; SÃO LUIZ-BAIXO MARANHÃO; BAIXO-TOCANTINS e NOROESTE MARANHÃO, a fim de tomá-los como ponto de irradiação posterior, para o CENTRO ARAGUAIA-TOCANTINS e MÉDIO XINGÚ.

Assim sendo, os locais prováveis dentro da ÁREA ESTRATÉGICA, para a instalação de "áreas de luta armada", deverão ser o CENTRO ARAGUAIA-TOCANTINS e o MÉDIO XINGÚ, e os locais para as "áreas de apoio" deverão ficar no MARANHÃO, PARÁ e MATO GROSSO.

8. ECLOSÃO DA LUTA ARMADA

O Partido está se mobilizando e se preparando para que a "LUTA ARMADA" inicie no BRASIL. O início dessa luta não pode ser previsto, pois há necessidade do PC do B se reorganizar em sua área estratégica e obter o apoio da população (massa), para o seu objetivo de luta armada.

No entanto, se surgir um movimento de cunho Nacional, em que grande parte da população se una contra o Governo, o Partido poderá aproveitar essa oportunidade e, utilizando-se da estrutura montada nas diferentes áreas, poderá insuflar essa população a pegar em armas e a deflagrar a luta armada.

Esse movimento poderá ser contra uma grande crise econômica Nacional ou o surgimento de uma Grande Guerra Mundial, que o Partido pelos seus informes internacionais já está aguardando, ou outra causa que una o povo brasileiro contra as Forças Armadas e o Governo Revolucionário.

9. PRINCIPAIS LOCAIS DE ATUAÇÃO DO PC DO B

a. CONSIDERAÇÕES

Na leitura da documentação percebe-se que o Partido, na sua filosofia, acredita que num local em que houve trabalho de conscientização da

ideologia marxista, essa semente não morre, embora os Órgãos de Segurança tenham atuado repressivamente. Por outro lado a bandeira que o Partido lança, é baseada em aspirações justas da população, explorando os problemas sociais locais, que existem, e que o Governo Brasileiro não teve, ainda, condições de resolvê-los.

Assim sendo foram levantados os locais de atuação, que o PC do B e a APML do B atuaram e os que o "NOVO PC DO B" (PC do B + APML do B) está atuando, com base na pesquisa da documentação apreendida e nos depoimentos de alguns militantes. O chamado "NOVO PC DO B" surgiu em 1974 com a fusão da APML do B àquele Partido.

Alguns desses locais já eram conhecidos e até Operações de Informações e de Busca e Apreensão foram realizadas por Órgãos de Segurança, no entanto devemos considerá-los, se levarmos em conta a filosofia preconizada pelo Partido, e que foi acima mencionada.

Ao analisarmos esses locais, juntamente com a ÁREA ESTRATÉGICA idealizada, observa-se que os locais de prováveis "áreas específicas de apoio", se justapõe com as antigas áreas de trabalho da APML do B. Daí concluímos, que a aceitação do PC do B em incorporar a APML do B, foi visando o seu PLANO ESTRATÉGICO, pois somariam esforços e seria aproveitado o trabalho que a APML tinha feito naquelas áreas.

Com essa integração e com a "nova estratégia" do PC do B, observa-se que as antigas áreas estão sendo reativadas e outras estão sendo criadas, a fim de servirem de componentes ao PLANO ESTRATÉGICO.

PRINCIPAIS LOCAIS DE ATUAÇÃO DO PC DO B - VISANDO ÁREAS DE CAMPO

1) No PARÁ:

- BELÉM, VIGIA, BRAGANÇA, CAMETÁ, SANTARÉM, PARAGOMINAS, MARABÁ, TUCURUÍ, ITUPIRANGA, JACUNDÁ, SÃO FELIX, CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, IGARAPÉ-MIRIM, MÉDIO XINGU.

2) No MARANHÃO:

- SÃO LUIZ, PEDRA BRANCA, BARRA DO CORDA, PASTOS BONS, ÁGUA PRETA, SANTA INÊS, SANTA LUZIA, PEDREIRAS, IMPERATRIZ, AÇAILÂNDIA, MEARIM, ALTO TURI, NOVA OLINDA, SÃO RAIMUNDO DAS MANGABEIRAS, PORTO FRANCO, IGUATÚ, PINDARÉ, PINDARÉ-MIRIM, BACABAL, PIO, BREJO,

GRAJAÚ, ESPERANTINA, ARAGUANÃ, PARUÁ, BURITI-CUPÚ,
ESPERANTINÓPOLIS.

3) No PIAUÍ:

- PICOS, FLORIANO, SÃO MIGUEL DO TAPUIO, PIMENTEIRA,
PALMEIRAS, FAZENDA CAJUEIRO, GENIPAPEIRO, SERRA DOS
REMÉDIOS.

4) No CEARÁ:

- JUAZEIRO DO NORTE, IGUATÚ, SERRA DO PARAMBÚ, JAGUA
RIBE, IBURETAMA, CRATEÚS, CRATO, JUAZEIRO, SERRA
GRANDE, TRÊS IRMÃOS, NOVO ORIENTE, JUCAS, ACOPIARA,
TAUÁ.

5) Na BAHIA:

- NOVO HORIZONTE, ZONA DA MATA, ITABUNA, EURIÁPOLIS,
JUAZEIRO, FEIRA DE SANTANA, ZONA CACAUEIRA, ILHÉUS,
LENÇÓES, PIATAN, LIVRAMENTO.

6) No ESPÍRITO SANTO:

- VITÓRIA, CAMPO GRANDE, CÓRREGO DO SIMÃO, COTAXÉ.

7) Em GOIÁS:

- TROMBA, FORMOSO, GOIÂNIA, ANÁPOLIS, COLINAS DE
GOIÁS, GOIÁS VELHO, MOZARLÂNDIA, MIRANORTE, MIRA-
CEMA DO NORTE, ARAGUACEMA, ALVORADA DO NORTE, A
RUANÃ, ALTO ARAGUAIA, BARRA DO GARÇA, URUAÇÚ, GU-
RUPI, GUARAÍ, PORANGATÚ, ITAPACI.

8) Em MATO GROSSO:

- CUIABÁ, SÃO FÉLIX, NOBRE, SALTO DO CÉU, CÁCERES.

9) No ÁCRE:

- RIO BRANCO.

c. LOCAIS DE RECONHECIMENTOS RECENTES

Em 1975/76 foram feitos reconhecimentos por elementos da Comissão
Militar, nos seguintes locais:

1) Em MATO GROSSO:

- JANGADAS, ROSÁRIO DO OESTE, PORTO LACERDA, PIRES, RIO

PEIXOTO AZEVEDO.

- 2) Em RONDÔNIA:
 - PORTO VELHO, VILHENA, CACOAL, PRESIDENTE MÉDICE, RONDÔNIA, OURO PRETO, JARU, ARIQUENES.
- 3) No AMAPÁ:
 - MAZAGÃO, MACAPÁ, PORTO GRANDE, SERRA NAVIO, AMAPÁ, CALCOENE, OIAPOQUE.
- 4) No AMAZONAS:
 - MANAUS, HUMAITÁ, MARACAPURU, CUCUI, SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, RIO MISSANGA, TAPURUQUARA, UAUPÊS, SERRA DA BELA ADORMECIDA, CACHOEIRA DO IPAMORÉ, AMARETÉ.
- 5) No PARÁ:
 - CACHIMBO.
- 6) Na BAHIA:
 - ITABUNA, FEIRA DE SANTANA.

0. CONCLUSÃO

Do que foi exposto no presente trabalho conclui-se que:

- O PC do B após algumas tentativas isoladas e mal sucedidas de implantar a "Guerrilha Rural" no BRASIL, elaborou uma nova ESTRATÉGIA, para desencadear a "luta armada" no País;
- Nessa ESTRATÉGIA verifica-se dois componentes básicos: uma DOCTRINA PARA A PREPARAÇÃO E CONDUÇÃO DA GUERRILHA e um PLANO ESTRATÉGICO DE ATUAÇÃO;
- No seu PLANO ESTRATÉGICO o Partido visa atuar no Norte do País e, principalmente, em uma Área Estratégica, que compreende os Estados do MARANHÃO, PARÁ, GOIÁS e MATO GROSSO;
- Áreas específicas de LUTA ARMADA, de APOIO e SECUNDÁRIAS deverão ser criadas, a fim de darem estrutura à ÁREA ESTRATÉGICA;
- O início da "luta armada" dependerá da organização do Partido na ÁREA ESTRATÉGICA e do apoio da população, que poderá ser a médio ou a longo prazo, dependendo da conscientização do POVO ou de fatores que possam unir a POPULAÇÃO contra o Governo e as Forças Armadas.

- 8
- 1 . Desenvolvimento das cidades
 - a . Erros fundamentais
 - b . O que se propõe

 - 2 . Necessidade do trabalho rural
 - a . Alguns dados
 - b . O que se propõe

Dentro da estratégia traçada por MARIGHELA previa-se um desenvolvimento concomitante da área urbana e rural, partindo da cidade elementos materiais e humanos.

Via a área rural como a principal (área de muitas contrações potencialmente revolucionária e o único local onde se poderia construir um exército), apesar da possibilidade e necessidade de desenvolver o trabalho das cidades no momento. As lutas de massa tinham atingido um tal nível e a ditadura fechava os meios legais de luta que não podíamos deixar de dar um salto de qualidade e assim iniciar a luta de guerrilha.

O trabalho urbano foi se intensificando, estimulado pelas vitórias iniciais, a classe média e operária conscientizada apoiando política e organicamente; A própria burguesia fazia propaganda de nossos feitos através de seus meios de comunicação.

A ditadura se encontrava atordoada pela surpresa, e despreparada para o combate desse novo tipo de luta.

Devido a um desvio de visão política, todos esses fatos foram motivo para que fizéssemos uma concentração de forças na área urbana (triângulo).

Na prática houve uma inversão de principalidade, de toda estratégia por nós aceita teoricamente, sendo assim o campo relegado a um plano secundário e a cidade como o palco principal de lutas.

1 . Desenvolvimento das cidades

O trabalho urbano começou a se desenvolver tendo como principal base de apoio político e logístico a classe média. Embora o que existia de classe operária consciente, na sua maioria, também nos apoiasse politicamente, com muitos quadros dispostos a participar ativamente.

Devido a uma visão política errônea fomos nos apoiando cada vez mais nos elementos de C.K. e deixando de organizar e dar uma direção aos elementos de C.O., "por não vermos tarefas que esses pudessem realizar no momento".

Depois de 1 ano de atividade guerrilheira começamos a levar sérios golpes. Com isso o apoio político e consequentemente o organizacional foram diminuindo bastante. Sendo nosso maior apoio p.m., a classe média deveria ser claro que isso acontecesse, o que não se dá / ria no mesmo nível se tivéssemos nos apoiando na classe mais consequente, o proletariado. Com isso não podemos esquecer que a vitória é uma propaganda das mais efetivas. A vitória da guerrilha é a propaganda positiva do método guerrilheiro de luta.

A nossa falta de visão p.m. da guerra nas cidades nos levou à seguinte situação: um desenvolvimento político-militar que não corresponde ao desenvolvimento organizativo.

Isto quer dizer: - transformamos uma situação política (desaparecimento de qualquer abertura democrática, total censura dos meios / de comunicação, criação de uma intensa propaganda facista, o terror repressivo, etc...)

... durante nosso trabalho fomos desenvolvendo uma grande quantidade de ações guerrilheiras que nos fez atingir um certo nível / de desenvolvimento militar.

Tanto nos como a repressão já tem hoje uma bagagem de experiência militar acumulada.

O que não ocorreu no mesmo nível foi o nosso desenvolvimento organizacional.

Sendo esse uma fase de propaganda e organização, pouco conseguimos deste último.

Todas as ações propagandísticas realizadas tinham como objetivo criar um clima político agitativo visando principalmente a organização da vanguarda e da massa nos seus devidos níveis e formas.

Via-se a necessidade das ações sobre as contradições específicas ou gerais e o seu desdobramento que era a capitalização e organização, através de nossos quadros localizados em centros de estudo ou de trabalho.

Os quadros sem a ação (consequente) e sem a diretriz p.m. a todos os elementos capitalizáveis fariam um trabalho improdutivo // (ã revolucionário). A ação sem esses quadros legais (com todas as condições de desenvolver um trabalho organizativo - peixe n'água) / cria o clima agitativo, porém não atinge o desdobramento.

Esse desdobramento é que cria a dinâmica de crescimento quantitativo de grupos guerrilheiros que por sua vez criará a agitação / mais intensa e contínua, o que dará as condições para o salto de / qualidade da luta guerrilheira: atuação de grupos guerrilheiros e movimentação de massa.

Um dos maiores erros foi a espontaneidade e secundariedade com que tratamos esse trabalho de desdobramento.

O quadro legal que deveria desenvolver esse trabalho foram

-trada nos mesmos quadros.

A intensidade dessas atividades e a falta de visão de como fazer um trabalho clandestino de organização dentro da massa, levou a que, com pouquíssimo tempo de trabalho o quadro passasse para a ilegalidade, e assim ficava barrado o seu trabalho organizativo nos locais que frequentava quando legal.

Além disso a grande dificuldade foi que todas as Os. saíram das bases "queimadas" do movimento de massas de 68. Todas essas base, / devido a esse fator era bastante vulnerável e limitada para a prática que os grupos de fogo tinham e exigiam dela.

Sem aprofundar muito, podemos dizer que esses fatores foram de terminantes para que chegassemos na situação de estar com uma estrutura muito pesada, apoiada num alicerce muito frágil.

- estrutura pesada: a maioria dos componentes dos grupos guerrilheiros são clandestinos (clandestinidade, essa que cresce em progressão geométrica).

O fundamental é a criação de grupos guerrilheiros compostos de quadros legais e o mínimo necessário de clandestinos. É inverter a composição atual.

A grande vantagem da legalidade desses quadros está em que possuem uma retaguarda própria e principalmente porque estão ligados / direta e cotidianamente com as determinadas camadas e classes a que pertencem. Isso faz com que conheça a realidade detalhadamente, o que é a condição "sine qua non" para uma atuação correta dentro dessa realidade específica.

Atuar sem a base do conhecimento desses problemas específicos é estar fazendo um trabalho infrutífero que provavelmente não será / compreendido por quem pretendemos e cairá no vazio.

Os quadros legais trazem os problemas e determinam (com verdadeira conhecimento de causa) como, quando e o que fazer.

Porém a maioria dos quadros legais que possuímos teriam muitas dificuldades para desenvolverem esse trabalho no momento, porque / contam com uma prática pouco desenvolvida em relação aos quadros / que já são clandestinos e que tem uma prática p.m. intensa de alguns anos.

Por esse motivo é necessário que alguns clandestinos que possuem uma visão global e experiência militar, vá trabalhando junto com os legais na perspectiva de inculcar essa visão mais ampla e para que haja uma nivelção de conhecimento das experiências passadas, para que não caiamos nos mesmos erros e aproveitemos as experiências positivas.

Os clandestinos que permanecerem nas cidades devem ter condições de estruturarem os grupos de nova composição (maioria de quadros le-

Cada grupo deve ter um comando, e uma infra própria, independente de outros grupos. Deverá ir sendo estruturado de forma que fique o mais autônomo possível. Sua estrutura detalhada não cabe tratar / aqui.

(OBS:- P.M. -POLITICO MILI-
- L.A. -LUTA^{PARA} ANTIADA.)

2 . Necessidade do trabalho rural

Em todos esses anos de l. a (até pouco tempo) viemos sempre // concentrando nossas forças nas cidades - (melhores quadros, armas, dinheiro, etc...) - e sempre dando uma pequena assistência ao campo.

Essa concentração trouxe a estrutura pesada e conseqüentemente o ínfimo desenvolvimento do trabalho rural.

Aqui queremos mostrar a necessidade premente da presença das / Os. revolucionárias no campo.

Por melhor desenvolvido que seja o trabalho urbano, chegará o momento, e esse já apareceu em parte, do estrangulamento do processo do revolucionário.

Estrangulamento esse que aparece quando percebemos na prática / a impossibilidade de levar a guerra até seu final, atuando somente nos centros urbanos.

Atuando nas cidades estamos na retaguarda do inimigo (onde pos-
sue toda sua força concentrada). Devemos por isso ir desenvolvendo
a nossa retaguarda política e militar e que é justamente o elemento
fraco do inimigo: a área rural.

É no campo que têrmos condições de construir um exército, pois
é impossível que o inimigo consiga ocupar toda a área rural para /
controlá-la, como pode fazer nas cidades. No campo encontramos não
só as condições militares para a construção desse exército, mas //
também condições políticas. Existe contradições agudas do trabalho
rural com o sistema capitalista, o que possibilita a sua adesão na
luta para a mudança desse sistema como se encontra.

- Todo o esforço propagandístico do governo sobre o desenvolvi-
mento do Brasil para dias melhores no futuro não atinge o campo. /
Primeiro, porque o único meio de comunicação que existe no campo é
o rádio, e os efeitos do tão propagado desenvolvimento não são sen-
tidos na sua luta pela subsistência que cada dia se torna mais di-
fícil. †

Se de um lado a propaganda facista prática e não atinge o campo
nes, por outro lado ele nem sabe da existência de nossa atuação. A
propaganda revolucionária tem o seu limite nos maiores centros urba-
nos.

Podemos dizer que em algumas áreas rurais existe um trabalho /
de agitação e conscientização feito por elementos que na maioria /

-vamos fazer é torná-lo mais consequente tentando desenvolver nessa vanguarda uma visão global p.m.. Isto é, mostrar-lhes como e porque fazer a extrapolação da luta legal à luta clandestina e armada (podendo em muitas ocasiões aparecerem ao mesmo tempo).

No momento não devemos nos ligar diretamente a esse tipo de trabalho, por ser muito aberto e vulnerável. Vamos dar-lhes uma diretriz quando conseguirmos criar no campo um mínimo de base e solidez e poderemos mostrar-lhes os frutos de nossa visão política aplicada na prática.

O que devemos fazer no momento é colocar nossos quadros onde haja absorção para eles e, que seu trabalho seja muito produtivo.

Nenhum quadro deve permanecer onde seja um "peso", isto é, desenvolver um trabalho abaixo de sua capacidade.

Para a absorção é necessário que criemos bases de apoio (elementos estabelecidos na região). Só poderemos mandar um quadro // "queimado" para o campo, se houver esse apoio e uma maneira para se fixar (trabalho).

Para que um clandestino p.b. consiga se fixar em determinada região é necessário que conheça e saiba fazer trabalho próprio de campo.

É muito difícil que consiga se fixar sem maiores problemas, se todo trabalho lhe for novidade e não saiba fazer nada, do que todo camponês faz. Será um corpo estranho muito observado pelas pessoas e de fácil detecção pela repressão, caso haja qualquer problema na área.

O maior problema que esse desconhecimento traz é a dificuldade de identificação e consequente aproximação do camponês.

Adaptação

Para que não se defronte muito com esse obstáculo é fundamental que antes de ir para uma área considerada importante, passe algum tempo em qualquer região do campo, para que adquira conhecimento / (aprendizagem de todo tipo de trabalho comum na região) e vá se adaptando com a vida do campo: adaptação física, dos usos e costumes, da maneira de pensar e falar do camponês.

Ai também já vai começar a racionar militarmente, dentro de um cenário completamente diferente do que estava acostumado até então.

A permanência nesses pontos de adaptação é mais fácil por dois motivos: 1º) voce vai ficar aí por pouco tempo. Assim a legenda a / ser usada não é obrigatoriamente a de um camponês. Voce pode ser / uma pessoa da cidade, (daí seu total desconhecimento) que veio passear; ajudar ou visitar um conhecido. 2º) Ai seu trabalho é o de //

-tificado como um elemento estranho na região (o que aguçava a curiosidade).

Nesse local você deve observar tudo o que o camponês faz, principalmente seus valores morais, e a forma de se relacionar socialmente.

Algumas coisas que foram observadas: possuem crenças errôneas que devem ser por nós respeitadas e não querer fazê-los desaparecer de uma hora para outra com algumas explicações científicas.

São muito respeitosos, principalmente com os pais e pessoas mais velhas. Esse é um valor que se não possuímos, devemos assimilá-lo.

A doença e a morte parece lhes impressionar muito menos do que a nós, pois estão habituados com sua presença. O que se percebe de muito negativo neste sentido é o conformismo com que a maioria recebe esses problemas. Justificam como uma vontade de Deus, que devem aceitar.

Remédios é muito raro para eles, por isso recorrem a natureza, passando as doenças com ervas, raízes, limão, cebo, fumo e muitos outros, não devemos ridicularizá-los por isso.

Na maioria são muito submissos quando se trata de pessoas consideradas por eles como superior, isto é: que tenha mais dinheiro (isso aparece nas roupas, no que está acostumado comer, nos objetos mais caros e diferente que possui, etc...) ou então que seja mais culto, isso aparece na desenvoltura com que se relaciona, na quantidade de vocabulário, nas coisas que conhece fora da realidade local, a maneira "abstrata" de raciocinar.

Em muitas regiões a cor da pele na maioria dos casos já o coloca num "status" superior.

Se você é uma pessoa que possui dinheiro poderá conseguir a aproximação do camponês. Porém essa aproximação que o dinheiro traz será sempre negativa para o trabalho que pretendamos, deve iniciar com a identificação, o que a posse do dinheiro não permite. Ele irá confiar no seu dinheiro, não em você.

- A cultura que você possui será positiva, se for usada dentro da realidade do camponês, proporcionando-lhe um conhecimento que possa ser aplicado nos seus problemas de trabalho, da família, da coletividade.

Sua cultura não deverá aparecer para ele como uma bagagem "abstrata" de conhecimento, que não lhe interessa nem um pouco.

Através do conhecimento que possui, você pode adquirir o respeito, a confiança e conseqüentemente a aproximação, tudo isso dependendo da forma que você vai mostrar-lhe esse conhecimento.

- Devemos saber seus valores e respeitá-los e não colocá-los em confronto com os nossos. E não esquecer que temos muito o que apre-

conformados.

Existe os políticos locais, (candidatos a prefeito e vereador) que muitos percebem que só são enganados por eles, mas ao mesmo tempo que são os únicos que podem trazer-lhes algum bem.

Não confiam em si mesmos (dizem que não tem dinheiro e são ignorantes) enquanto indivíduos e não possuem nenhuma noção do que pode conseguir um conjunto de pessoas, quando se trata de lutar por alguma reivindicação dessa sociedade.

Estão sempre na espera do líder (grande homem) que irá conduzir a solução de seus problemas.

A respeito da aceitação da violência, Algumas experiências de lutas reivindicatórias não vitoriosas demonstrou que esses camponeses viam como passo imediato o uso da força (os meios legais de luta se esgotaram).

O que impediu que isso acontecesse foi a falta de uma vanguarda com visão de l.a. para dar o salto de qualidade nesta luta. Ou/então um agrupamento muito grande que levasse a acontecer espontaneamente.

O que se percebe também é que a violência está muito próxima de ele. O seu cotidiano na luta pela sobrevivência já é bastante violento e ele a aceita com "naturalidade".

Para organizar o camponês e levá-lo, a uma prática revolucionária é necessário.

1º - Conduzir a sua conscientização e participação em cima de seus problemas.

2º - Mostrar na prática a eficácia de nosso método de luta.

3º A pessoa que irá organizá-lo deverá possuir o máximo de sua confiança, que no primeiro momento será muito mais pessoal do que política.

- Na área em que um companheiro vá se fixar ou que já seja um morador (camponês), estes devem ter um relacionamento muito bom com todas as pessoas que convivem. Dessa maneira terá condições de analisar todos e ver quais os que tem maior potencial revolucionário/. Estes deverão nos respeitar e ter confiança, o que será a condição para que consigamos a aproximação pessoal que deverá se tornar política depois de algum tempo de atuação.

O bom relacionamento nos trará todo tipo de informação, nas conversas mais banais: efetivos militares da região e como é o seu comportamento nos mais diversos problemas, reais de acessos, contradições, pessoas odiadas, líderes da região, etc...

Esses dados e o conhecimento direto da área do ponto de vista/militar é que nos darão condições de definir a atuação que devemos desenvolver aí.

É impossível conduzir corretamente o trabalho se não tivermos

Companheiros,

Ao comemorarmos os três anos de existência das FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA, limitados às condições em que nos encontramos, procuraremos apresentar uma resenha de fatos e algumas conclusões que são indispensáveis.

Vivemos, hoje, dias em que os piores inimigos da Humanidade, atrelados a uma profunda crise econômica, sofrem graves derrotas nos campos de batalha do mundo, particularmente na Indochina, graças à disposição dos povos de empunhar armas e lutar contra seus opressores. A simpatia e a solidariedade do povo brasileiro para com estes povos é, para nós, um sinal do desejo e da disposição dele mesmo de trilhar este caminho.

Presenciamos o recrudescimento da reação no mundo e a instauração de ditaduras fascistas em muitos países, principalmente no nosso Continente. Também em nosso país, a ditadura militar tenta nos impingir o fascismo e seu aprimoramento com uma repressão nunca vista. Para se opor aos intentos dos militares, o nosso povo vem recorrendo a diversas formas de luta e à luta armada como forma mais alta de oposição.

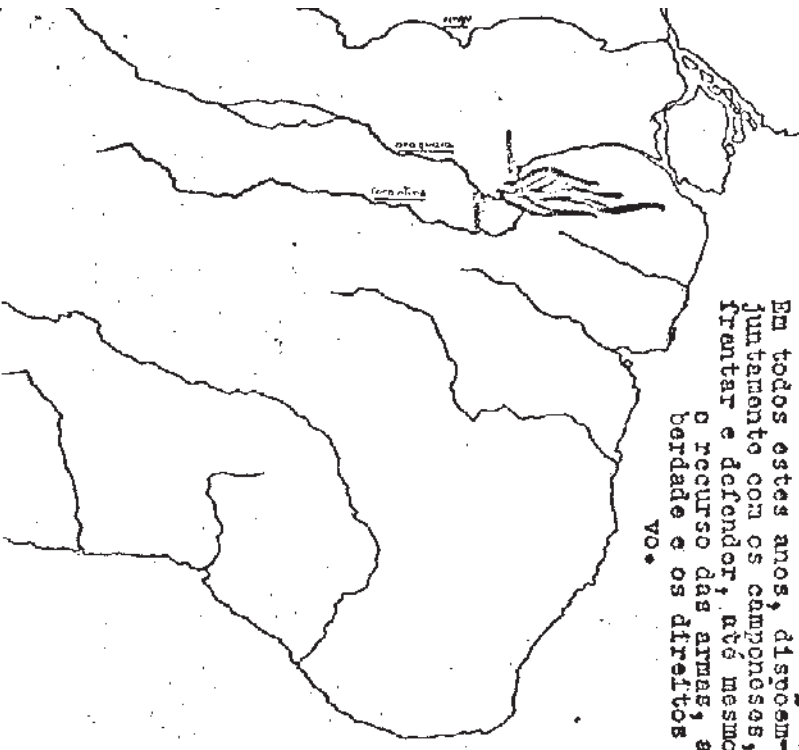
Assim, cresce a importância da sobrevivência de um movimento armado organizado no interior do país e que se liga intimamente à luta mais geral pela derrubada do regime atual. Mesmo localizado, ele está escrevendo mais uma página na História da libertação do nosso povo. Saiu do nada para a existência e, de pequeno, se transformará em grande.

O movimento que se desenvolve no Norte do país não é propriedade de qualquer partido ou orga

nização política. Ele pertence ao povo e está aberto a qualquer pessoa desejosa de lutar pelos direitos da ampla maioria da população. Ao abordarmos algumas questões referentes às Forças Guerrilheiras do Araguaia e seu papel no momento político do país move-nos o desejo de debater sobre a viabilidade da luta armada nas atuais condições do Brasil e discutir amplamente todos os seus aspectos e obter a valiosa opinião de todos os companheiros.

Desde 1966, um grupo de operários, estudantes e intelectuais, muitos dos quais perseguidos e ameaçados pelo regime fascista instaurado no Brasil em 1964, decidiram viver e agir no Norte do país.

A partir de 1969, aumenta o contingente de revolucionários que se deslocam para o Ionguinho Sul do Pará. Vivendo como o povo da região, sofrendo as mesmas dificuldades, sustentando-se com seu próprio trabalho, procurando conhecer os problemas do povo, vivendo como os explorados e oprimidos, procuram juntar-se aos pobres e indefesos.



Em todos estes anos, discutem-se a, juntamente com os camponeses, enfrentar e defender, até mesmo o recurso das armas, a verdade e os direitos do povo.

Após escolher para viver aquela longuinha região, compreendiam que é para a Amazônia que se voltam os olhos cobiosos dos grandes interesses dos magnatas nacionais e estrangeiros. Há tempos que as forças militares e repressivas tentam desorganizar o movimento para facilitar sua repressão e entrego na região amazônica o povo vive no mais completo abandono, oprimido e esmagado pela ganância dos poderosos. Há, por outro lado, que se multiplica a resistência dos camponeses pelos seus direitos de viverem como pessoas humanas. Por isso como em todo o Brasil, a Amazônia é palco da repressão e da violência.

No dia 12/4/72, os moradores daquela região são atacados por grandes forças militares e policiais. Prisioneiros são efetuados, a torbura é empreendida generalizadamente pelas forças repressivas, casas são queimadas, estradas bloqueadas, aviões sobrevoados locais de moradia, nas cidades situadas à margem do Rio Araguaia são construídas bases de operação do Exército, aeroportos são construídos rapidamente e outros são ampliados. Avioes e helicópteros das empresas estrangeiras são usados nas operações das forças militares. Os grileiros, batapaus e pistoleiros servem de braço de apoio dos militares. São realizados tiroteios com o fito de aterrorizar os moradores.

Vários daqueles moradores, que de há muito se lutavam instalaram e que previam a possibilidade de um ataque daquele tipo, se retiraram para a mata para resistir à violência de armar nas matas e para defender seus direitos.

Em uma de suas caças, onde estavam reunidas algumas pessoas da região, um dos comandantes da resistência armada que então se iniciava e que lá vivia desde 1966, dirigiu-se aos presentes com as seguintes palavras: "Chegou a hora de empunharmos as armas; o inimigo tentara nos perseguir e nos liquidar; vamos resistir e confiamos na vitória. Quem está aqui pode falar por onde for que, nest

dia, começou a guerra dos oprimitores!"

Em 20/5/72, uma grande militarres do Exército organizava uma emboscada numa picada por onde se movimentavam dois moradores que estavam na mira da perseguição militar. Logo são localizados pelos dois combatentes. Um dos militares se movimentou tentando se camuflar, mas foi atingido mortalmente por um único tiro. Dez dias depois, o corpo deste militar foi encontrado no mesmo lugar do combate em completo estado de decomposição.

No dia 18/5/72 é lançado publicamente o programa político da Guerrilha, que se consubstancia na fundação da União pela Liberdade e os Direitos do Povo (ULDP). Esse programa é irrisório do trabalho que se iniciou em 1966, de estreita vinculação e identificação com o povo da região. É a sistemática zaga das principais reivindicações e direitos do povo pobre do interior; abre uma perspectiva con-



creta de organização para os camponeses sob as mais variadas formas e de ajuda e apoio às Forças Guerrilheiras do Araguaia. A ULDP, pelas reivindicações que levanta, pode existir como organização do povo em qualquer região do Brasil. É um embrião e parte integrante da frente única em torno de bandeiras democráticas e patrióticas.

Para o povo da região, a ULDP aborda a questão da posse da terra e se manifesta contra os grileiros. Denuncia a Amazonia do saque estrangeiro e afirma que as riquezas da região devem servir ao povo brasileiro. Fala dos direitos do povo à saúde, à educação, à saúde e ao bem-estar social. Opõe-se ao latifúndio e ao trabalho semi-escravo. Proclama-se pelo direito dos índios às suas terras e à preservação de sua cultura.

Nos últimos dias de abril/72, começaram a chegar ao sul do país, notícias de que algo de anormal estaria acontecendo na região paraense da Transamazônica, próxima de Marabá. As notícias foram de que o Exército, juntamente com a PM de Goiás e Pará, estaria realizando uma grande operação na região sul do Pará e circunvizinhanças, onde praticavam toda sorte de tropelias e estaria encontrando resistência dos moradores locais que se teriam organizado em grupos guerrilheiros.

Em 23/5/72, morte, sob tortura, o lavrador Loureival Paulino. Muitas prisões são efetuadas na região de Marabá e Xambioá, e todos os que tomaram participação com aqueles que usam a mata como arma de defesa, refúgio e meio de sobrevivência, eram considerados guerrilheiros pelos militares, e por isso, muitos foram torturados.

Em 31/5/72, ocorre um choque entre dois grupos do Exército. Os paraquedistas prendem um lavrador no povoado de São Geraldo e levam-no, com sua família, a um lugar distante da mata. Segundo se fala, entre os militares, estaria nesse lugar uma pessoa que se oferecia para localizar alguns guerril-

lheiros, caso recobesse uma quantia de Cr\$ 200,00. Quando constataram, depois de muita brutalidade, que a informação não passava de um simples boato, torturaram o lavrador que servira de guia e obrigaram-no a indicar o caminho até o local de resgate da tropa. Inesse percurso, esse mesmo grupo de paraquedistas encontrou-se com um pelotão de outra unidade militar; confundindo-se entre si, os dois grupos passaram a atirar um contra o outro. Após uma rajada de tiros, caiu ferido o sargento paraquedista Raimundo.

Em maio, o Comando Militar da Amazônia, distribuiu nota à imprensa em que fala da operação militar, dizendo que as operações militares em curso no Vale do Araguaia, voltava-se contra "conturbantes" de diversos pontos do país, reunidos. Informava que haviam sido efetuadas muitas prisões e "desbaratadas" o referido grupo.

Dias após, a Rádio Tirana divulga que, em decorrência do ataque das violências cometidas pelo Exército na região sul do Pará, moradores e camponeses se levantaram e se constituíram em resistência armada.

Em maio de 1972, a Rádio Tirana divulga uma mensagem de João Amazonas, dirigente do Partido Comunista do Brasil, endereçada aos combatentes do Araguaia. Na mensagem expressa sua alegria e sua confiança na destemida disposição daqueles moradores que, da forma mais elevada, lutavam um sem-fim novo na luta do povo brasileiro contra a ditadura fascista. Diz ainda que os comunistas estão dispostos a envia-los todos os esforços para apoiar os combatentes do Araguaia e que seu Partido mantém sua incondicional solidariedade aos camponeses da região.

Por essa época, é cassado o deputado federal Wladimir Murray, conhecido "Ladrão" da região, sob a acusação de ser "amigo" dos guerrilheiros e de lhes dar proteção.

Nos primeiros dias de junho de 72, é divulgada o Comunicado do criação das Forças Guerrilheiras do Araguaia, que passa a ser conhecido como "Comandante Nô", assinado pelo Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Depois de fazer um relato da violação decorrida naquela região pelo Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar, a firma publicamente a disposição de resistir às forças armadas da região e declarar que, a partir da queda desta, o povo da região não será reprimido impunemente e seus direitos serão defendidos. Conclama o povo a não se aterrorizar com a violência dos militares e mostra que, com a união de todos, as forças da repressão serão derrotadas.

Em 5/6/72, há o segundo combate entre o Exército e os combatentes do Araguaia. Depois de uma rajada de propaganda efetuada por um grupo guerrilheiro, os paraquedistas, usando a tática de saturar a zona determinada aren, encontram-se casualmente com um grupo de combatentes comandado por Bergson Garcia Farias. Este, no sentir-se atacado, caiu no chão respondendo aos tiros do inimigo. Após tentado tirotole, Bergson tomou morto, salvando a vida dos outros combatentes que puderam se retirar e ficando gravemente o tenente paraquedista que cobriava a tropa inimiga.

Em junho de 72, o Exército, continua em sua furtiva agressão visando aniquilar o movimento armado dos moradores do Araguaia e, ao mesmo tempo, tenta esconder da imprensa nacional o que ocorre naquela região.

Em fins de junho de 72, morre em combate a guerrilheira Maria Lúcia Pezot. Era uma jovem de 19 anos de idade, que deixara a cidade e fora viver no campo. Era natural de Itajubá, Minas Gerais, onde era estudante secundarista. Os militares a localizam numa casa de um lavrador da região. Ao receber voz de prisão, ela responde com tiros e procura se afugentar do cerco que lhe impuseram. Atirando e correndo, caiu morta. Seu corpo é trazido para a base militar de Xambioá e violado por ordem

do General Antônio Bandeira. Nesse mesmo mês, o Exército encontra o combatente Kleber Gomes acometido de grave crise de malária e sem muitas condições de movimentação. Ao cair vivo nas mãos dos inimigos, começou a gritar "Abaixo a ditadura" e "Viva a guerrilha". Recebendo vários golpes de bala, montaram-no em um cavalo e, por todo o percurso, foi deixando um rastro de sangue no chão até morrer.

Em junho/72, o jornal "O Estado de S. Paulo" publica trechos de uma nota (mais tarde reproduzida na íntegra pela revista SUDOC) emitida pelo bispo da Prelazia de Marabá, D. Estevam, em que este relata a prisão, na Palestina, de padres e freiras de sua diocese, que foram torturados pelas tropas do Exército. A justificativa dada pelo Exército, ainda segundo a nota, foi a de que Padre Roberto e Irma Maria das Graças se pareciam muito com os guerrilheiros Paulo Rodrigues e Dina.

Por esta época, os militares, sentindo dificuldades para atingir todos os grupos guerrilheiros que atuavam na região de Marabá, Palestina, São Geraldo e Conceição de Araguaia, no sul do Pará, lançam um largo cerco na frente do Rfo. Araguaia e preparam-se para uma ofensiva de caráter ainda mais geral. Espantados com a extensão do movimento guerrilheiro, as forças repressivas tentam elaborar uma nova tática de combate. A idéia de que enfrentavam um movimento armado que estava se implantando e que teria abandonado a região devido a presença dos militares já não existia.

Em agosto de 72, época da seca, quando a selva é menos hostil, o inimigo lança vinte mil homens integrantes das três armas militares, numa gigantesca operação para destruir a resistência armada dos moradores de Araguaia. Usam todos os recursos no seu alcance. Apoiam-se em grileiros, batedores, pistoleiros e donos de grandes empresas agropecuárias; pagam vultosas somas em dinheiro para quem se dispõe a ajudá-los. Recorrem à Ação Cívica Social (ACS) como tentativa de enganar o povo. Todas as cidades da região, como Marabá, Xan

dyá, Conceição de Araguaia, Aragaratins e outras, são controladas pelo Exército. Estradas são bloqueadas, carros são revistados e todos os passageiros sofrem vexames e alguns são até presos. Caminhos fechados são controlados; outros são abertos, como a estrada construída entre Marabá e São Geraldo. Grupos especiais são lançados no interior da selva e, assim, monta-se a caçada aos guerrilheiros. A morte era o lema dos militares. Esta ameaça pairava sobre todo o povo daquela região. Vastas regiões da selva foram queimadas com napalm, helicópteros metralhavam certos pontos da mata e os Rds Araguaia e Tocantins eram dia e noite patrulhados por lanças-metralhadoras.

Em 22/7/72, é revelada pela imprensa interna clonal a ampla utilização, pelo governo brasileiro, de desfolhantes químicos na região da Amazônia. Os desfolhantes são "sobras" do Vietnã e tanto servem às grandes empresas agro-pecuárias como ao combate à luta guerrilheira.

Por volta de agosto/72, começa a circular em todo o território nacional a "Carta a um Deputado Federal", datada de junho de 1972, assinada pelo Comando Militar das Forças Guerrilheiras do Araguaia, em algum ponto da selva Amazônica. A Carta que teve grande repercussão na opinião pública, relata os fatos ocorridos naquela região desde o dia 12 de abril de 1972. Para a situação em que vive o povo da região: o sobre o surgimento da luta guerrilheira, como uma resistência à propositiva e tirania dos militares; traga em linhas gerais os objetivos da luta, como parte integrante da luta geral do povo brasileiro contra a ditadura militar; pela liberdade, o progresso e a independência nacional.

Em 18/8/72, os secretários da segurança dos Estados da Amazônia Legal reuniram-se em Manaus com o objetivo de criar "um cinturão de segurança" na Amazônia. A imprensa não teve acesso à reunião. Em meados de setembro de 1972, em um combate

tra as forças reacionárias, o guerrilheiro Ciru-
vio de O. Salazar, carioca, estudante do Arqui-
tura, recebeu uma rajada de metralhadora em suas
mas. Estava dando cobertura à retirada de ou-
ros companheiros quando foi alvejado pelo inimigo.
Vivo, não podendo se movimentar, e diante da pos-
sibilidade de cair vivo nas mãos do inimigo, usou
tira bala de seu revólver contra si mesmo.

Em setembro de 1972, quando a ofensiva do in-
imigo estava em pleno desenvolvimento, um dos des-
tacamentos guerrilheiros realiza várias ações de
paganda política nas margens da Transamazônica,
zona de Marabá. Tinha, também, o objetivo de a-
tirar o inimigo que, por sua voz, tentava cercar a
ra das Andorinhas com o intento de atacar o ou-
tro destacamento guerrilheiro. Atraiadas, as tropas
do Exército tentam cercar um trecho da estrada en-
tre os rios Fortaleza e Bacuri Grande. Mandam en-
trar a população e falam até em envenenar as águas
do Bacuri Grande. Localizam a área em que se movi-
ta o Destacamento e apertam o cerco. Enquanto
isso, um outro grupo de combatentes faz um semicí-
clo Domingos das Latas, no Pará, do outro lado
da Transamazônica, o destacamento localizado na
zona sul da estrada passa alguns dias camuflado,
que seus passos sejam percebidos. Observa a
posição do cerco na estrada, que está organizado
postos de guarda em certos pontos, ligados en-
tre si por patrulhas volantes se movimentando cons-
tante; os soldados ficavam em valas e trin-
cheiras espaçadas de 100 em 100 metros. Por este
destacamento quase 20 guerrilheiros, em pleno dia,
andava sem precisar dar um só tiro. Afrouxado
o cerco da Serra das Andorinhas, o outro destaca-
mento não sequer precisou entrar em combate. Aumen-
to ainda mais a confusão no meio das tropas in-
imigas, o destacamento que realizara o Comício no
sul da estrada, atravessou-a em sentido contrário.

No dia 23 de setembro de 1972, na região do
cúrio de Marabá, a combatente Eleonira Rezende
ouza Nazareth, observava o deslocamento de um

grupo do Exército. Na frente do grupo vinha um ba-
te-pau muito conhecido na região e, logo atrás,
três militares comandados por um capitão do Exérci-
to. Ao ser localizada, Eleonira deu combate ao in-
imigo com arma de caça, matando dois deles e aler-
tando seus companheiros do ataque que estavam so-
frendo. Recorre, depois, ao seu revólver e o inimi-
go responde com fuzis-metralhadora e granadas. Quan-
do a ferida eja sem cura, Eleonira caiu prisioneira.
Levaram-na a outro lugar onde existia um acam-
pamento do Exército. Foi torturada durante dois
dias e nada respondeu ao inimigo sobre o paradeiro
de seus companheiros. Foi assassinada brutalmente
a golpes de baioneta. Eleonira era natural da Bahia
e conhecida líder estudantil em São Paulo.

Ainda em setembro de 1972, o Comando das For-
ças Guerrilheiras do Araguaia lança o Comunicado
nr 3, onde história a vida de Eleonira, as condições
de sua morte e os ensinamentos que deixou para to-
dos os combatentes e o povo brasileiro, que enfren-
ta um inimigo feroz e bem armado. As Forças Guerril-
heiras do Araguaia consideram Eleonira como uma he-
roína e um símbolo. A partir da data de divulgação
deste Comunicado, o destacamento guerrilheiro a
que ela pertencia recebe o seu nome.

Setembro era o mês decisivo da ofensiva in-
imiga. Suas tropas já estavam esgotadas e, em outu-
bro, surgiriam os primeiros sinais do inverno. O
Exército lançou 700 homens num dos ataques a uma
casa que seria dos guerrilheiros. Nada encontrando,
deixa ali 25 homens, entre soldados e oficiais, co-
mandados por um coronel. Depois de 15 dias em plo-
na selva, já cansados e com fome, este coronel re-
tira-se com sua tropa.

Durante essa ofensiva, o Destacamento situa-
do ao Sul de Xambica sofre forte pressão do Exérci-
to que para lá desloca um forte contingente. Quase
todos os combates são travados nas margens do Rio
das Itaipavas, no Município de Conceição do Araguaia
a. Nessa área, ainda no mês de setembro de 72, o Ex-
ército, com a ajuda de bate-paus, consegue embos-

car quatro guerrilheiros; João Carlos Hass Sobrinho; Antonio Moutelero; José Toledo de Oliveira e Dinelva Conceição Monteiro; conhecida na região como Dina. Dessa emboscada, somente Dina conseguiu fugir.

O corpo de João Carlos Hass Sobrinho é levado para Porto Franco, no Maranhão, e é exibido em praça pública para servir de exemplo e aterrorizar a população. Mas, tal ato de selvageria teve, um e feito contrário. Nos anos de 66/68, este guerrilheiro se estabeleceu nessa cidade como médico, inclusive construindo um Hospital com os recursos obtidos de sua profissão. João Carlos era respeitado e amado pela população, até mesmo pelas autoridades locais. A visão do seu cadáver causou profunda comoção e revolta. Segundo o próprio general Antonio Bandeira, esse fato constituiu-se numa das maiores derrotas políticas das forças repressivas. João Carlos, natural do Rio Grande do Sul, era líder estudantil e cirurgião cardíaco. Antônio Monteiro era natural da Bahia e, de profissão, Geólogo. José Toledo de Oliveira era líder bancário do Estado da Guanabara.

Nessa mesma época, tombou em combate, em circunstâncias desconhecidas, José Francisco. Era operário naval do Rio de Janeiro, antigo militante comunista e lutador da revolução armada de 1935. Morre também o combatente Gil, também operário, do Rio Grande do Sul, segundo os militares em tiroto de pois de, sozinho, sob fogo cerrado e já baleado, Fatchar atirando por um percurso de um quilômetro. Durante este combate, chegou ainda a amarrar uma faixa em seu queixo, partido por uma bala de fuzil.

Por essa ocasião, na cidade de Xambioá, foi preso um lavrador sob suspeita de estar fazendo compras para os guerrilheiros. Levado para a base militar, foi torturado, sofrendo alogamentos. Falou que levaria o Exército ao encontro da guerrilha. Os torturadores suspenderam o interrogatório e colocaram-no num helicóptero; no chégar a selva, levou os militares a um lugar ostranho e pediu que eles se fússsem por um lado de um mouro enquanto e-

le seguiu pelo outro. Tiraram-lhe as algemas para que os guerrilheiros não desconflassem. Logo em seguida, conseguiu fugir e deixar as tropas do Intimigo Sozinhas.

Em setembro de 1972, um grupo de militares comandado por um sargento de infantaria de selva das Belém, que tentava estabelecer contato com a guerrilha, penetrou no interior da selva. Quando acompanhado com o grupo, à noite, numa das rondas em que ele seria contínuo, ao acender sua lanterna, foi alvejado no um único disparo. No dia 5/10/72, a imprensa divulgou nota do comando militar da Amazônia sobre a morte de um sargento que se chamava Abráim da Silva. Há muitas notícias sobre as baixas que o Intimigo vem sofrendo. Nos quartéis em Brasília, por esta época comemoravam as celebrações pelos mortos do Exército. Em Imperatriz, no Maranhão, um caminhão frigorífico da Anglo transporta cadáveres de soldados e se momentou dentro do exército, a morte de seis oficiais. Há notícias de feridos nos hospitais militares de Brasília e circulam comentários em Uberlândia-MG, sobre alguns soldados mortos oriundos daquela cidade.

Nos dias 19/7/72 e 24/9/72, o jornal "O Estado de São Paulo" publica duas extensas reportagens sobre os acontecimentos do sul do Pará. A primeira relatada a Ação Cívico-Social (ACTISO) que as Forças Armadas estavam realizando na região periférica a época das atuas de guerrilha, principalmente no norte de Goiás. A segunda, faz uma explanação sobre o surgimento da guerrilha e o combate que as Forças Armadas, marinha e polícia federal e polícia militar, marinha e aeronáutica, polícia federal e polícia militar do Pará, Goiás e Maranhão totalizando 20.000 soldados, realizaram contra os guerrilheiros. As operações militares estavam sendo comandadas pelos Generais Antônio Bandeira e Olavo Vilhena Koch, sendo a cidade de Xambioá utilizada como centro das operações. Depois de relatar alguns combates, afirma a reportagem do "O Estado de São Paulo", que os guerrilheiros se movimentam livremente na vasta região à margem esquerda do rio Araguaia, situada nos municípios de São João do Araguaia e Marabá.

Em 28/9/72, a imprensa divulga nota do exército a respeito do "plano de ocupação" da Amazônia em de dá prioridade a quartéis em Humaitá, Itaipubá, Altamira, Marabá e Xambioá. Em 20/10/72, por ocasião da saída do Gen. Alvaro Cardoso do Comando Militar da Amazônia, o Min. do Exército, Orlando Geisel, lhe faz elogios pela atuação na região, destacando a sua preocupação pela segurança interna.

Em outubro/72, a Rádio Tirrenia divulga uma entrevista gravada com três guerrilheiros do Araguaia, Osvaldo Orlando Costa comandante de destacamento, João Carlos Pass Sobrinho, médico, e com Helena Maria Negta entrevistista, gravada no tempo que os dois últimos ainda estavam vivos, eles falam devida que levavam na mata, do apoio que recebem do povo da região e de sua disposição de combater o governo militar fascista até a vitória final, a qual, afirmam, depende de toda a participação do povo brasileiro na guerra prolongada.

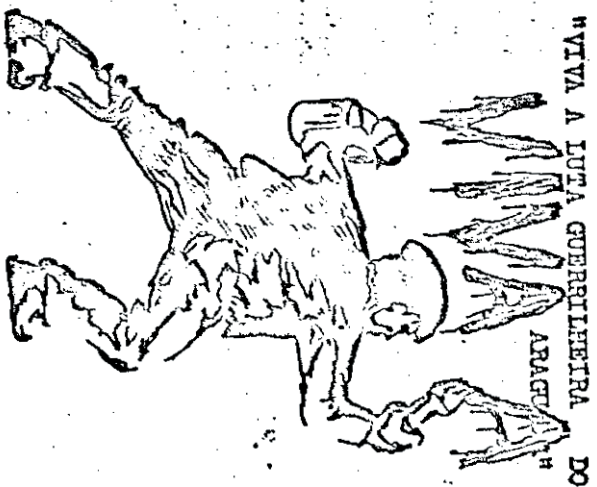
Em outubro/72, é divulgado, nos principais centros do país, o programa da União pela Liberdade e Defesa dos Direitos do Povo (ULDP). O "programa dos 27 pontos", como é conhecido, alça a divulgação e a ULDP, como movimento político organizado, além do Pará, atua nos estados do Maranhão, Goiás e norte do Mato Grosso.

Por essa ocasião, a existência das Forças Guerrilheiras do Araguaia já se tornara amplamente conhecida no Brasil e no exterior, malgrado o silêncio da ditadura a respeito. Os meios democráticos e revolucionários manifestaram com entusiasmo a sua existência, através das mais variadas formas. Diversos jornais da imprensa clandestina publicam notícias e manifestam seu apoio à luta guerrilheira do sul do Pará. Entre eles: a "A Classe Operária", "Resistência Popular" e o jornal da UUPM. O jornal "A Zemsa Popular", em um de seus números, publica a seguinte "A Carta a um Deputado Federal". O jornal "Libertação" publica vários artigos de apoio, destacando a importância e o papel da luta guerrilheira dos moradores do sul do Pará, como parte da resis-

tência à ditadura fascista.

As notícias da luta guerrilheira do Araguaia vêm alcançando repercussão bastante favorável nas escolas, universidades, bairros e, especialmente, junto a classe operária. Sabe-se que já chegou até ser discutida em fábricas e comitês sindicais, em do saúde como um grande acontecimento. Apesar da repressão, a falta de liberdade, os operários em contrarrazão, as formas de manifestar seu apoio nos líderes do sul do Pará. Além de pichamentos e panfletagens, num bairro de São Paulo, alguns trabalhadores, após a realização de uma conferência sobre a guerrilha do sul do Pará, decidiram se organizar e enviar um presente de utilidade aos lutadores. Com praram uma botina e disseram: "por enquanto o nosso apoio é este, no futuro será de outro tipo".

... surgem as primeiras inscrições:



Na região Sul do Pará, em fins de 72, militares e civis. Os militares encerraram a revolta e a oferta lançada em agosto/72, aceitando como um fato real a continuação da luta guerrilheira. Em parte pese algumas batidas, as Forças Guerrilheiras do Araguaia garantiram a sua sobrevivência e os seus integrantes com o povo da região. Agora, o Indígio Intelectual Guerrilheiro mantém um grande contingente permanente nas cidades de Marabá, Imperatriz, Xambioá, São João do Araguaia, Arapuitan e outras cidades e povoados do Norte de Goiás e Norte de Mato Grosso. Nos povoados da mata, o exército instala postos militares, patrulhas permanentes nas estradas, caminhões e motos.

O povo da região continuava apolado pelas muitas ações e guerrilhas. Os militares sempre receberam comovimento acolhida, apoio material e informações sobre os movimentos do Indígio. O povo mantinha o seu ódio às tropas do exército, remediava as torturas aplicadas de forma generalizada, sentiam que suas aspirações estavam sendo defendidas pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia e Viam nos Guerrilheiros pessoas com que tinham relações pessoais e passavam-nos aos guerrilheiros, pois, declinavam a eles pertencentes, e se não fosse a sua presença na região nunca as autoridades lhes dariam qualquer assistência.

Os guerrilheiros, enfrentando a dureza da selva, balancavam aqueles meses de combate e extrafinais, balancavam ensinamentos. Em que pese as batidas sofridas, ficava patente a vitória que representava a preservação do conjunto de suas forças e a derrota das forças armadas reacionárias e fascistas no seu propósito de aniquilar o movimento armado dos moradores do Sul do Pará.

Nessa ocasião, as Forças Guerrilheiras do Araguaia lançam um comunicado alertando aos brasileiros, cidadãos e estrangeiros, sobre a situação política do Brasil e do mundo.

Em fevereiro/73, por ocasião da Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada em São Paulo, um grupo de bispos, entre eles D. Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia, e D. Estevão Cardoso Avelar, de Marabá, realizam uma conferência pública no auditório da PUC com a participação de cerca de 500 pessoas. No decorrer da mesma, relatam diversos fatos referentes às condições praticadas pelo exército na região e a atuação dos guerrilheiros. Sempre que o nome dos guerrilheiros era citado, a assistência manifestava-se em palmas.

Chega a época das eleições, ocasião em que o Indígio diminui seus movimentos na selva e os guerrilheiros aproveitam para se movimentarem mais livremente e aumentar seus laços com o povo.

O Indígio, diante do fracasso da ofensiva de 1972, prepara-se para uma outra. Esta se revestirá de novas características e será principalmente orientada para um combate a longo prazo no movimento armado do Araguaia. O Indígio mantém permanentemente tropas nas cidades e povoados e prepara grupos para permanecerem mais tempo na mata.

Em 12/4/73, por ocasião do primeiro aniversário da luta guerrilheira do Sul do Pará, são realizados em Paris, no Quartier Latin, festejos que foram marcados com a presença de milhares de pessoas. A noite ouviu-se em todo o bairro o som da "Internacional", cantado por alguns milhares de pessoas. Foi realizada uma conferência, onde se comparecem Jean Paul Sartre e outras conhecidas figuras que falam da luta armada no Brasil. Essa manifestação foi organizada por amigos da revolução brasileira. Em outros países da Europa organizaram-se comemorações ao primeiro aniversário da guerrilha.

Em junho/73, os combatentes ocupam o povoado de São Félix, bairro de Marabá, separado da cidade pelo rio Itacamas. Ali prenderam um capitão do

exército e ocupam o cartório local, queimando os títulos de posse das terras dos grileiros e dos grandes latifundiários. O capitão, conhecido pelos seus crimes, foi justificado no próprio local da ação.

Em setembro/73, na estrada Transamazônica, entre as cidades de São João do Araguaia e Karabá, um posto da PM do Para é atacado pelos guerrilheiros, que levam armas, algum material de serviço médico e prendem os soldados. Os guerrilheiros advertem os prisioneiros no sentido de que voltassem para suas famílias, recusando-se a continuar sendo instrumentos do oficiais superiores, que defendem os interesses estrangeiros e dos grandes proprietários de terras. Em seguida o comando do destacamento lança um balanço da operação para a discussão entre todos os combatentes e entre os camponeses de sua área, com o fito de possibilitar a assimilação dos ensinamentos do combate. Essa ação foi executada pelo destacamento "Heróina Elenirva Rozendo".



A essa altura, o povo já presta o seu apoio organizado e participa, inclusive de armas na mão, das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

Na cidade de Xambioá, em fins de 1973, ao perceberem a presença de militares disfarçados do trabalho dos que pretendem entrar na selva, os moradores imediatamente comunicam o fato aos guerrilheiros. Neste acontecimento foi bastante combatido na região e usado como exemplo.

Alguns em fins de 73, um grupo de guerrilheiros para um onibus na estrada Belém-Brasília. Os combatentes fazem discurso para os passageiros, discorrendo sobre os objetivos políticos da luta guerrilheira e podem aos mesmos que a divulgassem por onde passassem. Os passageiros recebem os guerrilheiros sem problemas e, espontaneamente, lhes doaram contribuições em roupas e dinheiro.

Nessa mesma época, uma unidade da PM do Pará arma uma emboscada no lugarejo de Brejo Grande contra os guerrilheiros. Na emboscada entrou um grupo de próprio exército e um dos soldados que estava emboscado, pensando tratar-se dos guerrilheiros, comuniqueu o fato ao seu comandante, sargento da PM, que deu ordem "de fogo". Do entretanto, resultaram mortos várias pessoas de ambos os lados. Depois de esclarecido o engano, o capitão do exército que comandava a tropa mandou auxiliar, ali mesmo e diante de seus companheiros da PM, o sargento da PM e o soldado que a visou a entrada do exército.

Durante a ofensiva de 1973, pela primeira vez as tropas indígenas abandonam os caminhos e picadas e entram na selva. Os guerrilheiros entraram à noite num de seus acampamentos situado no interior da mata e colocaram um bilhete que citava o número de militares acampados, o tipo e a quantidade de suas armas e diziam que eles estavam correndo sério risco e que, caso não se retirassem dentro de 24 horas, seriam atacados e mortos. Como é natural, prioritariamente o inimigo obedeceu à determinação.

Ainda em 1973, nas margens do rio Gamaleire, os combatentes das Forças Guerrilheiras do Araguaia buscaram um captação do exército quando este, separado da tropa, tomava banho no referido rio, liquidando-o.

As tropas fascistas agiram unicamente para a violência e o terror para combater a descida. Luta dos moradores do Araguaia. Muitas prisões são efetuadas na região, pequenos comerciantes são presos e torturados, os custódios são impedidos de entrar na mata para a colheita de castanha. O terror é propagado pelas tropas do exército. Um combatente, ao ver-se cercado pelos militares, reagiu heroicamente, matando um oficial do exército e morrendo logo em seguida. Depois de morta, teve sua cabeça decepada. Dizem-se que numa das prisões de uma base militar, estava um guerrilheiro vivo deixando só com a cabeça de fora. Como os oficiais não alcançassem o seu intento, do fazê-lo falar, um deles atirou em sua cabeça. No poyado de São Domingos do Capim, o poy até tentou sair de suas moradas. Em algumas residências, quando saía alguém para o trabalho ou para alguma viagem, dizia que, se não voltasse no prazo certo, seria considerado como morto ou como estando entre os guerrilheiros. Segundo os militares, a guerrilha estava em toda parte e por isso precisavam estender as perseguições e prisões e continuar matando para impedir a reação da presença guerrilheira.

Em fins de 1973, num poyado situado entre as cidades de São Jono e Conceição do Araguaia, os combatentes cercam uma delegacia de polícia e prendem o conhecido pistoleiro "Pedro Mineiro", profissional do crime, a serviço do Epitácio Olimbo, da fazenda CAPM GO. O bandido foi apresentado ao povo da localidade e julgado e fuzilado. "Pedro Mineiro" era conhecido por assassinar de posseiros, pistoleiros dos mais famosos e, após o início da resistência armada em 12/IV/72, passou a trabalhar diretamente para o exército.

Após esta ofensiva do exército na região, tornouse patente a sobrevivência das Forças Guerrilheiras do Araguaia, o crescimento da participação da po-

pulação local na luta, através das mais variadas formas. A experiência concreta estava mostrando que a forma depende da participação de todo o povo brasileiro e que, em consequência da desigualdade de forças, os combatentes do povo e o inimigo, a guerra tem de ser longa e difícil.

Em março/74, o Rádio Tirante noticiou que começara a circular o primeiro número do jornal "O Araguaia editado na GB pelos "Comitês de Solidariades à Luta dos Camponeses do Sul do Pará". Em seu editorial, "Luta pela Liberdade", destaca a importância da luta guerrilheira dos moradores do Sul do Pará no quadro de resistência geral do povo brasileiro contra o regime militar fascista. Esta é uma questão essencial na luta do nosso povo contra a dominação imperialista e outras causas dos males seculares do atraso em que está mergulhada o país. Publica na íntegra "A Carta Um Deputado Federal" e dedica algumas páginas a denúncia que a luta guerrilheira vem tendo no exterior através materiais de jornais, principalmente da Argentina, França e Bélgica. Noticia também as lutas de classe operária e de outros setores democráticos contra o regime tirânico dos generais.

Por ocasião da comemoração dos dois anos de existência das Forças Guerrilheiras do Araguaia, há e prestavam manifestações de solidariedade no Brasil no exterior. O Partido Comunista da Colômbia (P-C) o Exército Popular de Libertação da Colômbia enviou mensagens de apoio e solidariedade às Forças Guerrilheiras do Araguaia. Dizem que a luta armada que ora desenvolve no Brasil, após dois anos de existência, mais um elo de ligação e de unidade do povo colombiano ao povo brasileiro e expressar sua integral solidariedade a essa luta. Na Argentina realizou um comício em que falou um representante dos estudantes argentinos sobre o tratamento que a ditadura fascista dispensa aos estudantes brasileiros. Após expressar seu apoio à luta do povo brasileiro pela sua liberdade, diz que a luta do povo brasileiro para os estudantes indiciar, com o sacrifício de sua própria vida, o verdadeiro caminho para a juventude de seu país. Afirmou que ela foi uma heroína a quem nos, estudantes argen-

tinios, prestamos nossa homenagem e a quem temos como exemplo de bravura e coragem". Na França, em uma reunião de apoio ao movimento revolucionário na América Latina, se destacam os dois "os", existência das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Na Bélgica há manifestações populares de solidariedade e o Partido Comunista (P-C) da Bélgica manifesta seu apoio e convida para a luta guerrilheira do Sul do Pará.

No Brasil, o jornal "Libertação" publica um extenso artigo ressaltando a vitória das Forças Guerrilheiras do Araguaia nestes dois anos de existência e manifestando-lhe seu incondicional apoio. O jornal "A Classe Operária" publica uma nota do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, dirigida aos combatentes do Araguaia, em que exalta o heroísmo dos combatentes mortos, os ensinamentos extraídos em dois anos de resistência armada, fala do significado daquela luta para o povo do interior e para todo o povo brasileiro em sua luta geral contra a ditadura e pela independência nacional. Finalmente, em nome dos seus objetivos, mostra a necessidade de intensificar e ampliar a oposição popular, com a melhor forma de efetivamente prestar ajuda aos que se batam no Araguaia.

No início do ano de 1974, a Rádio Tirana, noticiava uma grande operação efetuada pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia nas proximidades do povoado de Palostina, no Pará, ocasião em que os guerrilheiros tomaram de assalto um quartel do exército e levaram mais de 100 armas. Nada noticiou sobre baixas. Há quem também parou ônibus e outros carros nas estradas da região para fazer divulgação da sua luta.

Em agosto/74, alguns jornalistas brasileiros que faziam uma reportagem sobre a Transamazônica, tiveram que enfrentar várias barreiras policiais e no percurso foram seguidos por carros e helicópteros do exército. Quando se confundidos com os militares, escreveram em seus carros frases que os identificavam.

Também em agosto/74, é publicado o segundo número

do jornal "O Araguaia" transcreve um extrato da reunião O. Costa "Cavalção", um dos comandantes das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Na qual se informa sobre o apoio que a luta guerrilheira obtendo do povo da região e da opinião pública brasileira. Fala das baixas sofridas pelo movimento guerrilheiro e homenageia os heróis do povo que tomaram a luta. Faz referência à luta camponesa em outros estados do interior, como no Acre. Fala do assassinato de um se manifestando entre as forças do exército e a polícia militar e do uso que eles têm de entrar na luta armada, ele diz que: "nós lutaremos até a morte e a vitória final depende da participação de todo o povo". Esse mesmo entrevistado e publicado no jornal do Equador com uma legenda de Oswald O. Costa e, segundo a Rádio Tirana, foi reproduzida em jornais da Europa.

Ainda neste número do "O Araguaia" há uma poesia de Alfau Duarte dedicada a Maria Luiza Fátima, guerrilheira morta em junho/72, e várias notícias sobre o avanço da luta de classe operária e de outros setores populares nos últimos meses.

Em setembro/74, a Rádio Tirana divulga um pronunciamento de um chefe indígena falando da situação dos índios no Araguaia e afirma que os brancos que penetraram são indivíduos e os brancos que aqui lutam são amigos e estamos dispostos a lutar junto com eles". Em seguida, diz que é a favor do uso das armas pelo se defender.

De meados de 74, uma jornalista sueca, que me deu vários anos em Recife, editou um livro sobre Brasil, em que releia as condições em que surgiram as Forças Guerrilheiras do Araguaia. Na sua conclusão, afirma que pode ser um "pequeno grupo", mas representa a esperança dos brasileiros num futuro de liberdade. Nesta ocasião, começa a ser editado na Argentina o boletim "Noticiero Brasileño" do Comité de Solidariedade à Luta dos Povos da América Latina, que reproduz vários que circulam entre o povo do Araguaia sob o nome de "Programa dos 27 Pontos" e a combatividade do

guerrilheiros, destacando a figura quase lendária de "Gerrillero". Em fins de 1974, começou a circular uma esboço de um livro "Principais Políticas de Segurança". Ainda na Argentina foi publicado, no final de 1974, um relatório sobre as Forças Guerrilheiras do Uruguai onde são transcritos alguns dos seus ensinamentos e reproduzida declaração de Jairo Libber, chefe nacional apoiando a luta armada no Sul do Pa-
e.

Em outubro/74, as forças repressivas do governo fascista culminaram sua ofensiva de 1974 com mais de 2000 prisioneiros em Marabá e povoados vizinhos, com o objetivo declarado de aterrorizar o povo. Diante do fracasso nos seus intentos de destruir as Forças Guerrilheiras do Uruguai, os militares voltaram a atacar a sul do Pará e regiões vizinhas são impedidos de se movimentar livremente, são obrigados a receber "galões" e "condições" fornecidas pelo exército e quem não se tiver mudado de tais atitudes poderá ser preso, torturado ou morto. As profetações dessa página encontram-se sob controle de oficiais do exército e em várias Delegações de Polícia foram coloados deleções da imprensa confiantes dos militares. Nas fazendas do grande concentração de trabalhadores, grupos militares em trajas civis procuram infiltrar-se com homens da região. Alguns grupos de militares entram na esglva camuflados de "hippies" ou de fazendeiros, na tentativa de confundir-se com o povo da região.

Em outubro/74, a Rádio Tirrena divulga o "Comunicado nº 31", do Comando das Forças Guerrilheiras do Uruguai, que trata da morte em combate dos guerrilheiros José Carlos, Nunes, Serra, Ari e Alfredo. Faz na imprensa brasileira de cada um, ressaltando que a luta e Alfredo eram levantadores da fórmula regional que, após de abril/72, tinham-se tornado combatentes das Forças Guerrilheiras do Uruguai. Fala da ofensiva de 1974, das prisões de homens, mulheres e crianças. Diz que rogas são queimadas, os pelótes de crianças são tomadas e destruídos pelo exército, os

animais dos lavradores são mortos. Fala de necessidade de os guerrilheiros absterizarem suas experiências e os orienta no sentido de evitar as grevas locais antes frequentadas e camuflados, recomendando-os no sentido de terem cuidado com o ocultação e no bem uso de todos os recursos da seiva. Fala ainda no grande apoio que os guerrilheiros vem obtendo da população local, informando inclusive que uma parcela do povo da região participa como combatentes das Forças Guerrilheiras do Uruguai. Finaliza concluindo que as Forças Guerrilheiras do Uruguai já são um fato bastante conhecido, demonstrou ser inquestionável e tendo a aumentar ainda mais sua influência na luta do povo, brasileiro contra o regime fascista e pela independência nacional.

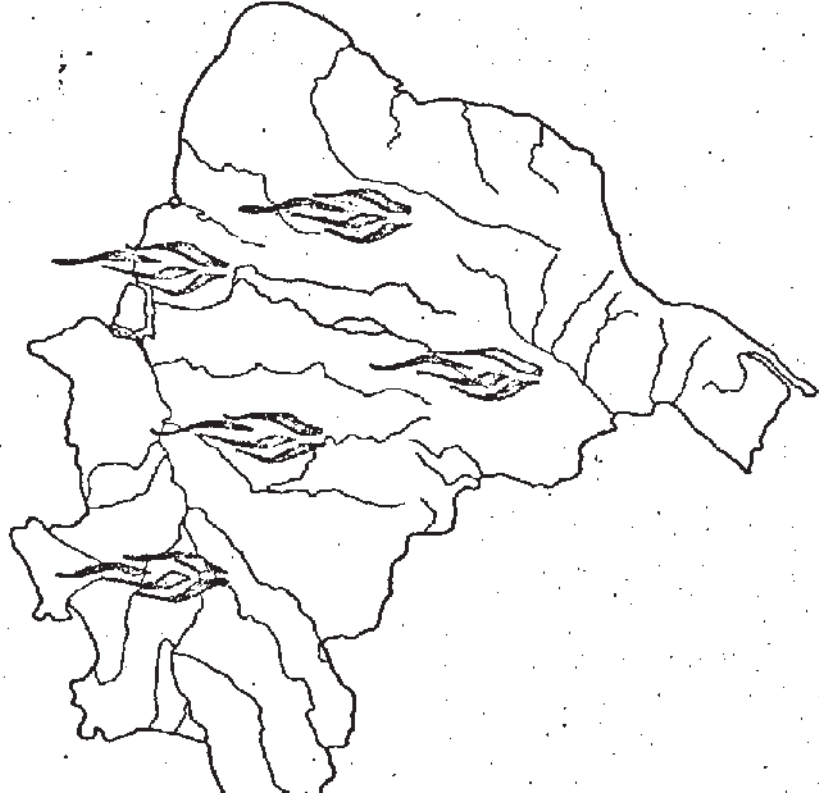
Em fins de 1974, a Rádio Tirrena divulga o Relatório Militar das Forças Guerrilheiras do Uruguai. Nela estão as linhas gerais da organização militar, os direitos e deveres dos combatentes e as condições para a adesão à força armada. Define a luta guerrilheira do Uruguai como uma luta do povo. Melas integrantes do Uruguai estiver disposto a, de armas na mão, defender o povo e lutar contra a ditadura fascista, aceitando o regulamento militar das Forças Guerrilheiras do Uruguai e sua Justiça Militar Revolucionária. O regulamento define o grupo guerrilheiro de 7 combatentes como sua unidade-base; o Destacamento Guerrilheiro, formado por 3 grupos, como principal unidade de operações e combates e o Comando Militar como a direção militar de toda a região. Este ainda está em andamento no Biro Político que estabelece a orientação política geral das Forças Guerrilheiras do Uruguai.

Por ocasião da comemoração do 30º aniversário da Libertação da Albânia, em 29/11/74, uma delegação de revolucionários brasileiros que lá compareceu fez um balanço da luta guerrilheira no Uruguai, ressaltando as vitórias das Forças Guerrilheiras do Uruguai nas 3 campanhas de cerco realizadas pelo exército, durante as quais conseguiram preservar o conjunto das suas forças. O balanço destaca também o crescimento de

Guerrilha, como a adesão de moradores da região, e firma o grande prestígio de que goza entre a população. Declara que a luta guerrilheira do araguaia é parte integrante da luta das forças democráticas e trionfantes contra o regime fascista, pelo progresso e independência nacional. Termina a entrevista com a advertência aos generais fascistas:

"Que não enganem! brevemente novos araguaia

surdirão!"



As forças revolucionárias e democráticas do Brasil vem procurando, através das mais variadas formas, divulgar a luta guerrilheira dos moradores do Araguaia. São usados jornais clandestinos, panfletos, pichamentos, declarações e conferências.

Em que pese a não divulgação na imprensa Brasileira da luta guerrilheira no Sul do Para, muitos setores da opinião pública já a conhecem, principalmente as forças revolucionárias e democráticas.

O ditador Geisel, em sua mensagem ao Congresso de 10 de março, foi obrigado a admitir a existência da luta guerrilheira em Marabá - Xambioá. É a primeira vez que o silêncio dos generais é quebrado e, nesse pronunciamento, procuram pintar os guerrilheiros como fanáticos.

Mas o povo brasileiro os estima e vê, nos que lutam de armas nas mãos, pessoas destemidas e aos que tombaram têm prestado conoventes homenagens. Durante esses três anos os combatentes sempre souberam se identificar e se vincular com os moradores da região, que lhes proporcionam apoio e participação, inclusive, como combatentes das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

Principalmente pela sua interação com a população local, a guerrilha pode sobreviver às três ofensivas do inimigo. Durante esse tempo, o Exército já empregou várias táticas, desde a concentração na caça de tropas na selva até a utilização de grupos de militares em trajos civis e disfarçados como pessoas da região. Em que pese todo o terror da repressão desencadeada e as baixas sofridas, as Forças Guerrilheiras do Araguaia souberam preservar o conjunto de suas forças vivas. Provaram a possibilidade da luta armada revolucionária, mesmo enfrentando um inimigo poderoso e bem armado e sob uma feroz ditadura fascista.

Sabendo usar todos os recursos da selva, aplicando às condições da Amazônia as leis gerais da guerra revolucionária, aplicando uma política correta e

integrando com as massas, as Forças Guerrilheiras
O Abaiguá continuará sobrelvendo e podendo crescer e se consolidar ainda mais.

A simples existência e continuidade da luta
as Forças Guerrilheiras do Araguaia significa uma
grande vitória do povo brasileiro e uma séria dor-
da da ditadura. Tem importância para a luta dos cam-
poneses da região e paulatinamente irá desempenhando
o exemplo vivo e pela crescente influência de
nas bandeiras políticas, um papel cada vez mais desta-
cado na luta do povo brasileiro contra a ditadura.

AGRAYA+SE A SITUAÇÃO NO CAMPO

Os últimos anos, no Brasil, têm marcado uma
ênfise intensificação e radicalização das lutas
camponesas. Através da simples leitura dos jornais da
imprensa censurada, pode-se constatar que os homens
o campo não mais aceleram passivamente perder suas
ossas e ver aprofundar a miséria em que de há muito
o encontram, demonstrando uma crescente disposição
e luta em defesa da terra e de seus direitos.

A luta dos posseiros é a que mais se tem desta-
ndo pela grandeza do problema e grau de radicaliza-
ao que apresenta, valendo ressaltar a revolta de Pau-
Lacerda em Mato Grosso e a resistência de Pau-
Lacerda, no Maranhão. São exemplos lutas como a do
regeste paranaense, que dá apreçenta uma relativa tra-
ção de luta camponesa, onde a massa revela certo
novo de consciência política, e as que se vêm de-
envolvendo na Amazônia, pontilhada de focos de ten-
ao social, resultando muitos deles em violentos cho-
nes armados, e que tem ocorrido em S. Domingos do Gar-
m, Paragominas e Conceição do Araguaia, no Pará, no
ordista mato-grossense e neste Maranhão, além de

todo o território do Rondônia, já intencionalmente ocu-
pado pela Frlagem e exploração mineral. Na Bahia a
existência de 400 mil posseiros constitui-se num
grande potencial de descontentamento que começa a
despertar, principalmente no extremo-sul e na regi-
o do Barreiras, a noroeste do Estado, enquanto que
em Minas Gerais conflitos vem se dando no Vale do
Jalpa. Já no Acre, as vítimas maiores da garimpeira
dos grileiros e latifundiários tem sido os sertane-
ros que vem resistindo em defesa de seus direitos, a
ponto de as autoridades terem enviado um batalhão
do Exército para reprimi-los no ano passado. Também
a utilização para trabalho semi-escravo em larga es-
cala pelos latifundiários da Amazônia e Centro-Ces-
te tem encontrado ampla resistência em que vivem
e se revoltam de armas nas mãos. O imenso potencial
revolucionário do Nordeste, que em 1970 explodiu em
grandes lutas, continua a fermentar, principalmente
com o fracasso da política oficial das agropecuária-
as e do Proterra.

Também os índios, têm revelado crescente comba-
tividade na luta em defesa de suas terras, sempre in-
vadias pelas agropecuárias, com a cobertura da FURVI
Além dos Waldaris, Atronis, Encarimadas, Bororós e
muitas outras tribos, começam-se os Xavantes pela
firmeza e grau de compreensão de seus direitos.

Tudo isso não é de estranhar. De há muito a
situação do país já demonstrava que o campo seria o
palco de grandes lutas. Sem dúvida lutas ainda mais
ros advirão, pondo em movimento o inegotável poten-
cial revolucionário que são as massas camponesas.

Esta intensificação e radicalização das lutas
camponesas não se dá por acaso. Tem causas objetivas.
Em primeiro lugar é preciso se levar em conta o fato
de que, nestes últimos 11 anos de ditadura militar,
nenhuma medida foi tomada em benefício dos campone-
ses. Ao contrário. Os generais tomam cada vez mais
latifúndio e promovido sua expansão. A "reforma agrá-
ria" no Nordeste, o Proterra e o Prodoeste, lançados
como "impactos", não passaram de balelas e nenhum re-
sultado tiveram, enquanto que a colonização da Ara-

Na por Agrovilas foi simplesmente abandonada, restando apenas a implantação de grandes projetos agrícolas.

Os latifúndios, pertencentes na sua maioria a estrangeiros, juntamente com a grilagem de terras já feita talvez a maior parte da Amazônia, além de grandes áreas do Nordeste e do Centro-Oeste. Daí vem a exclusão dos índios e posseiros de suas terras, gerando conflitos de toda sorte. Esta política, para ser feita em prática, é acompanhada da violência. De há muito a romagem vem sendo aplicada pelos senhores de terras contra os camponeses; mas, atualmente, as proporções são precedentes. Os latifundiários, apoiados de verdadeiros exércitos particulares que, em outras funções, são usados para manter o trabalho escravo. Exemplo ilustrativo foi a manifestação emprovarados da Faria-Agropecuária, em 1972, quando reunidos por ocasião da visita do ditador Médica, reservaram falxas com os discursos: "Queremos Liberdade".

Também o surgimento da Guerrilha no Sul do Paraná com que a ditadura aumentasse enormemente a pressão na região e circunvizinhanças, e de resto, toda a Amazônia. Ela temo que o exemplo do Araguaia possa ser seguido em outras regiões do país, o que faz com a violência atinja todos os rincões do interior e qualquer luta seja reprimida com o terror e a voz mais bruta. Os militares passaram a realizar com mais frequência ACOISOS, operações de anulação, usadas para perseguir o sentimento do povo e matá-lo, como aconteceu em fins de 73 na cidade de Itaipava, que foi ocupada porque guerrilheiros iam atacar-lhe. Ali as tropas do exército, cometeram a morte do desrespeito contra a população. Isso não pode deixar de provocar o aumento do descontentamento e a revolta das massas interioresanas.

Não é sem razão que surgiram há 3 anos na Amazônia as Forças Guerrilheiras do Araguaia e pouco depois a UDDP. A sua existência e fortalecimento se torna possível devido a essa situação favorável. Por

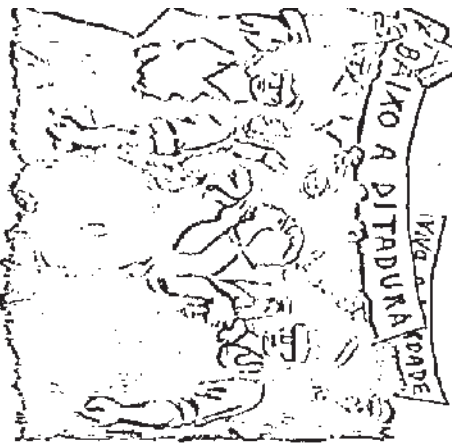
sua vez, essas novas forças vêm-se constituindo em estímulo e garantia para a luta camponesa. Há, na Amazônia, nas áreas mais próximas às Forças Guerrilheiras do Araguaia, a luta camponesa tem demonstrado um nível mais alto de radicalização, de organização e um caráter político mais nítido. Em fins de 73, líderes mil peões de Conceição do Araguaia, através do sindicato da classe, fizeram um abaixo-assinado denunciando as condições de semi-escravidão em que vivem, enquanto no rio Araguaia, próximo a Xambioá, um choque armado entre pescadores e a polícia florestal resultou na morte de um pescador e dois policiais. Já no Maranhão, a luta camponesa tomou agra-vado nos últimos meses nos municípios de Assaí, Igarapé, Imperatriz, Bacabal, Pio, Prata e Grajaú, no ponto de CONVIC e a FEMINA (Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Maranhão), ao denunciarem o assassinato de dois posseiros em Imperatriz, advertiram para o grave clima de tensão reinante na região. Dias depois, Imperatriz volta a ser noticiada quando conta de um choque armado entre posseiros e forças policiais, enquanto que, ao noticiar os episódios de Pau-ferido, o jornal "O Estado de São Paulo" referiu-se a uma Revolta ou "declaração" que circulava em muitos núcleos camponeses da região, na qual se falava em "direitos do homem" e "direito à propriedade". Outra reportagem daquele jornal publicada em março passado, revelava a gravidade da situação nos municípios de Karabá, São João do Araguaia, Jangadá, Itupiranga e "Montuvi", em decorrência da ganância e violência dos grilheiros, que contavam com a cobertura do juiz de Direito de Karabá e do IMCMA. Acrescenta que uma das reações dos camponeses, com o apoio de D. Estevão Cardoso Avelar, foi a elaboração de um relatório que contou com mais de 2.000 assinaturas. Já em Paragominas, 300 posseiros, ameaçados pelo fazendeiro Pedro Alves, responderam que até agora têm resistido pacificamente, mas que hoje que se cuida".

Certamente, muitas dessas lutas receberam a influência das Forças Guerrilheiras do Araguaia, que serviram de inspiração e garantia para os campones -

res; por outro lado, a guerrilha, como forma mais elevada da luta camponesa, é garantia de que ela não se limite às dimensões habituais e que tenha consequências políticas favoráveis à revolução. A guerrilha, no dar consequência à luta camponesa, também permite a adoção de formas elevadas de organização política como a UDDP, sem condições de ter existência nem mesmo nas atuais condições do país sem um braço armado. O elevado nível das lutas camponesas hoje no Brasil é uma indicação de que novas guerrilhas poderão surgir, na medida em que os camponeses, orientados corretamente por revolucionários, sigam o exemplo da Araguaia.

UNÍO NA LUTA CONTRA A DITADURA

Em nenhum momento de sua história o povo brasileiro enfrentou dificuldades tão grandes como as que o atormentam nos dias de hoje. Esse fato está intimamente ligado com os 11 anos de vigência da ditadura. A política dos militares é, por natureza, repressiva, antipopular e antinacional. Docéis servos dos interesses dos militares e dos interesses dos grandes latifundiários, os militares são insensíveis aos problemas do povo. Afirmam-se desinteressadamente às possibilidades de mando que usurpam e se esforçam para transformar a ditadura em um sistema permanente.



Utinamente, através do governo Geisel, vem urdindo, todo o tipo de manobra com o fito de institucionalizar a ditadura, através da

Incorporação dos atos institucionais e demais leis de exceção à Constituição outorgada pela Junta Militar em 1969. Falam em "abertura" e "descongelamento"; mas o que pretendem, na verdade, é consolidar o sistema reacionário e fascista que implantaram com o golpe de 1964. Recorrem ao sorrateiro e pressa, mas também a manobra e ao engodo como forma de sair do isolamento e ampliar sua base política.

Coloca-se na ordem do dia para todos os patriotas, democratas e revolucionários a tarefa de desmascarar essas manobras e intensificar a luta contra a ditadura. A derubada desse regime — e aquilo de que o povo brasileiro mais necessita — seu aperfeiçoamento e institucionalização é grave ameaça ao futuro do Brasil e aos interesses populares.

Os fatos vêm mostrando que este política está fundada no melagro. Agrava-se a situação econômica do país, que se debate numa crise sem precedentes. As eleições de 15 de novembro, pelo grande número de votos de protesto, revelaram de modo irrefutável o descontentamento das massas em relação à política ditatorial. Particularmente nos últimos meses, a intensificação das lutas populares, assinando as mais diversas formas, vem impondo dentro da política do governo, pronunciando ações de massas e vitórias. Destacam-se as manifestações em defesa dos direitos humanos, contra as leis de exceção e pela anistia geral. Portanto vêm desempenhando setores da Igreja, o movimento estudantil, os presos políticos, a intelectualidade e alguns parlamentares. Do ponto de vista internacional, o sistema capitalista vê-se metido em uma aguda crise econômica, política e militar e o movimento revolucionário vem alcançando grandes vitórias.

Tem particular significado a intensificação das lutas da classe operária e das massas camponesas pelos seus direitos e reivindicações específicas. Nos últimos anos, vem-se multiplicando as greves e outras manifestações da classe operária por

aumento de salários, por melhores condições de trabalho e liberdade sindical e pelo direito de greve. As lutas contra o aumento do custo de vida, a escassez de gêneros alimentícios e pela melhoria dos transportes coletivos têm sido uma constante nas principais cidades brasileiras, atingindo, em alguns casos, um elevado nível de radicalização. No campo, já vimos que toda a luta da massa camponesa pela terra e enérgica de seus direitos. Pelo seu potencial revolucionário, a classe operária e as massas camponesas desempenham um papel decisivo na luta pela derrubada da ditadura.

Ganha corpo a idéia da união de forças contra a ditadura, da estruturação de uma ampla frente única anti-fascista.

Faca n esses acontecimentos, vem-se revelando a estreteza do campo de manobra da ditadura e a inviabilidade da sua política. O movimento de solidariedade dos familiares dos "desaparecidos", por si só, já mostrou que o governo é incapaz de saber fazer as acções demagógicas e utilizá-las em função de sua política de manobra. Sua arma principal continuará sendo a repressão violenta, as torturas e assassinatos de patriotas.

Impõem-se, nessas circunstâncias, a unidade de todas as forças democráticas e patrióticas, de todos os revolucionários, na grandiosa tarefa de por abaixo a ditadura. A falta dessa unidade tem sido uma das principais causas da sobrevivência do regime fascista. O grande descontentamento que atinge vários setores da sociedade brasileira precisa ser canalizado e assumir formas organizadas. As Forças Guerrilheiras do Araguaia e a União pela Liberdade e os Direitos do Povo são partes integrantes da frente única, sua expressão mais elevada atualmente. Sua sobrevivência e fortalecimento representam um passo importante no sentido de uma ampla união de forças capaz de por fim à ditadura. Dão grande contribuição ao esforço de desmascaramento da demagogia do governo Getulio e são um cha-

manento e um estímulo à unidade e à luta.

O êxito da luta armada no interior depende em grande parte, do apoio e da solidariedade de grandes setores. Os lutadores do campo enfrentam todo tipo de dificuldades e passam por grandes frrimentos. Apoiá-los sem reservas e por todos os meios e divulgar a sua luta por toda parte, são valores de todos os verdadeiros democratas, patriotas e revolucionários.

Viva as Forças Guerrilheiras do Araguaia!
Viva a Luta Armada!
Viva a Revolução Brasileira!

④ MARIA: Propõe na próxima reunião do CC outros camaradas apresentarem relatório preferencialmente sobre suas experiências.

DIAS: Não ficar restrito às experiências do Araguaia às experiências de luta do povo é muito limitada - manter o aspecto mata e massa - havia mais simpatia do que apoio.

Necessidade trabalho massa e segurança - conversar sem levantar posseiros - A fase não criar condições para o desenvolvimento vitorioso -

Formação errônea - começar com ata de repercussão. Quais as condições mais gerais do país para a luta armada ter êxito e vencer.

A derrota está relacionada às questões mais gerais. Quando começou a luta armada no Viet Nam período descanso. Para se unir condições é necessário 1ª e 2ª etapa área.

MOISÉS: plano para manter a bandeira da luta armada - honra ser o partido da luta armada - preparação e implantação - confiança na direção. ERROS - o papel dos dirigentes não foi correto - todos estavam lá na luta - concentração rigorosa - regras - antes e depois.

- primeiro o trabalho político e depois militar pode levar a substituição do problema militar

- implantar o pessoal, etc

- A maior parte do pessoal do Araguaia foi de maio 68.

MONTEIRO: até agora temos dado mais acento avaliação - não precipite a conclusão - mas aprofundar - temos que criar ou recrutar do povo como surgira?

Vai se formar no interior - Vai surgir como pequenas guerrilhas - tarefa difícil - viveres parciais serão inevitáveis.

CONCLUSÃO

- 1º) Quanto a ^{avaliação} evolução

Dar opinião - 1º RAUL, MARIA, MELO, - 2 - EVARISTO - SAMPAIO - 7

- 2º Fase - O1 - DIAS - ZA - SERGIO - H⁴

- 3º MARIA - VALDIR - 2 - Faltou MANOEL

Quanto a preparação

Sobre a pergunta - 2 fases

A favor - sim 2 - MARIA - DIAS - com restrição

RAUL - MELO - EVARISTO - nuance - Z ANT com restrições

Contra - OLIVEIRA - ainda não apresentou proposta concreta

LUCAS - influenciado pelo foquismo

MÁRIO -

② Como compunha o foco?

Nosso Partido fez nos dar motivo ao foco.

Também criticamos as posições de direita no combate ao foco

O surgimento de trabalho no Brasil - será - foco sem aspas, foco com aspa - foi inventado pelo FIDEL e GUEVARA

Ex - "foco" - CHE - na Bolívia - Não fizeram trabalho massa - pelo socialismo - a coluna 150 h - o P. atrabalha - as ações militares é o fundamental para eles.

Os guerrilheiros do Araguaia não eram instruídos à região - Bandeira política ULDP - grupos guerrilheiros de 7 - Destacamento 23 - força dirigente o P.

Erros e falhas dentro de uma concepção de guerra popular.

Opinião técnica - tarefa do destacamento é dar as massas orientação militar - com base para luta do povo....

Preparação depende da situação política do país - muitas opiniões são idealistas

- exemplo: Tocantins duas (2) irmãs (2) da ALN - Padre ALIPIO - Imperatriz -

Outra causa é servir ao povo com objetivo político é tarefa - específica a guerrilheiro popular - E tarefa especial - envolver meses de trabalho - é centralizado

- a guerrilha não é a mesma - é um tipo especial de luta - Admite dois caminhos na preparação - "GONÇALO" - porque depois de ter o mínimo de preparação não se partiu para o movimento de massas - implantar o trabalho com pequenos núcleos guerrilheiros - recrutar quadros tirar plano e condições de evacuar começar se necessário.

Em áreas secundárias - pode-se ter algum trabalho militar. Nas cidades organizar alguns grupos propondo - Agora? Quando?

As condições gerais para resolver são melhoradas com a deflagração da luta.

OLIVEIRA - Não não se situa na la faixa

Sobre erros - Principal - causa - qual?

- Sofremos influência foquista, o trabalho político e militar deve ser passo a passo.

- Não seria certo seguir os dois caminhos na preparação - não está em jogo o caminho da guerrilha popular e sim a tática. Vinhamos fazendo assim.

LUCAS: Não concorda seguir em duas linhas.

A tática Araguaia era uma - A 2 - 9 - 10 era outra

- Comandos devem ter iniciativas, flexibilidade etc - concordo com as fases, mais deve ser estruturado P. e formados - inclusive na periferia.

- A 2a fase já devemos ter estrutura militar e P.

- Opiniões sobre ex-militantes - Nas áreas não prioritárias - pode enviar grupos armados. Não vejo com espírito de disputa - Na 10 relacionamos 40 elementos

OLIVEIRA a causa da derrota foi que os comunistas se chocaram direto com a reação as massas não participaram

③ ZA - Não ficar na dança do índio

As lições na comuna foram tiradas rapidamente

A direção tem condições de tirar conclusões

Admite os dois caminhos como última opção

Se não se atingir a unidade, prevalece a opinião da maioria

Buscar unidade nos pontos básicos - num conjunto de frentes - progressivamente - as outras frentes vão se esclarecendo - Está em pauta a viagem dos 3 camaradas.

- A sistemática pegou as frentes fundamentais - Alguns retoques

Posição do EVA - sobre a subestimação da massa - Surge lutas locais de massa

Sobre Valdir - Posição favorável ao significado

VALDIR sobre as áreas - favorável - As áreas favoráveis ter flexibilidade.

Sobre EVA - Se a discussão brotou de lutas locais - o referencial principal não deverá começar movimento de massas.

Sobre a la alternativa não está bem posta

O P. como tal foi subestimado na luta armada

Não havia hipertrofia da CM

Acordo sobre os preparativos a la luta e 2a, valor e avaliação

Acordo sobre avaliação mínimo sobre o Araguaia

Tomar a ofensiva sobre a preparação do Araguaia

Acordo sobre os preparativos

Elabora - plano estratégico

No Araguaia não havia

Acordo - A CM assumiu a função de CM Nacional e não comando operacional de 2 ou 3 anos.

Acordo sobre as 3 - 4 áreas especiais

Pontos do acordo - acontecimentos políticos importante - a situação atual do Araguaia - que ele foi derrotado - nem Expresso - que acabou sobre o Maurício.

Sobre base apoio (pol) secreta e não luta armada secreta ou guerrilha popular secreta

Monteiro - Sobre as questões de nuances - divergências de fundo são discutidas em forma de tendência - podem chegar a se tornar conciliáveis.

A guerrilha transcende o Araguaia

O que é o documento guerra popular - é o plano estratégico na

Acaba se estratificando em tendência

Se nega se afirmar - se nega ou não - que não depende de nós a luta armada - depende do desenvolvimento do movimento de massas.

Se nega que é o mesmo processo - trabalho a cargo do Partido não a preparação da luta armada

Eu substituíva a mata

Concorda - preparação e avaliação

O Partido fazer um documento não como Araguaia nosso

Sobre as 2 alternativas

Mário - Enquanto existir um, a guerrilha continua - Não dizemos nada sobre o Araguaia - Porque não querem confessar a derrota - Sofremos derrota sem ganhar as massas - a concepção é focista, milit - Foi um plano particular.

Não quero ganhar ninguém após - esconder fatos

Que problema se coloca contra nós.

DIAS

Deixar claros as opiniões

Se foi derrota temporária ou derrota - ler

Porque não se desceu ao Partido

Avaliação mínima e proposição mínima

Coloquei o Partido lá embaixo.

1º - Dente ovalado -
 2º - Dente - 1º - Paul,
 Maria, Melo - 2 - Escrito -
 Sergio - 7
 2º fase - ol. - Dis - ZA -
 Sergio - 4
 3º - Maria, Veldir - 2
 Faltou manual.

Quanto a preparação -
 De S. L. a proposta - 2 fases -
 A favor - Sem 2 - Maria -
 Dis, Dias com restrições - Ronda
 Melo - Escrito - reuniões -
~~2º~~ - 2º Ant. com restrições
 Ponta - Oliver - anida
 não somente propostas concretas -
 Lacer - influenciando pelo grupo -
 Veldir -
 Sergio - não está claro -

Sergio

Maria
 sugere
 Proposta próxima a. e. C. C. ^{inter}
 outras e apresentamos relatório
 preferível sobre suas experiências -
 (Dias) não ficou satisfeito de experiências
 de engenharia - sup. lista para
 e' muito limitada -
 Manter o objecto neste e manter -
 # Haver mais importância de que oporia
 variedade de trabalho e organização
 # Começar no levantamento posterior
 # A no processo em condições p/ o
 desenvolvimento anterior
 # Fomentar a mesma concepção com
 o ato de organização
 # Quais as condições mais gerais de parti
 para a 1ª e 2ª etapas, vencer
 # A dentro esta relação - quanto
 mais gerais
 # Quando iniciar a 1ª e 2ª V. H. a
 período de duração -
 # Para se criar condições e' necessário
 1ª e 2ª etapas e

Maria Plano P, manter o plano de la
 Hora no o 1º da lista a -
 - preparação e implantação - confiança
 na direção - mas
 - o papel dos dirigentes - não foi concreto
 todos estavam lá - no 1º lista -
 concentrações rigorosas, rigor, critério e disciplina
 - primária e 2ª fase - depois de 1ª etapa
 qual levar a resultados práticos
 - implantação o pessoal, etc -
 - a nível de gestão de pessoal de 1º
 de um 68 ->

Maria até agora temos dados mais
 de acordo com o relatório - não proposta
 a inclusão - mas aprofundar -
 - temos que entrar no assunto de grupo -
 com segurança? ou se formar instituições
 ou grupos -
 tarefa difícil - vários pontos de
 incertezas -

2

com a ajuda de a faca? como P.
foi em duas partes a faca - a tela
entonces as posições de direita na
combate ao fogo -

o seguinte é... Burt...
- faca em aspas - faca com
aspas for... jolo Fred. quem.

Ex "faca" - Ela no Belina -
mas figura tal...
pl... a coluna 150 lbs.
o P. otorga... as regras militares de o

fac...
- os q...
NEDP - grupo... 23 -
prop... P

Enos...
de q...
prime... - a tarefa de...
dos...
com...
prop...
muito...
E. tecnica 2... de ALM -

P...
- esta...
objetivo...
E...
E...
uma...
lata -

admito 2...
G...
m...
p...
M...
m...
P...
c...
E...
alg...
N...
A...?

admito 2...
G...
m...
p...
M...
m...
P...
c...
E...
alg...
N...
A...?

admito 2...
G...
m...
p...
M...
m...
P...
c...
E...
alg...
N...
A...?

admito 2...
G...
m...
p...
M...
m...
P...
c...
E...
alg...
N...
A...?

admito 2...
G...
m...
p...
M...
m...
P...
c...
E...
alg...
N...
A...?

admito 2...
G...
m...
p...
M...
m...
P...
c...
E...
alg...
N...
A...?

Olivera - Não se...
S... principal -

C... - qual? -

S...
O...
p... -

Não...
c...
N... -

Não...
M...
as... -

A...
A 2-9-10 -

comando...
f... -

Concorda...
mas...
A 2: for -

estrutura...
m...
m...
N...
Na 10... 40...

N...
p...
N...
Na 10... 40...

Olivera
O...
c...
c...
p...

H...
D...
a... -

H...
D...
a... -

As duas opções são dadas de antemão -
Os bens na Comunhão são tratados separadamente -
A lei não tem condições de tirar estes conclusões
Admite os 2 caminhos como última opção -
Se não se atingir a unidade jurídica a opinião
da maioria -

Breves unidades nos pontos básicos e uma
conjunto de pontos - progressivamente
os outros pontos vão se esclarecendo -
Este é o ponto a seguir do 3º c.

A interpretação segue os p. fundamentais
Alguns artigos -
Posição de L. e -
Sobre a substituição de nome - porque
surge o d. de bens de nome - na época
de prop. a -

Sobre V. de - Posição favorável ao
significat -
V. de - Posição favorável
ou anos favoráveis - ter flexibilidade

Sobre a favorável -
Sobre o E. e -
Se a discussão tratar de bens locais -
O referencial principal deve ser
conceito novo de nome -

Sobre a 1ª alternativa não está bem posta -
[O p. com tel. fa. subst. no la

Mais haveria hipotese de CM -
- acordo

Acordo sobre o preparat. - 1.º e 2.º
2º sobre a anulação

Acordo sobre anulação mesmo sobre o Ar.
Tomar a opinião sobre a prop. de Arag.

Acordo sobre o preparat. -
Eletor - plano estratégico -
No Arag. mais há -

Acordo - a CM comum a função de CM
Mecânica e não comente operacional
de 2 ou 3 anos

Acordo sobre os 3-4 anos seguintes -
Ponto acord. - acord. pol. importante
de nível atual de Arag.

[que ele foi discutido
na época e firma por realce
Sobre o momento -
Sobre a opção (pol) recruta e não l.a recruta
ou g.p. recruta

Sobre a opção (pol) recruta e não l.a recruta
ou g.p. recruta

critérios Sobre os pontos de nuances -
divergências de fundo são discutidas -
forma de trabalho - poder de ligação a se
Tomar invariáveis -
O p. transcedente a Arag. -
O p. de doc. g.p. - é o plano estratégico
na realidade retraição de outro plano etc. -

depende de uma norma 00278

Se surgir que é o mesmo processo
Trabalho cargo de P. não a preparação

Em substituição a meta

Acordo - preparação e anulação

OP para um doc. não com Arag. novo -
Sobre os 2 alternativos -
Exposições escritas - a g. continua

Momento Não dizemos nada sobre o Arag. -

Sobre [Porque não fazemos conferência a direito
Sejam direitos reais e bens, os mesmos
a comissão e depois, mais

Foi um plano particular -

Mais não quero ganhar ninguém
especial - exceder fatos

Que problema se coloca entre nos
Dias

Deixem clara as opiniões -

Se foi dentro temporária ou definitiva - ler

Porque não se discute com P -
Avaliação mínima e preparação mínima

Bolognese o P. de embudo

- REUNIÃO DO CC/PC do B EM 14 DEZ 1976 -

Participantes:

"MÁRIO"..... PEDRO VENTURA DE ARAUJO POMAR
"JORGE" ÂNGELO ARROIO
"ZÉ ANTÔNIO" HAROLDO RODRIGUES DE LIMA
"DIAS" ALDO DA SILVA ARANTES
"OLIVEIRA"..... MANOEL JOVER TELLES
"MARIA" ELSA DE LIMA MONERAT
"VALTER"..... WLADIMIR VENTURA TORRES POMAR
"EVARISTO" JOÃO BATISTA FRANCO DRUMOND
"MANOEL" RAMIRO DE DEUS BONIFÁCIO

1ª Parte - Situação Política

- MÁRIO:

No período de agosto a dezembro verificaram-se importantes acontecimentos: morte de MAO e ascensão de HUA KUO FENG na CHINA, e a realização do Congresso do Partido do Trabalho da ALBÂNIA. Para onde vai a CHINA? Ela nos apoiou, politicamente, em 1961, mas, e hoje? É uma incógnita a posição dos chineses. Daí a ênfase que EMVER dá, em seu informe, às questões em divergência com os chineses. Estes dizem que a maior ameaça são os soviéticos. Os albaneses dizem que são as duas potências: URSS e EEUU, e que não é justo apoiar-se numa para combater a outra. Os albaneses não concordam com os chineses, os quais dividem em 1º, 2º e 3º Mundos, os Mundos de hoje. Não concordam com a política externa dos chineses, em relação à ÁFRICA, AMÉRICA LATINA, os EEUU, o Leste Europeu, etc., embora concordem numa série de outras questões. O problema internacional tem importância para nós. Nosso Partido está na linha do EMVER HODJA. Hoje, o Polo Sul oferece perigo de guerra. A ditadura faz trabalho de desinformação a este respeito, mas a preparação, também no BRASIL, é para a guerra. Componente dessa preparação é o Acordo Atômico com a ALEMANHA. Nós denunciemos esse Acordo. Os EEUU pressionam para liquidar esse Acordo, mas, no fundo, os EEUU estão por trás dele. O "pragmatismo acumênico" é conversa fiada, o que se verifica é a subordinação total da ditadura aos Estados Unidos. A ditadura fez jogo duplo / com os árabes, que é jogo americano. O Gen GEISEL quer é institucionalizar a ditadura e seu sistema. Agora, é o BRASIL, o centro da divergência à sucessão presidencial e estadual. O fundo é a contradição entre o povo e o sistema. A tática de GEISEL é levantar o espantinho da "direita", dizendo: "me ajudem, sou o mal menor". É a tática para alcançar a institucionalização.

A tática de MÉDICE e seu grupo é atacar GEISEL e culpá-lo pelo fracasso do "milagre". MÉDICE começou a aparecer e a destacar-se em toda parte. / Com a saída do EDUARDO, GEISEL queria disciplinar a repressão. A meta do MDB é a de baixar a guarda e passar à defensiva. O MDB aceita o concenso. Mas o povo quer a liberdade: ver o que sucedeu nos entros de JK e de JANGO; Os camponeses intensificam suas lutas. Começam as manifestações de massa contra a carestia, em SÃO PAULO: onde existe "Manifestação das Mães contra a carestia". As eleições tem importância: a ditadura não pode fugir as eleições. Também não pode livrar-se do Parlamento, nem dos políticos, mas restringiu tudo, inclusive o número de componentes do poder Legislativo. A eleição é farsa, mas o sentimento do povo é acreditar nelas como meio de mudanças melhores. Em 40% dos Municípios o MDB não participou das eleições. O MDB cresceu. Em 1972 conquistou 400 Prefeitos, em 1976 conquistou 800. A fraude existiu.

"reformas" que vem, agora ? Qual é seu tipo ? Os cortes de despesa, e exigências do capital estrangeiro. Já aumentaram: gasolina, feijão, pão, etc. Aumentam as taxas do desemprego e cresce a marginalidade. A linha de GEISEL levará ao aumento da inflação. E elevada exige Polícia forte e adestrada. Vão mudar as regras do jogo eleitoral. A falada "Reforma da Justiça" é para levá-la a aplicar o AI-5. A contradição entre a Igreja e o Estado está próximo da ruptura. O povo não vai deixar enganar-se, pois a Ditadura não pode resolver seus problemas. O povo não pode ter ilusões nos generais. É preciso reafirmar nossas posições: só a saída revolucionária poderá resolver a difícil situação porque atravessa o BRASIL. A tarefa central é desmascaramento da manobra de GEISEL, visando institucionalizar a ditadura. É preciso mobilizar as massas por suas reivindicações mais sentidas. É preciso concentrar nosso trabalho no campo, onde ferve o movimento camponês: Perdidos, etc. Deve-se aplicar uma política de unidade de ação e frente única, com as três bandeiras / do Partido: 1) Assembléia Constituinte; 2) Anistia; 3) Abolição das leis repressivas da ditadura. Deve-se continuar a propaganda pela derrubada da Ditadura, pois enquanto esta não for derrubada não haverá anistia, nem liberdade, nem solução dos problemas do povo, etc. As mesmo tempo é preciso acelerar a preparação do LUAR. Além disso, é preciso reforçar o Partido e aumentar a vigilância. Deve-se organizar plano de trabalho para 1977. A Revolução está avançando e temos um papel a cumprir.

- ZÉ ANTÔNIO:

Estou de acordo com a abertura do debate feita por MÁRIO. Minha intervenção é complementar. trata-se apenas do problema eleitoral. Foi difícil juntar o P. para a orientação eleitoral da C. Ext. As bases achavam difícil aplicar tal orientação. Já que todos os candidatos eram ruins. Havia dificuldade de se encontrar o caminho de ação prática. Finalmente conseguiu-se encontrar vereador para aplicar a linha. Participamos em CONTAGEM, onde passamos a ajudar / candidatos até a redigir seus materiais. O mesmo em JUIZ DE FORA, BAHIA, BELO HORIZONTE e SÃO PAULO. A experiência mais positiva foi em SÃO PAULO. Num bairro não havia candidato. Sete ou oito pessoas resolveram elaborar um programa e lançar um candidato: BENEDITO CINTRA. A campanha desse candidato foi boicotada pela Direção do MDB, mas teve grande receptividade entre o povo do bairro, que aceitou seu programa verdadeiramente de oposição à ditadura. Em torno a esse candidato conseguiu-se mobilizar para o trabalho mais de 400 pessoas, que desenvolveram suas atividades sem nada cobrar em termos monetários. Foram distribuídos 250.000 Programas, que haviam sido impressos na aparelhagem gráfica da "Imprensa menor". Essa foi a experiência mais positiva em SÃO PAULO. Esse candidato obteve 32.000 votos e tornou-se o primeiro suplente, com perspectivas de ser empossado. Agora, a base do trabalho eleitoral feito, criaram-se condições favoráveis para o desenvolvimento no futuro da ação do Partido nesse bairro.

- VALTER:

Foi um período cheio de importantes acontecimentos políticos. Tanto as situações nacionais como a internacional são complexas. A guerra é inevitável e aqui no BRASIL também cairão foguetes. A campanha eleitoral abriu caminho / para novas atividades do Partido: formar, em torno dos candidatos eleitor, grupos de assessoria parlamentar, que podem abrir caminho para a organização de grupos de pressão entre as massas. É preciso exigir eleições diretas desde já para 1978. O problema da terra está vindo para o primeiro plano, e a Igreja / comprou a briga dos camponeses, com palavras de ordem de reforma agrária, etc. Hoje, um dos problemas em debate no meio da intelectualidade é o agrário.

É preciso discutir no Partido o problema do campo. É preciso participar do debate teórico em torno do problema agrário. Porque não escrever a experiência de FORMOSO ? Em VILA RONDON e SÃO GERALDO os acontecimentos demonstram que os camponeses querem lutar.

- EVARISTO :

O sistema capitalista está em crise geral. Agravam-se as contradições / entre as duas grandes potências e a contradição entre elas e o resto do Mundo. Os EEUU estão perdendo posições. A situação é favorável. Na Segunda Guerra Mundial verificou-se a redistribuição do Mundo. Agora o Mundo caminha para a guerra. A situação é boa, já que as forças revolucionárias têm mais possibilidades. Há inquietação com o que sucede na CHINA. Falta informações.

A ditadura vai esgotando sua área de manobra. Ainda pode passar as grandes empresas estatais para o capital estrangeiro, mas, e depois ? Com a política atual a crise vai-se agravar. No BRASIL a terra já está ocupada, e o capitalismo precisa de operários, etc. As divergências dentro do sistema vão crescer. Verificou-se uma redução na obstrução eleitoral, o que revela ter o eleitor alguma esperança nesse método. O governo concentrou verbas em inaugurações por toda a parte. Usou a tática de total liberdade para o governo e nenhuma liberdade para a oposição. Em "ANÁPOLIS" a Arena-2 ganhou. Os setores / mais radicais do MDB contiveram-se e reduziram-se nestas eleições. Na Direção do Partido é preciso indicar responsáveis pelas diversas frentes: trabalho / camponês, cultural, operário, estudantil, etc.

- MANOEL:

Sobre a situação internacional nada tenho a acrescentar ao que disse o informante. O capitalismo está numa degenerência terrível. As saídas são em cima do povo. GEISEL está sob dois fogos: pressão do povo e pressão da direita. Em alguns municípios, na BAHIA, a ARENA que venceu era contra o governo. O importante é ter em conta o desdobramento disso (das eleições), do contrário a eleição não teria sentido.

A "grilagem" hoje é feita por gente que vem do Sul. De um lado há a briga dos posseiros que não querem sair de suas terras, e do outro lado, existe o "empurramento" para as cidades. Hoje no Nordeste, já existe o "BÓIA FRIA".

- JORGE:

Estou de acordo com o informante. Mas discordo de que os EEUU estejam por trás do Acôrdio Atômico entre o BRASIL e a ALEMANHA. Da questão de guerra é preciso definir. Há divergências.

Sem ligação com as massas não teremos êxito. É preciso dar continuidade ao trabalho eleitoral.

Houve renovação: muito candidato novo (jovem). E alguns foram eleitos. GEISEL perdeu nos grandes centros operários e inclusive militares, como RESENDE. As instalações no campo estão se aguçando. Muitas lutas no interior. Os jornais só dão 20% das lutas. Nos últimos 3 ou 4 meses, mais de 300 camponeses foram presos nos diversos lugares. Isso revela a potencialidade do campo. E o centro dessa luta tem sido a posse de terra e contra arbitrariedades policiais. Teve enorme repercussão a morte do Padre em DIAMANTINA. A massa camponesa começa a lutar de modo mais organizado: emboscada de PERDIDOS é um exemplo. A luta não é só contra o "grilheiro" e o "jagunço", mas também contra a Polícia.

Em ÁGUA BRANCA os posseiros prenderam 4 (quatro) policiais. A massa está organizando a auto-defesa. Os camponeses já estão tendo advogados em alguns lugares. No PARÁ e no MARANHÃO já não existe terra livre, sem proprietários com documentos.

- DIAS:

A "nebulosa" é no plano subjetivo. A questão entrave é o revisionismo, que é o inimigo principal. Ao lado disso, existe o social - democratismo. Os soviéticos jogam com o revisionismo e os EEUU jogam com o social reformismo.

Só o desmascaramento do revisionismo do ponto de vista ideológico, pode representar a alternativa revolucionária. É certo que juntamente com a luta anti-imperialista, cada povo precisa lutar ante a reação interna. Não se pode dizer que a guerra seja inevitável. No BRASIL também, a situação objetiva é favorável e a situação subjetiva desfavorável.

É preciso realizar debates particularizados sobre: campo; operário; estudante; etc. É preciso canhotar o sectarismo.

- MÁRIO:

Não há grandes discordâncias neste ponto. O que ENVER coloca é que há frente querendo apoiar-se num imperialismo para combater o outro. E isso é errado.

É preciso sair das discussões gerais para ingressar no debate concreto. É preciso valorizar cada passo concreto, por pequeno que ele seja.

SEGUNDA PARTE

- ZÉ ANTÔNIO:

Informou a liberdade do OZÉAS. Que este é, hoje, assessor da Seção Internacional do jornal "MOVIMENTO"; cuida do trabalho entre parte do clero em SÃO PAULO, tendo falado até com o Cardeal, está ligado a "COMISSÃO PELA ANISTIA", ao ZERBINI e ainda aos contactos com os presos políticos. Que na prisão seu comportamento, tendo alguns senões, foi no essencial bom. O mesmo sucedendo com RIBEIRO. Este deseja ir para o campo. Sobre a prisão e comportamento de VERGATTI, ZÉ MARIA e ROBERTO, tiveram comportamento de "traidores" na Polícia. Que FRUTUOSO, preso no RIO, também tivera 7 falhas em seu comportamento na Polícia, mas não teria entregue o essencial. Que ZÉ DUARTE estava bastante doente na prisão, onde tivera e continuava a ter um comportamento "exemplar".

A ideologia comunista teria vencido, no caso de ZÉ DUARTE, mas que, em diferentes graus, mais ou menos graves, teria sido acanhada com outras causas. Daí a necessidade de se fortalecer o nível ideológico do Partido. (O relatório de OZÉAS ao Partido estava a disposição de quem quisesse ler). Propôs a expulsão de VERGATTI, ZÉ MARIA e ROBERTO. Aguardar que surjam novos dados sobre o caso FRUTUOSO difundiu, um folheto, a experiência da "Posição firme" de ZÉ DUARTE, como "exemplo" do comportamento comunista na Polícia.

TERCEIRA PARTE

DOCUMENTO DA C Ex SÔBRE O ARAGUAIA

- JORGE:

Versarei sobre o documento que foi publicado pela "Classe Operária". É a primeira manifestação pública do Partido sobre o assunto. Não é um documento conclusivo. O debate continuará. O objetivo do documento é dar certa satisfação ao Partido e ao povo. Visa, também, capitalizar. É um documento limitado. E há divergências em torno dele. Aqui deve-se opinar sobre o documento. Hoje, até outros setores são obrigados a falar no ARAGUAIA. Do ponto de vista político, o ARAGUAIA continua na ordem-do-dia. É preciso destacar sempre esse acontecimento.

- 1 - Apreciação da situação da "Área": posseiros desalojados por "grilheiros" e luta entre eles. A luta no ARAGUAIA teve início a 12 de abril de 1972. O pretexto foi o "combate à subversão". Diante do ataque, os moradores mais resolutos resolveram revidar à violência.
- 2 - Apreciação da duração da luta: As três campanhas. A tática do Exército. O caráter da luta. Ela adquiriu um caráter nacional.
- 3 - Significado político da luta. Comprovou a viabilidade da guerra Popular, / com poucos recursos e muitos erros cometidos, ainda assim, a guerrilha conseguiu resistir durante dois anos e atrair muita tropa do governo. A "GUERRILHA" do ARAGUAIA levou a "idéia da revolução" para o campo: na "Área" e na periferia. Que os camponeses começaram a compreender o que é a Ditadura, Imperialismo, etc. O fato de ter-se verificado na região econômica, tem importância. Também deve-se dizer que não obstante o governo dizia que liquidou a "guerrilha", a repercussão desta continua.
- 4 - O documento procura dizer algo sobre o porque o ARAGUAIA foi derrotado. Diz das causas da derrota, etc. Para que se pudesse chegar ao documento, todos fizeram concessões, mas cada um mantém suas opiniões individuais. Após dois anos de resistência a "guerrilha" retrocedeu e se dispersou. A própria "Reação" acha que existe remanescentes. E pode existir um ou outro elemento.
Entre as causas da derrota:
 - a) Área pouco extensa;
 - b) Não criou sólida base política de massas;
 - c) Pouco apoio logístico;
 - d) Falta de sólida retaguarda.O documento apresenta essas causas, mas existem outras. Que o EXÉRCITO continua mantendo tropas em MARABÁ e em outros lugares da "ÁREA". Havia 69 pessoas no grupamento armado: que na primeira campanha verificaram-se 4 mortes, 5 prisões. Na segunda campanha: 8 mortes e 1 prisão. Na terceira campanha: 12 mortes. Isso até 25 de dezembro de 1975, quando deu-se um ataque de maior envergadura contra o grupamento "guerrilheiro".
"A guerrilha pode ter acabado, mas pode haver remanescentes".
- 5 - A experiência do ARAGUAIA revelou que apoiado nas massas, é possível / vencer. Que é preciso organizar mais de uma frente de luta. Que os lugares próximos devem ajudar a "ÁREA", mais na periferia do ARAGUAIA não havia partido organizado.

6 - O documento trata da participação do Partido no ARAGUAIA, etc. Destaca nomes, etc. O documento foi publicado quando muita gente começa a falar no ARAGUAIA. O ARAGUAIA surge em toda parte. Exemplos: LINCOLN (pintor), pintou um quadro "O pintor da Liberdade", no qual pode-se ler : - "Viva a guerrilha do Araguaia !". Julgado e premiado o quadro, o júri e o pintor foram apertados pela Polícia. CÉLIO BORJA também falou na luta do Araguaia (entrevista na "VEJA"). Também o Brigadeiro BURNIER (quando bomba explodiu na sua fábrica), falou na "guerrilha" do MARABÁ. O Comandante da 10a Região Militar fez a análise do ARAGUAIA (O Estado de São Paulo). Também a "Folha de São Paulo" publicou o artigo "A Igreja e os extremos" no qual se fala na "guerrilha" do Sul do PARÁ. Os governos vem falando na existência de guerrilha no PARÁ há alguns anos. Disse o governo que os membros da Igreja substituem os comunistas a frente dos camponeses.

Que as lutas camponesas se dão, hoje, na "área" onde a "guerrilha" atuou, e que o governo não pode esconder isso. O governo preocupa-se com a idéia de que as lutas de hoje sofram a influência da "guerrilha", e de que haja remanescentes do antigo grupamento de "guerrilheiros". Essas lutas atuais são as seguintes:

- 1) - Em ÁGUA BRANCA, quatro soldados foram presos pelos camponeses.
- 2) - Em VILA RONDON: morte de 3 (três) norteamericanos.
- 3) - Em SÃO GERALDO: morte de 3 (três) policiais. Todos esses lugares são vizinhos à antiga "guerrilha" e estão desta sofrendo influência que ficou. Que a idéia da luta armada está crescendo no campo. Que os camponeses não têm outro caminho para conseguir a terra. A repercussão é clara: as lutas atuais se dão próximo à "Área" antiga. Essas lutas estão aprofundando as contradições entre o governo e a Igreja. A luta dos camponeses, agora, tem sido melhor organizada. A violência do Exército o isola com relação aos camponeses. É preciso dar atenção aos Sindicatos rurais. A situação do grupamento guerrilheiro era a seguinte:

- 1 - DEST "A": começou a luta com 22 militantes. Na terceira campanha estava com 23.
- 2 - DEST "B": começou com 21 militantes. No início da terceira campanha estava com 12.
- 3 - DEST "C": começou com 20 militantes. No início da terceira campanha tinha só 14.

O Comando Militar no Araguaia começou com 6, depois 8, e no início da terceira campanha tinha 8.

ZÉ ANTÔNIO:

Estamos assistindo o início da repercussão da ARAGUAIA. Duas coisas / contribuíram para isso: as lutas atuais dos camponeses e o documento da COMISSÃO EXECUTIVA. O documento cumpre o papel de dar uma primeira informação da Direção sobre o ARAGUAIA. Ele é fruto do acordo e das concessões mútuas. Daí sua superficialidade. Mas o documento não responde ao nível das exigências. Nele não há lições, etc, mas ele preenche uma necessidade. É preciso captalizar fora as teses da forma camponesa nas lutas atuais.

EVARISTO:

A situação é muito boa: aumentamos os conflitos no campo. Mas não estamos em condições subjetivas de atuar. Se a crítica ao ARAGUAIA não foi feita, não poderemos abordar o movimento de massas agora. Não podemos ser espontaneista no movimento de massas. A autocrítica tem de ser clara e corajosa. É preciso ir ao fundo, etc. Como a guerrilha foi descoberta? O documento nada diz. É preciso auto-crítica sobre o que sucedeu. O documento não reflete a média de opiniões existentes no Comitê Central. A luta de idéias no Partido é um reflexo da luta de classes. É preciso entrar a fundo no exame auto-crítico em relação ao ARAGUAIA. Isso é essencial, pois cada um está em buído de sua idéia.

VALTER:

O que (1962) nos uniu para reorganizar o Partido foi como encaminhar a Revolução no BRASIL. O documento padece de idéias não corretas. Criam-se certos mitos, agora, há dificuldade em fazer auto-crítica. O documento vê o fenômeno e não a causa. Perdeu-se tanta gente ingloriamente, e agora, quando as lutas camponesas assumem vulto, não temos gente para comandar essas lutas. As massas camponesas estão procurando encontrar solução para seus problemas, através da utilização das leis existentes. É a partir delas que as massas se organizou. Os camponeses no MARANHÃO já não podem dizer que ocupam terras devolutas, pois todas tem donos, e até mais de um dono. Esse processo de luta das massas camponesas vai desembocar na luta de guerrilhas de massas.

Todo o Partido deve estar nessa tarefa (a do LAVRADOR). O problema / mais sério a enfrentar só as manobras do inimigo visando a esvaziar essas lutas camponesas. Quem está capitalizando essas lutas até o momento não é o partido e sim a Igreja. O governo tem fortes planos para esvaziar as lutas camponesas.

MANOEL:

O documento é contribuição da Direção sobre o problema do ARAGUAIA , mas ele não deixa claro se teve ou não derrota.

A causa mais geral da derrota foi política e se caracterizou numa errônea concepção da guerra popular. É preciso fazer uma auto-crítica franca. O "Progresso pela liberdade e os Direitos do Povo" só surgiu depois, quando o governo já teria iniciado o ataque. É preciso fazer uma auto-crítica séria do ARAGUAIA. A derrota foi política, e não militar apenas.

MARIA:

É preciso tirar ensinamentos do ARAGUAIA. Depois, outras lições que não se vêem agora surgirão. Agora, os camponeses começaram a compreender que existe outra forma de luta. Antes, eles fugiam. Agora lutam. Os camponeses de ÁGUA BRANCA usaram métodos de guerrilha, segundo jornais. Em "PERDIDOS", os camponeses se emboscaram e mataram alguns, segundo os jornais. Após o ARAGUAIA os métodos de luta dos camponeses mudaram. O ARAGUAIA tem tido enorme influência sobre todas as lutas atuais dos camponeses. O trabalho de preparação, no ARAGUAIA, foi bem feito. Depois houve liberalismo: deixou-se sair REGINA, com hepatite, que denunciou a guerrilha.

DIAS:

Tem divergências com relação a alguns pontos do documento. Mas acho que desempenha o seu papel, já que o Partido tinha de dar alguma explicação. A questão de fundo é realizar um balanço profundo do ARAGUAIA. É preciso não só usar lutar, mas também, saber lutar. O PCB vai aproveitar-se para dizer que o caminho é pacífico. Daí a necessidade de analisar o problema. No BRASIL se está estabelecendo um conflito social geral. A guerrilha popular / aqui se é diferente. Aqui, o fator principal é a luta pela liberdade, porque existe a Ditadura.

MÁRIO:

O documento foi um esforço para responder algumas preocupações e perguntas. O Exército foi para o ARAGUAIA porque já sabia onde era a "guerrilha". O espírito, na Executiva, foi alcançar um acordo. Quando a gente entra errado num negócio tem dificuldade em capitalizar. A dificuldade é porque entramos do lado errado. Há guerra popular e guerra particular. Aqui foi tentada a última. Agora, a repercussão do ARAGUAIA aumenta com o ressurgimento do movimento camponês. A concepção dos que fizeram a "guerrilha" é nacionalista. Não se aborda o problema camponês sob o ponto de vista da classe operária. O problema mais sério é que não há trabalho camponês do Partido.

ADEMIR:

Não concordo com muitas opiniões aqui expedidas. No caso do ARAGUAIA, o que predominou foi o acordo para fazer este documento. É a primeira opinião do Partido.

Não é documento definitivo. O debate vai continuar. A subestimação do inimigo foi a principal causa da derrota.

CONCLUSÕES

- 1) Aprovar Mensagem ao PC da CHINA, saudando HUA KUO FENG por sua elevação ao cargo de Presidente do PC da CHINE;
- 2) Aprovar Mensagem de saudação ao Congresso do Partido do Trabalho da ALBÂNIA.
- 3) Aprovar a expulsão das fileiras do Partido das seguintes pessoas: VERGATI, ROBERTO e ZÉ MARIA.
- 4) O CC vem com restrição a posição da Comissão Executiva ao publicar o documento sobre o ARAGUAIA sem antes ouvir o Comitê Central.
- 5) Encarregar a Comissão Executiva de elaborar um plano de trabalho do Partido para 1977.

MÁRIO:

A Comissão Executiva elaborou e publicou uma NOTA dando a posição eleitoral do Partido. Em São Paulo, Minas Gerais, os comunistas manifestaram desconfiança em relação à prestação da posição do Partido, apoiando o MDB, pois essa incompreensão havia sido sanada. A resistência das bases a orientação eleitoral da Comissão Executiva havia sido vencida. Em BELO HORIZONTE, a campanha eleitoral não teve conotação política: candidatos ruins, etc. Em BELO HORIZONTE, o Partido apoiou o MARCOS DIAS. A influência do Partido no DCE em BELO HORIZONTE foi decisiva. Em SÃO PAULO o Partido montou o painel e os Trotskistas dominaram o debate: RAIMUNDO a favor da orientação eleitoral do Partido, e ZÉ TAVARES contra. Em JUIZ DE FORA o Partido ajudou a constituir o Comitê Estadual e apoiou o vereador IVAM BARBOSA - foi eleito. Em CONTAGEM/MG, também "participamos" das eleições, onde ZÉ MARIA foi candidato a Prefeito, apoiado pelo Partido. Depois das eleições se havia criado boas condições para o desenvolvimento do trabalho do Partido em BELO HORIZONTE, em JUIZ DE FORA e em CONTAGEM. Em SÃO PAULO o Partido havia apoiado o candidato BENEDITO CINTRA, enquanto o grupo trotskista, "refazendo", apoiou o candidato BERREMBACK (parente do Almirante), o Sul também foi apoiado pelo pessoal do "PORFÍRIO" e desenvolveu uma campanha rica (gastou muito). O pessoal do jornal "MOVIMENTO" apoiou BENEDITO CINTRA, e a Igreja tomou posição de neutralidade na campanha eleitoral. Deve-se dar continuidade ao trabalho em conjunto com o CINTRA: formar um jornal do Bairro, reconstituir o convite (campanha contra a carestia, etc, organizar uma sede, etc. Em RIBEIRÃO PRETO, o terceiro Vereador mais votado foi apoiado pelo Partido (sub-legenda do MDB).

Nos comícios eleitorais no RIO GRANDE DO SUL, quando qualquer orador desejava arrancar aplausos, citava o nome de BRIZOLA. O MDB venceu em FEIRA DE SANTANA. Num comício do MDB em VITÓRIA, aglutinou mais de 5.000 pessoas. A legenda do MDB obteve 7.000 votos em LONDRINA, orientação dada pelo Partido, uma vez que os candidatos eram ruins. Em SÃO PAULO, os Trotskistas pregaram o "Voto Nulo". O grupamento Trotskista entre os Universitários, em SÃO PAULO, intitula-se "LUTA ESTUDANTIL".

DIAS:

Trouxe um resumo do informe de ENVER HODJA ao Congresso do Partido Trabalhista da ALBÂNIA, recentemente realizado; o resumo foi gravado da Rádio da TIRÂNIA. Essa rádio informou a presença de 84 Delegações de outros Partidos Comunistas a esse Congresso. A Rádio da TIRÂNIA transmitiu um comunicado completo da VCA e do PC da ALEMANHA, elogiando o informe de ENVER.

MÁRIO:

A organização "ANISTIA INTERNACIONAL" resolveu tornar 1977 o "ano do preso político", e que é necessário organizar, a fim de lutar em prol dos presos políticos. ANDRADA, OZÉAS e RIBEIRO tinham caído por liberalismo (são presos que, condenados, hoje estão em liberdade, após cumprirem a pena).

No movimento Operário em BELO HORIZONTE, os operários começaram a utilizar o método da "Catimba" no trabalho, como forma de protesto. A Comissão Executiva publicou um número especial de "A CLASSE OPERÁRIA" (SETEMBRO), em homenagem a MAO TSE TUNG. A NEIDE (amante do VERGATTI) tornou-se amante de um agente do DOPS de São PAULO.

ZÉ ANTÔNIO:

Houve descontentamento em MINAS GERAIS, entre a posição eleitoral da Comissão Executiva, mas depois disso foi corrigido, pois era "incompreensão" do Partido lá.

MÁRIO:

JEAN SEVER esteve no BRASIL recentemente. Ele participou do Congresso dos Partidos Sociais Democráticos (Socialistas de Direita), recentemente realizado na EUROPA. Esse congresso teria decidido intensificar suas atividades no chamado "Terceiro Mundo" e que SEVER esteve no BRASIL com o objetivo de cumprir tal decisão. No BRASIL SEVER teve contato com numerosas pessoas.

DIAS:

A situação internacional está nebulosa, não havendo motivos para euforias (como fazem os chineses ao dizerem que a situação internacional é excelente). Assistimos ao agravamento das crises do Sistema Imperialista e do Sistema Social-imperialista: crise econômica, política, ideológica, militar, etc. A disputa entre a UNIÃO SOVIÉTICA e os ESTADOS UNIDOS não pode ser resolvida pacificamente. Aumenta o desemprego nos EE UU (8 milhões de desempregados totais). Agrava-se a crise econômica também na ESPANHA, em PORTUGAL, na INGLATERRA, etc. A INGLATERRA teve de recorrer aos EE UU e ao FMI, obtendo um empréstimo de 4 bilhões de libras. Em face das dificuldades, a burguesia poria alternativas no Social-democracia e no fascismo. Não por acaso realizou-se o Congresso dos Socialistas, em BRUXELAS, que elegeu WILLY BRANDT para sua presidência. Os socialistas de direita estão se voltando para a AMÉRICA LATINA. Não se pode considerar as duas super potências (EE UU e URSS) no mesmo nível e medida. Tanto um quanto outro país estão contra os Partidos Comunistas. A divisão em três Mundos não é marxista. São necessárias reuniões uni-laterais e até gerais do Movimento Comunista.

MÁRIO:

Houve o processo do modelo econômico e político da Revolução no BRASIL; mantém-se as dificuldades. O governo de GEISEL está num impasse político e num impasse econômico. Agora estamos diante do resultado das eleições. A posição essencial do Partido foi a de votar no MDB. A direção do MDB fez o jogo de GEISEL, porque joga na possibilidade de obter a "alternância" no poder, visando a isso, o MDB submeteu-se. Aceitou a cassação do LISÂNEAS, do PINTO, etc, e nem permitiu que este fosse eleito para a direção do MDB. Onde houve campanha rudemente oposicionista, deu resultado. A direção do MDB aceitou a tese de GEISEL visando "conter os radicais" dos dois lados. A propósito do 27 de novembro, o governo iniciou o ataque às organizações marxistas. É do grupo MÉDICE que vem as bombas contra a ABI, etc. OZÉAS informou que os órgãos de segurança, em SÃO PAULO, temendo a abertura do regime, estão preparando-se para passarem à ilegalidade: constituem "aparelhos" ilegais, para onde estão mandando arquivos, etc. Ao regime apresenta-se só duas alternativas: ou o fascismo aberto, ou o fascismo aberto ou o fascismo com fachada democrática. As eleições serão aperfeiçoadas mas restringidas (caso do DJACIR), mas que o povo não se deixará enganar pelas manobras de GEISEL visando a institucionalizar a Ditadura, e vai resistir. É preciso organizar a resistência do povo. Deve-se concentrar todas as forças contra as manobras do GEISEL; desmascarar essas manobras, etc, lutar pelos direitos humanos, etc, /